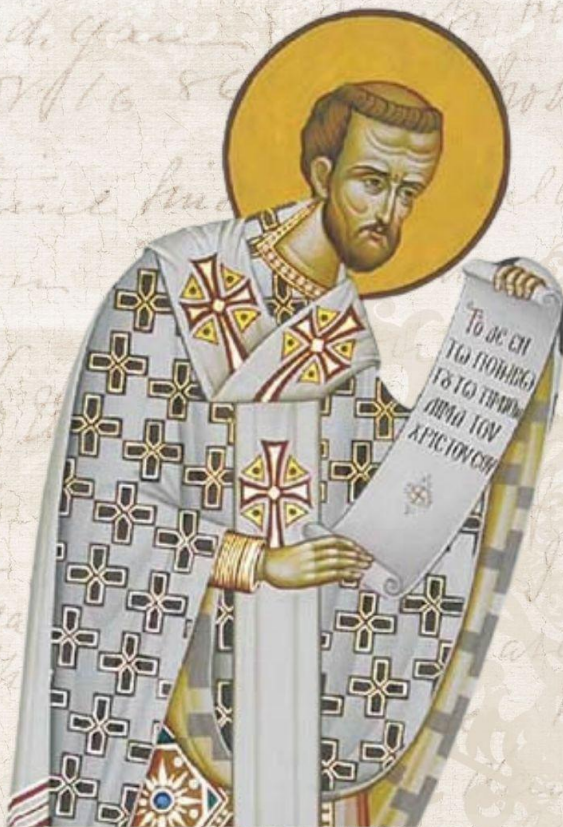


COLEÇÃO SOPHIA



ANTOLOGIA

DE TEXTOS ESPIRITUAIS

VOL. I:

«SÃO JOÃO CRISÓSTOMO»



© 2025 ECCLESIA

S O P H I A

Antologia de Textos Espirituais: «São João Crisóstomo»

Textos recolhidos da seção SOPHIA, de ECCLESIA (Brasil)
agrupados por autor.



SUMÁRIO

1.	«O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas» (Jo 10, 11).....	11
2.	«Se acreditásseis em Moisés, talvez acreditásseis em Mim, porque ele escreveu a Meu respeito».....	14
3.	«Pela cruz [...], levando em Si próprio a morte à inimizade» (Ef 2, 16) 16	
4.	«Por que fala assim?».....	17
5.	«Por que toda esta algazarra e tantas lamentações? [...] Está a dormir».....	19
6.	«Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo».....	20
7.	«A Tua majestade suprema é proclamada pela boca das crianças e dos pequeninos» (Sl 8,3).....	22
8.	«Eu estou no meio deles».....	23
9.	O homem da décima primeira hora: «Os últimos serão os primeiros»	24
10.	«Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!»	26
11.	«Os sofrimentos do Messias e a glória que viria após a sua Paixão» (1Pd 1,11)	28
12.	«Ensina-nos a orar».....	29
13.	«Terás um tesouro no Céu»	30
14.	«Então, hão de ver o Filho do Homem vir numa nuvem».....	31
15.	«O menino saltou de alegria no meu seio»	33
16.	«Jesus estendeu a mão e tocou-lhe, dizendo: ‘Quero, fica purificado’».....	34
17.	«Vendo Jesus a fé daqueles homens».....	35
18.	«Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores» (Mt 6,12).....	36
19.	«Ele curou muitos doentes»	37
20.	«E quem der de beber [...], ainda que seja somente um copo de água fresca, [...] não perderá a sua recompensa».....	38
21.	«A parábola do joio».....	40
22.	«A parábola do fermento».....	41
23.	«Tanto amou Deus o mundo»	43
24.	«Queres honrar o Corpo de Cristo?»	44
25.	«Tem piedade de mim, que sou pecador».....	46
26.	«Santo André: o primeiro a ser chamado, o primeiro a dar testemunho»	47

27.	«Vinde Comigo e Eu farei de vós pescadores de homens»	48
28.	«Foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração».....	49
29.	«Os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens» 50	
30.	«O homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher, e serão os dois uma só carne».....	51
31.	«Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»	53
32.	«Eles converteram-se em resposta à proclamação feita por Jonas» 54	
33.	«Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então sabereis que Eu sou».....	55
34.	«Judas saiu logo; era noite»	57
35.	«A tristeza que gera a alegria».....	58
36.	«Não podeis servir a Deus e ao dinheiro».....	59
37.	«Quem vos recebe, a Mim recebe»	60
38.	«Proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades»	61
39.	«Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo»...	62
40.	«Sois todos irmãos».....	63
41.	«Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alarmeis»	64
42.	«Senhor, não lhes atribuas este pecado».....	65
43.	«Os cachorrinhos comem debaixo da mesa as migalhas dos filhos» 66	
44.	«Quem pede recebe».....	67
45.	«O Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba»	68
46.	«Acolher Cristo».....	69
47.	«As palavras que vos disse são espírito e vida»	71
48.	«São Matias, testemunha da Ressurreição, escolhido por Deus» 72	
49.	«Que devo fazer para alcançar a vida eterna?»	73
50.	«Ainda lhe restava um: o seu filho bem-amado»	74
51.	«O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida»	75
52.	«Quem pode perdoar pecados senão Deus?» (Mc 2,7).....	76
53.	«E as revelaste aos pequeninos»	79

54.	«Assim também é necessário que o Filho do Homem seja erguido ao alto, a fim de que todo o que n'Ele crê tenha a vida eterna»	
	80	
55.	«O semeador semeia sem contar».....	81
56.	«Fazer frutificar os dons recebidos»	82
57.	«O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida»	84
58.	«Até toda a massa ficar levedada»	85
59.	«Sou manso e humilde de coração»	86
60.	«Sigamos os Magos».....	87
61.	«A multiplicação dos pães»	89
62.	«Acolher a Cristo»	90
63.	«O alimento que perdura e dá a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará»	91
64.	«Toda a criação geme e sofre as dores de parto» (Rm 8,22).....	92
65.	«Filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados».....	93
66.	«Coloca-a no candelabro».....	94
67.	«Proibiu-lhes formalmente de dizerem fosse a quem fosse que Ele era o Messias de Deus».....	95
68.	«Ser o fermento na massa»	96
69.	«Quando estiveres no teu Reino».....	97
70.	«Que devo fazer, Senhor?»	99
71.	«Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem seja ressuscitado dentre os mortos»	100
72.	«Eu estou no meio deles».....	101
73.	«Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»	103
74.	«Se não virdes sinais extraordinários e prodígios, não acreditareis!».....	104
75.	«Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim»	105
76.	«Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens».....	106
77.	«Jesus saiu ao seu encontro e saudou-as»	107
78.	«Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei-de ver-vos de novo! E [...] ninguém vos poderá tirar a vossa alegria»	108
79.	«Pregando o Evangelho do Reino e curando todas as doenças e enfermidades»	109
80.	«Não temais».....	110
81.	«Caíram em boa terra e deram fruto»	111
82.	«A morte de João Batista»	112
83.	«O poder de uma oração perseverante»	113

84.	«Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»	114
85.	«Por cima dele havia um lereiro: "Este é o rei dos Judeus"».....	116
86.	«Eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus».....	117
87.	«Pobres, sempre os tereis convosco».....	118
88.	«Entra na alegria do teu Senhor» (Mt 25,23).....	120
89.	«O pão que Eu hei de dar é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo».....	121
90.	«Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa».....	123
91.	«Vós sois o sal da Terra».....	124
92.	«A seara é grande».....	125
93.	«A libertação dos cativos».....	126
94.	«E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, [...] não perderá a sua recompensa».....	127
95.	«Estai [...] preparados»	128
96.	«Fitando nele os olhos, Jesus disse-lhe: "Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas" — que quer dizer "Pedro"»	129
97.	«Na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver»...130	
98.	«O verdadeiro pão descido do Céu».....	131
99.	«O sal da humildade».....	132
100.	«Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»	133
101.	«Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»	134
102.	«Beber do seu cálice e sentar-se à sua direita»	135
103.	«Cada um à sua hora».....	136
104.	«Ele não anda conosco»	137
105.	«O sinal de Jonas».....	138
106.	São Lucas, evangelista: «Resolvi [...] expor-te por escrito» (1,3) 139	
107.	«O Filho do homem é também Senhor do sábado»	140
108.	«O nosso pastor dá-Se a Si próprio em alimento»	142
109.	«Agir como Abraão»	143
110.	«Dia da Ressurreição, dia da nossa alegria!»	144
111.	«Fizeram penitência ao ouvir a pregação de Jonas»	145
112.	«Os apóstolos, testemunhas de Cristo ressuscitado».....	146
113.	«Até ficar tudo levedado».....	147
114.	«Quando vieres com a tua realeza».....	149
115.	«Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alarmeis»	150
116.	«Tinha ainda alguém para enviar: o seu querido Filho».....	152

117.	«Homem de pouca fé, porque duvidaste?».....	153
118.	«Ide vós também para a minha vinha».....	154
119.	«Tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos» ..	155
120.	«As duas vindas de Cristo»	156
121.	«Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»....	158
122.	«As palavras que Eu vos disse são espírito e são vida».....	159
123.	«Este é o meu sangue [...], derramado pela multidão»	160
124.	«Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas; não vim revogar, mas completar».....	162
125.	«Daqui em diante serás pescador de homens»	163
126.	«Mas sobre o candelabro»	164
127.	«As parábolas do tesouro e da pérola».....	165
128.	«Concede-me um prazo».....	166
129.	«Mas coloca-a num candelabro»	167
130.	«Jesus exultou de alegria pela ação do Espírito Santo».....	168
131.	«Tem compaixão de mim, que sou pecador»	169
132.	«A oração humilde e perseverante»	170
133.	«Lázaro, sai para fora»	171
134.	«Tu amas-Me? [...] Apascenta as minhas ovelhas»	172
135.	«A luz na lamparina»	173
136.	«O pai e a mãe do Menino Jesus estavam admirados com o que dele se dizia».....	174
137.	«Encontramos o Messias».....	175
138.	«Cristo veio curar-nos da lepra do pecado».....	176
139.	«O alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará»	177
140.	«Aquele que os [mandamentos] praticar e ensinar será grande no Reino dos Céus».....	178
141.	«Darei a minha vida por Ti» (Jo 13,37).....	179
142.	«Porque pensais mal em vossos corações?».....	180



APRESENTAÇÃO

Antologia de Textos Espirituais: São João Crisóstomo inaugura uma série dedicada a reunir, em volumes temáticos, escritos espirituais de diversos Padres da Igreja, sempre a partir da mesma fonte: a seção Sophia da Biblioteca Byblos, no site Ecclesia.

Ao longo dos anos, a Sophia revelou-se um verdadeiro tesouro de espiritualidade patrística, preservando e difundindo textos que iluminam as Escrituras e oferecem alimento sólido à vida cristã. Foi dela que se recolheram as páginas aqui reunidas, cuidadosamente selecionadas para apresentar o vigor teológico e a profundidade pastoral de São João Crisóstomo, o “Boca de Ouro” da Igreja.

Estes textos tiveram origem no Evangelho Cotidiano, newsletter que há muito circula fielmente, oferecendo breves meditações espirituais, muitas vezes com a voz dos Padres da Igreja. Preservadas ao longo dos anos, essas publicações compõem agora um acervo reunido e organizado em formato de livro.

Com este primeiro volume, busca-se conservar e tornar acessível ao público atual a beleza da pregação e a clareza do ensinamento espiritual de São João Crisóstomo. Nos próximos, serão apresentados outros grandes Padres, compondo um panorama vivo e inspirador da tradição patrística para que novas gerações bebam da mesma fonte que fortaleceu a fé da Igreja ao longo dos séculos.

Em Cristo,
Pe. André

1. «O bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas» (Jo 10, 11)

Homília 88 sobre o Evangelho de João;
PG 59, 477 (trad. Orval)

Aquilo que mais atrai a benevolência do alto é o zelo para com o próximo. Por isso Cristo exige de Pedro esta disposição:

«Simão, filho de João, tu amas-Me mais do que estes?»

Pedro respondeu:

«Sim, Senhor, Tu sabes que sou verdadeiramente Teu amigo».

E Jesus disse-lhe:

«Apascenta os Meus cordeiros».

Por que, deixando de lado os outros apóstolos, Jesus se dirige a Pedro falando a respeito deles? Porque Pedro era o primeiro entre os apóstolos, o seu porta-voz, o chefe do colégio apostólico — de tal maneira que foi a ele, e não a outros, que Paulo veio um dia consultar (cf. Gl 1,18). Para mostrar a Pedro que devia confiar e que a sua negação estava perdoada, Jesus concede-lhe agora a primazia entre os irmãos. Não menciona a sua queda, nem o expõe à vergonha do passado.

«Se Me amas — diz-lhe — permanece à frente dos teus irmãos; e o amor fervoroso que tantas vezes Me

manifestaste com alegria, demonstra-o agora. A vida que dizias estar disposto a dar por Mim, dá-a agora pelas Minhas ovelhas».

Contudo, Pedro sente-se perturbado, temendo que parecesse amar muito sem amar de fato. Reflete consigo: “Assim como no passado me sentia seguro de mim mesmo, agora estou confuso”. Por isso Jesus o interroga três vezes, e três vezes lhe confia a mesma missão. Assim manifesta o apreço que dá ao cuidado das Suas ovelhas, oferecendo a Pedro, de fato, a maior prova de amor que poderia receber.

2. «Se acreditásseis em Moisés, talvez acreditásseis em Mim, porque ele escreveu a Meu respeito»

2º Sermão sobre o Gênesis

No princípio dos tempos, o Senhor — que havia criado o homem — falava-lhe diretamente, e este era capaz de compreendê-Lo. Assim conversava Deus com Adão, como mais tarde conversaria com Noé e com Abraão.

Mesmo depois de o gênero humano se ter precipitado no abismo do pecado, Deus não rompeu por completo a sua relação com ele; apenas se tornou menos familiar, pois os homens se haviam tornado indignos dessa intimidade. Ainda assim, quis, na Sua bondade, renovar laços de benevolência, mas já não de forma direta, e sim por meio de “mensagens”,

como se escreve a um amigo distante. Assim, podia atrair de novo a Si toda a humanidade.

O portador dessas “cartas” que Deus enviava foi Moisés. Abramós, pois, essas cartas e leiamos as primeiras palavras:

«No princípio, criou Deus o céu e a terra.»

Que maravilha! Moisés, que veio ao mundo muitos séculos depois da criação, foi verdadeiramente inspirado do alto para nos narrar as obras grandiosas que Deus realizou ao criar o mundo. É como se ele nos falasse diretamente, dizendo:

«Foram os homens que me ensinaram o que vos anuncio? De modo nenhum! Foi o próprio Criador, Aquele que fez estas maravilhas, quem dirige a minha língua para vo-las proclamar. Por isso, peço-vos: façam calar toda murmuração e todo raciocínio humano. Não escuteis este relato como se fosse apenas palavra minha, pois é o próprio Deus que vos fala; eu sou apenas o Seu intérprete.»

Irmãos, acolhamos a Palavra de Deus com coração humilde e agradecido. Pois é Ele quem criou todas as coisas, é Ele quem as prepara e dispõe com sabedoria. É Ele quem conduz o homem, por meio do visível, ao conhecimento do Criador do universo; quem ensina a contemplar o Artífice

supremo nas Suas obras, para que saibamos adorar o nosso Criador.

3. «Pela cruz [...], levando em Si próprio a morte à inimizade» (Ef 2, 16)

*Homilia sobre a traição de Judas,
2, 6; PG 49, 390 (trad. Delhougne, Les Pères
commentent, p. 95)*

Cristo deu a Sua vida por você — e você continua a desprezar aquele que é servo como você? Como pode se aproximar da mesa da paz com tal disposição? O seu Mestre não hesitou em suportar, por amor a você, todos os sofrimentos; e você se recusa a abrir mão sequer da sua ira?

«Mas ele me ofendeu gravemente — você diz — foi tantas vezes injusto comigo, chegou até a me ameaçar de morte!»

E daí? Ele ainda não o crucificou, como os inimigos do Senhor O crucificaram.

Se você não perdoa as ofensas do seu próximo, o Pai que está nos céus também não perdoará as suas faltas (cf. Mt 6,15). E o que diz a sua consciência quando você pronuncia estas palavras: «Pai nosso, que estás nos céus, santificado seja o Teu nome...» e tudo o que se segue? Cristo não fez distinção:

derramou o Seu sangue também por aqueles que derramaram o Dele. Seria você capaz de fazer algo semelhante?

Quando se recusa a perdoar o inimigo, você prejudica a si mesmo, não a ele. O que está preparando é o seu próprio castigo para o dia do juízo.

Escute o que diz o Senhor:

«Quando você for apresentar a sua oferta sobre o altar e ali se lembrar de que o seu irmão tem alguma coisa contra você, deixe a sua oferta diante do altar; vá primeiro reconciliar-se com o seu irmão e então volte para apresentar a sua oferta» (cf. Mt 5,23-24).

Pois o Filho do Homem veio ao mundo para reconciliar a humanidade com o Pai. Como afirma São Paulo:

«Agora Deus reconciliou consigo todas as coisas» (Cl 1,22); «pela cruz, matando nela a inimizade» (Ef 2,16).

4. «Por que fala assim?»

Homilias sobre São Mateus, nº 29

Os doutores da Lei diziam: «Ele blasfema! Quem pode perdoar pecados senão Deus?» Qual foi a resposta do Salvador? Teria Ele desaprovado o que afirmavam? Se não fosse igual a Deus, deveria ter-lhes dito: «Por que Me atribuíis tal pretensão?»

Mas nada disso disse; ao contrário, confirmou a afirmação dos seus adversários. Dar testemunho de si mesmo

pode levantar suspeitas; é mais convincente que a verdade seja confirmada por outros — e melhor ainda se for pelos próprios inimigos.

O nosso Mestre já havia manifestado o Seu poder diante dos amigos quando disse ao leproso: «Quero, fica purificado» (Mc 1,41) e ao centurião: «Em Israel, não encontrei ninguém com tanta fé!» (Mt 8,10). Agora, porém, faz com que sejam os adversários a prestar-Lhe testemunho.

Mas há aqui ainda outro sinal da divindade de Jesus Cristo, prova de que Ele é igual ao Pai: não apenas porque somente Deus pode perdoar pecados, mas também porque só Ele pode penetrar nos pensamentos secretos do coração humano. Está escrito: «Jesus percebeu logo, em Seu íntimo, que eles assim discorriam, e disse-lhes: ‘Por que discorreis assim em vossos corações?’» (Mc 2,8). O profeta já dissera: «Só Tu conheces o coração dos homens» (2Cr 6,30); «Tu, que perscrutas o íntimo dos corações» (Sl 7,10); e: «O homem vê as aparências, mas o Senhor vê o coração» (1Sm 16,7).

Ao mesmo tempo, Cristo revela a Sua ternura: «Por que alimentais pensamentos maus em vossos corações?» (Mt 9,4).

E prossegue:

«O que vos parece mais fácil: curar o corpo enfermo ou perdoar os pecados da alma? A alma é mais elevada, e suas enfermidades são mais difíceis de curar. Mas, como essa cura é invisível, realizarei diante de vossos olhos uma cura visível — ainda que menor.»

Então, ordena ao paralítico que se levante e volte para casa. É como se lhe dissesse:

«Por meio do que aconteceu contigo, Eu quis curar também estas pessoas, que parecem ter saúde, mas cuja alma está enferma. Como não querem ser curadas, vai tu para a tua casa; ao menos lá, a tua cura dará frutos.»

5. «Por que toda esta algazarra e tantas lamentações? [...] Está a dormir»

*Homilias sobre São Mateus, nº 31, 1-3
(trad. Vêricel, O Evangelho Comentado, pp. 155-156)*

«Ao chegar à casa do chefe da sinagoga, encontrou grande alvoroço e gente chorando e gritando. Entrando, disse-lhes: 'Por que todo esse tumulto e tantas lamentações? A menina não morreu; está apenas dormindo.' Mas zombavam Dele.»

Assim nos ensina Jesus a não temer a morte, pois ela já não é uma verdadeira morte: de agora em diante, não passa de um sono. E, como Ele próprio haveria de enfrentar a morte, prepara os Seus discípulos, ressuscitando outros antes, para que confiem n'Ele e não se perturbem quando O virem morrer. Desde a vinda de Cristo, a morte tornou-se apenas um sono.

Mesmo diante da zombaria, Jesus não Se irrita com a incredulidade que demonstravam diante do milagre que estava para realizar. Não repreende os risos, mas permite que

eles, junto com as flautas e demais preparativos fúnebres, deixem clara a realidade da morte da menina.

Ao ver os músicos e a multidão, Jesus mandou a todos saírem, e realizou o milagre apenas na presença dos pais — como quem desperta uma criança de um simples sono.

É evidente: agora a morte é apenas um sono, e esta verdade brilha mais que o sol.

«Mas explique-me: por que Jesus não ressuscitou o meu filho?»

Não agora — mas ressuscitá-lo-á, e em glória incomparavelmente maior. Pois esta menina, que Ele devolveu à vida, morreu outra vez; já o seu filho, quando o Senhor o ressuscitar, será para a vida eterna, imortal.

Portanto, ninguém mais chore ou lamente, nem critique a obra de Cristo. Ele venceu a morte! Por que derramar lágrimas inúteis? Se a morte se tornou um sono, por que gemer e chorar?

6. «Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»

Catequese 18 sobre o Evangelho de São João

«Eis o Cordeiro de Deus», diz João Batista. Jesus não diz nada; é João quem fala tudo. O Esposo costuma agir assim: ainda não fala diretamente à Esposa, mas Se apresenta em silêncio. Outros O anunciam e Lhe entregam a Esposa. Quando ela chega, o Esposo não a toma por si mesmo, mas a

recebe das mãos de outrem. E, assim que a recebe, une-se a ela de tal modo que ela já não se lembra daqueles que deixou para segui-Lo.

Assim aconteceu com Jesus Cristo. Ele veio para desposar a humanidade. Não falou muito; apenas Se apresentou. Foi João, o amigo do Esposo, quem colocou nas mãos de Cristo a mão da Esposa — isto é, o coração dos homens —, já conquistados por sua pregação. Então Jesus os acolheu e os enriqueceu com tantos bens, que eles não voltaram àquele que os conduzia até Ele. Elevou a Esposa de sua humilde condição e a conduziu à casa de Seu Pai.

Foi João, o amigo do Esposo, o único presente nestas bodas. Naquele momento, foi ele quem fez tudo: vendo Jesus aproximar-Se, proclamou: «*Eis o Cordeiro de Deus.*» Assim mostrou que dava testemunho não apenas com a voz, mas também com o olhar. Admirava o Filho de Deus e, contemplando-O, seu coração transbordava de alegria e júbilo. Antes mesmo de anunciá-Lo, já O venerava presente, e revelava o dom que Ele veio trazer: «*Eis o Cordeiro de Deus.*»

É Ele — diz João — quem tira o pecado do mundo, e o faz continuamente, não apenas no momento de Sua Paixão, quando sofreu por nós. Se oferece uma só vez em sacrifício pelos pecados do mundo, mas esse sacrifício único purifica

para sempre os pecados de todos os homens, até o fim dos tempos.

7. «A Tua majestade suprema é proclamada pela boca das crianças e dos pequeninos» (Sl 8,3)

4ª Homilia sobre a 1ª Epístola aos Coríntios

«A loucura de Deus é mais sábia que os homens, e a fraqueza de Deus é mais forte que todos os homens» (1Co 1,25).

Sim, a cruz pode parecer, aos olhos do mundo, uma loucura e uma fraqueza — mas apenas em aparência. Pela cruz, Deus conquistou corações e mentes no mundo inteiro, servindo-Se de pregadores simples, pobres e sem instrução. A doutrina da cruz não tratava de coisas banais, mas das realidades mais sublimes: Deus e a verdadeira fé, a vida segundo o Evangelho e o julgamento futuro.

Assim, homens iletrados e de condição humilde tornaram-se verdadeiros filósofos da vida espiritual. Esta “loucura” mostrou-se mais sábia que toda a sabedoria dos homens, pois se espalhou por toda a Terra, submeteu multidões ao seu poder e resistiu a inumeráveis adversários que procuraram apagar o nome do Crucificado. Pelo contrário, esse nome floresceu e propagou-se; os inimigos

pereceram e desapareceram, e aqueles que, vivos, combatiam um morto, foram reduzidos à impotência.

O que publicanos e pecadores alcançaram pela graça de Deus — transformar o mundo —, filósofos, oradores, reis e toda a terra, com toda a sua sabedoria, jamais poderiam sequer conceber. Era pensando nisso que o apóstolo dizia: «A fraqueza de Deus é mais forte que todos os homens». Pois como poderiam doze pescadores, pobres e ignorantes, conceber e realizar tão grande e glorioso empreendimento?

8. «Eu estou no meio deles»

Homilia 8 sobre a Epístola aos Romanos

Quando vos digo para imitardes o apóstolo Paulo, não quero dizer que devais ressuscitar mortos ou curar leprosos. Fazei algo maior que isso: cultivai a caridade. Tende o amor que animava São Paulo, pois esta virtude é muito superior ao poder de realizar milagres. Onde há caridade, aí reina o Filho de Deus com o Pai e o Espírito Santo — Ele que disse: «*Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles*» (Mt 18,20). Gostar de estar juntos é sinal de uma amizade não apenas verdadeira, mas forte.

Haverá, então, quem seja tão miserável a ponto de não desejar ter Cristo no meio de si? Sim, meus filhos: nós

mesmos, quando expulsamos o Senhor do nosso convívio por causa das contendas.

Talvez alguém diga:

«Mas que estás dizendo? Não vês que nos reunimos em Seu nome, na mesma casa, no recinto desta igreja, atentos à voz do nosso pastor? Sem a menor dissensão, unidos no canto e na oração, ouvindo juntos a palavra?»

Sim, eu sei que estamos no mesmo redil, sob o cajado do mesmo pastor. E é justamente isso que me faz chorar ainda mais amargamente. Pois, se agora estais tranquilos e silenciosos, quando saís da igreja, este critica aquele; um insulta o outro publicamente; outro se deixa consumir pela inveja, pelo ciúme ou pela avareza; um terceiro maquina vingança; um quarto se entrega à sensualidade, à duplicidade ou à fraude.

Respeitai, portanto — respeitai a mesa santa à qual todos comungamos; respeitai a Cristo, que foi imolado por nós; respeitai o sacrifício que é oferecido sobre este altar, que está no meio de nós.

9. O homem da décima primeira hora: «Os últimos serão os primeiros»

Homilia para a Sexta-feira Santa – «A Cruz e o ladrão»
(a partir da trad. Année en fêtes, Migne 2000, p. 277)

O que fez, afinal, o ladrão para herdar o paraíso imediatamente após a cruz?

Enquanto Pedro negava o Senhor, o ladrão, do alto da cruz, dava testemunho Dele. Não digo isto para diminuir Pedro, mas para exaltar a grandeza de alma daquele ladrão.

Enquanto a multidão se aglomerava em torno, acusando, vociferando, lançando blasfêmias e sarcasmos contra o Crucificado, ele nada disso considerou. Nem sequer se deteve no estado miserável da crucifixão que via diante de si. Sobre tudo isso lançou um olhar cheio de fé. Voltou-se para o Senhor dos céus e, entregando-se inteiramente a Ele, disse:

«Lembra-Te de mim, Senhor, quando entrares no Teu Reino» (Lc 23,42).

Não desprezemos o exemplo do ladrão, nem tenhamos vergonha de tomá-lo como mestre — aquele a quem o próprio Senhor não se recusou a fazer entrar no paraíso antes de todos.

Ele não recebeu de Cristo as mesmas palavras que foram ditas a Pedro: «Vem, segue-Me, e farei de ti pescador de homens» (Mt 4,19). Não ouviu, como os Doze, a promessa: «Sentar-vos-eis sobre doze tronos para julgar as doze tribos de Israel» (Mt 19,28).

Não lhe foi concedido nenhum título; não lhe foi mostrado qualquer milagre. O ladrão não viu mortos ressuscitarem, nem demônios expulsos, nem o mar obedecer

à voz do Senhor. Cristo não lhe falou sobre o Reino, nem sobre a geena.

E, no entanto, deu testemunho Dele diante de todos — e recebeu o Reino como herança.

10. «Quem tem ouvidos para ouvir, ouça!»

Sermão nº 44 sobre São Mateus; Homilia sobre Lázaro;
PG 57, 467

Na parábola do semeador, Cristo mostra que a Sua Palavra se dirige a todos indistintamente. Assim como o semeador não distingue entre os terrenos, mas lança a semente em todas as direções, também o Senhor não faz acepção entre rico e pobre, sábio e ignorante, negligente e aplicado, corajoso e tímido. Ele se dirige a todos e, ainda que conheça o futuro, empenha-Se totalmente, a ponto de poder dizer: «Que mais poderia Eu fazer, que não tenha feito?» (Is 5,4).

O Senhor conta esta parábola também para encorajar os discípulos, ensinando-os a não se desanimarem quando os que acolhem a Palavra são menos numerosos que os que a rejeitam. Assim procedia o próprio Mestre: mesmo sabendo o que aconteceria, não deixava de espalhar a semente.

Poder-se-ia perguntar: que benefício há em lançar a semente entre espinheiros, sobre pedras ou no caminho? No campo material, isso seria inútil: a pedra não se torna terra fértil, o caminho não deixa de ser caminho, e os espinhos não deixam de ser espinhos. Mas no campo espiritual é diferente:

a pedra pode tornar-se boa terra; o caminho pode deixar de ser pisado e converter-se em campo cultivado; os espinhos podem ser arrancados, permitindo que a semente frutifique livremente.

Se a semente seca, não é por causa do calor — Jesus não disse que ela secou por causa dele, mas por “falta de raiz”. E, se a Palavra é sufocada, não é por causa dos espinhos em si, mas porque se permitiu que crescessem livremente. O homem pode impedi-los de crescer; pode fazer bom uso da riqueza. É por isso que o Salvador não fala “do mundo”, mas dos “cuidados do mundo”; não fala “da riqueza”, mas da “sedução da riqueza”. Portanto, não acusemos as coisas em si mesmas, mas a corrupção da nossa consciência.

Não é o agricultor, nem a semente, mas a terra — isto é, as disposições do coração — que determina o resultado. A bondade de Deus é tão grande que Ele não exige de todos a mesma medida de virtude: acolhe os primeiros, não rejeita os segundos e ainda dá lugar aos terceiros.

O semeador não deixou de semear, mesmo sabendo que três partes se perderiam e apenas uma daria fruto. Bastou-lhe essa parte para continuar seu trabalho. É impossível que a semente lançada diante de um vasto auditório não encontre algum coração fértil: se não for um terço, será um décimo; se não for um décimo, ainda que seja apenas um único ouvinte, não se deve deixar de falar.

A salvação de uma só ovelha não é pouca coisa: o Bom Pastor deixou as noventa e nove para ir atrás da perdida (Lc 15,4). Mesmo que seja só um, é um homem amado por Deus; para ele o sol, o ar, as fontes e o mar foram criados; para ele

foram enviados os profetas e dada a Lei; por ele o Filho único de Deus Se fez homem e foi imolado. Como ousar desprezar alguém assim?

É necessário, então, começar por ouvir atentamente a Palavra; depois, guardá-la fielmente na memória; em seguida, encher-se de coragem; e, por fim, desprezar a sedução das riquezas e livrar-se do apego aos bens do mundo. Se Jesus coloca a escuta da Palavra antes de todas as condições, é porque ela é o fundamento de tudo: «E como hão de crer n'Aquele de quem não ouviram falar?» (Rm 10,14). Sem atenção ao que se ouve, não se conhecerão os deveres a cumprir; só depois virão a coragem e o desapego.

Portanto, não deixarei de semear a Palavra, ainda que ninguém me escute. Sou médico, proponho o remédio; devo ensinar, pois foi-me dada a ordem de instruir: «Estabeleci-te como sentinela sobre a casa de Israel» (Ez 3,17).

11. «Os sofrimentos do Messias e a glória que viria após a sua Paixão» (1Pd 1,11)

Homilia sobre: «Pai, se for possível...»

Ao aproximar-Se da morte, o Salvador exclamou:

«Pai, chegou a hora; glorifica o Teu Filho» (Jo 17,1).

Ora, a Sua glória é a Cruz. Como poderia Ele evitar aquilo que, em outro momento, pediu ao Pai?

Que a Sua glória é a Cruz, o Evangelho o ensina claramente ao dizer: «O Espírito Santo ainda não tinha sido

dado, porque Jesus ainda não tinha sido glorificado» (Jo 7,39). Eis o sentido dessa palavra: a Graça ainda não havia sido concedida, porque Cristo ainda não tinha subido à Cruz para pôr fim às hostilidades entre Deus e os homens.

Foi a Cruz que reconciliou a humanidade com Deus, que transformou a terra em Céu, que uniu homens e anjos. Ela derrubou a fortaleza da morte, destruiu o poder do demônio, libertou o mundo do erro e lançou os alicerces da Igreja.

A Cruz é a vontade do Pai, a glória do Filho e a jubilação do Espírito Santo. É também o orgulho de São Paulo, que declara: «*Quanto a mim, que eu me glorie apenas na Cruz de nosso Senhor Jesus Cristo*» (Gl 6,14).

12. «Ensina-nos a orar»

Homilia do século V, atribuída erroneamente a São João Crisóstomo – nº 6 sobre a oração; PG 64, 461 (a partir da trad. De Brésard, 2000 ans A, p. 196 rev.; cf. Bréviaire)

O bem supremo é a oração: o diálogo familiar com Deus. Ela é relação viva e união íntima com o Senhor. Assim como os olhos do corpo se iluminam ao contemplar a luz, assim também a alma, voltada para Deus, é iluminada pela Sua luz inefável.

A oração não é fruto de uma simples postura exterior, mas brota do coração. Não se limita a horas ou momentos determinados: permanece ativa sem cessar, noite e dia. Não devemos orientar o nosso pensamento para Deus apenas no momento formal da oração; mas, mesmo quando estamos

ocupados com outras tarefas — como o cuidado aos pobres ou qualquer outra obra boa e útil — devemos associar-lhes o desejo e a lembrança de Deus, oferecendo ao Senhor do universo um alimento suavíssimo, temperado com o sal do amor divino. Se consagrarmos boa parte do nosso tempo a isso, colheremos frutos preciosos para toda a nossa vida.

A oração é a luz da alma, o verdadeiro conhecimento de Deus, a mediadora entre o Criador e os homens. Por meio dela, a alma se eleva ao céu e abraça o Senhor com um afeto inexprimível. Como o lactente junto à mãe, clama a Deus com lágrimas, sedenta do leite divino. Nela, a alma exprime os seus desejos mais profundos e recebe dons que superam tudo o que se pode ver na criação.

A oração, pela qual nos apresentamos com reverência diante de Deus, é a alegria do coração e o repouso da alma.

13. «Terás um tesouro no Céu»

*Homilia 63 sobre São Mateus; PG 58,603
(trad. cf. Marc commenté, DDB 1986, p. 104)*

Cristo havia dito ao jovem: «*Se queres entrar na vida eterna, cumpre os mandamentos*» (Mt 19,17).

E ele pergunta: «*Quais?*» — não para pôr o Senhor à prova, de forma alguma, mas porque supunha que Jesus teria, além da Lei de Moisés, outros mandamentos que pudessem conduzi-lo à vida. Era sinal de um desejo ardente.

Depois de Jesus lhe enumerar os mandamentos da Lei, o jovem responde: «*Tenho cumprido tudo isso*». Mas

acrescenta: «*Que me falta ainda?*» (Mt 19,20). É certo que não são almas pequenas aquelas que reconhecem ainda faltá-lhes algo, que consideram insuficiente o ideal já alcançado para atingir o objeto de seus desejos.

E que lhe diz Cristo? Propõe-lhe algo grandioso. Começa pela recompensa, dizendo: «*Se queres ser perfeito, vai, vende tudo o que possuis, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no céu; depois, vem e segue-Me*».

Vês o prêmio? Vês a coroa que Ele oferece como recompensa desta corrida espiritual? Para atrair o jovem, o Senhor lhe apresenta, antes de tudo, a recompensa gloriosa; mostra-lhe o cenário completo. O que poderia parecer penoso permanece velado. Antes de falar de lutas e renúncias, mostra-lhe a glória e a felicidade:

«*Terás um tesouro nos céus; depois, vem e segue-Me*».

Eis a magnífica recompensa daqueles que seguem a Cristo, que escolhem ser Seus companheiros e amigos!

Este jovem estimava as riquezas da terra; Cristo o aconselha a despojar-se delas — não para empobrecer, mas para enriquecer ainda mais.

14. «Então, hão de ver o Filho do Homem vir numa nuvem»

Homilia sobre a cruz e o ladrão,
(a partir da trad. de L'Année en fêtes, Migne 2000, p.
282)

Quer saber o quanto a cruz é sinal do Reino? É com esse mesmo sinal que Cristo virá, na Sua segunda e gloriosa vinda! Para que compreendamos quão digna de veneração é a cruz, Ele a fez Seu título de glória.

Sabemos que Sua primeira vinda se deu de forma discreta, e tal reserva estava justificada: veio, de fato, procurar o que estava morto. Mas a segunda vinda será bem diferente. Então, Ele aparecerá diante de todos, e ninguém precisará perguntar se Cristo está aqui ou ali (cf. Mt 24,26); não será necessário questionar se Deus está presente. O que se há de perguntar é: virá Ele trazendo a cruz?

«Assim será a vinda do Filho do Homem... o sol se escurecerá e a lua não dará a sua luz» (Mt 24,27.29).

A glória de Sua luz será tão intensa que ofuscará até os astros mais brilhantes. *«As estrelas cairão do céu... então aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem»* (Mt 24,29-30).

Vê o poder do sinal da cruz? O sol se apagará, a lua não dará sua claridade — e, no entanto, a cruz brilhará com fulgor, bem visível, para que saibas que seu esplendor é maior que o do sol e da lua.

Tal como, quando um rei entra numa cidade, os soldados levam sobre os ombros os estandartes reais à sua frente para anunciar a sua chegada, assim também, quando o Senhor descer do céu, a corte dos anjos e arcanjos, levando

esse sinal sobre os ombros, anunciará a vinda de Cristo, nosso Rei.

15. «O menino saltou de alegria no meu seio»

Homilia atribuída (a partir da trad. de Solesmes,
Leccionário, t. 3, p. 1039 rev.)

Que mistério novo e admirável! João ainda não nasceu, e já fala por meio de seus saltos; ainda não apareceu ao mundo, e já anuncia; ainda não pode clamar, e já se faz ouvir pelos seus movimentos; ainda não começou a viver, e já proclama a Deus; ainda não viu a luz, e já aponta para o Sol.

Antes mesmo de ser dado ao mundo, apressa-se a agir como precursor. O Senhor está presente: João não consegue conter-se, não suporta os limites impostos pela natureza; esforça-se por romper a prisão do seio materno e deseja anunciar, desde já, a vinda do Salvador. É como se dissesse: «Aquele que rompe as cadeias chegou — e eu continuo preso? O Verbo vem para restaurar todas as coisas — e eu permaneço cativo? Sairei, correrei à Sua frente e proclamarei a todos: Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo!» (Jo 1,29)

Mas dize-nos, João: ainda retido na obscuridade do seio de tua mãe, como vês e ouves? Como contempas as realidades divinas? Como podes saltar e exultar?

Ele responde:

«Grande é o mistério que se realiza — um feito que ultrapassa a compreensão humana. Tenho o direito de inovar na ordem natural por causa d'Aquele que vem

innovar a ordem sobrenatural. Vejo antes de nascer, porque, ainda em gestação, contemplo o Sol da Justiça» (Ml 3,20).

«Escuto, porque, vindo ao mundo, serei a voz que precede o grande Verbo. Clamo porque vejo, revestido da carne humana, o Filho único do Pai. Exulto porque contemplo o Criador do universo assumir a nossa forma. Salto de alegria porque sei que o Redentor do mundo tomou corpo. Sou o precursor de Sua vinda e antecipo, com o meu testemunho, o vosso próprio testemunho.»

16. «Jesus estendeu a mão e tocou-lhe, dizendo: ‘Quero, fica purificado’»

Homilias sobre São Mateus, nº 25, 1-3
(a partir da trad. Véricel, L'Évangile commenté, pp.
100-101)

Jesus não disse apenas: «Quero, fica purificado». Fez ainda mais: «Estendeu a mão e tocou-lhe». Este detalhe é digno de atenção. Se podia curá-lo apenas com um ato de vontade e uma palavra, por que razão O tocou com a mão?

Fê-lo, creio eu, para mostrar que não era inferior, mas superior à Lei, e para ensinar que, a partir de então, nada é impuro para quem é puro. A mão de Jesus não se tornou impura ao tocar o leproso; ao contrário, o corpo do leproso foi purificado pela santidade daquela mão.

Cristo não veio apenas para curar os corpos, mas para elevar as almas à santidade. Aqui, Ele nos ensina a cuidar da

pureza da nossa alma, sem nos prendermos excessivamente a abluções ou ritos exteriores. A única lepra que devemos temer é a lepra da alma — o pecado.

Quanto a nós, devemos oferecer continuamente ações de graças a Deus, não apenas pelos bens que recebemos, mas também pelos que Ele concede aos outros; assim, destruiremos a inveja e faremos crescer o amor ao próximo.

17. «Vendo Jesus a fé daqueles homens»

Homilias soltas – Sobre o paralítico

Este paralítico tinha fé em Jesus Cristo — e a prova disso está na forma como foi levado até Ele: desceram-no pelo teto da casa.

Sabeis que os enfermos, muitas vezes, estão abatidos e de tal mau humor que até os bons cuidados que lhes são prestados acabam por lhes causar irritação. No entanto, este paralítico alegra-se por ser tirado de seu quarto e exposto em público, atravessando com sua miséria as praças e as ruas.

Ele não sofre de amor-próprio. A multidão aperta-se ao redor da casa onde está o Salvador; todas as passagens estão bloqueadas, a entrada está cheia. Pouco importa! Será introduzido pelo teto, e isso o deixa feliz: o amor é tão engenhoso, a caridade tão criativa!

«Quem procura, encontra; e ao que bate, hão de abrir»
(Mt 7,8).

Este enfermo não pergunta aos amigos que o carregam:

«O que estão fazendo? Por que tanta agitação? Por que esse ardor? Vamos esperar até que a casa esvazie e todos partam; então poderemos nos apresentar a Jesus, quando estiver quase só...»

Não! O paralítico não pensa assim. Para ele, é uma glória haver um grande número de testemunhas para a sua cura.

18. «Perdoai-nos as nossas dívidas assim como nós perdoamos aos nossos devedores» (Mt 6,12)

*Homilias sobre São Mateus, nº 61
(a partir da trad. Véricel, L'Évangile commenté, p. 214)*

Cristo nos pede duas coisas: que condenemos os nossos próprios pecados e que perdoemos os pecados dos outros — e que façamos a primeira para que a segunda seja mais fácil. Pois quem pensa seriamente em seus pecados torna-se menos severo com seu companheiro de miséria.

E perdoar não apenas com palavras, mas “de todo o coração”, para que o ferro com que julgamos ferir o outro não se volte contra nós mesmos.

Que mal teu inimigo pode fazer-te que se compare ao que tu mesmo te fazes? Se te deixas levar pela indignação e

pela cólera, não serás ferido pela injúria recebida, mas pelo ressentimento que guardas.

Não digas: «*Ele me ultrajou, caluniou, causou inúmeros males*». Quanto mais enumeras as ofensas, mais provas dás de que ele te fez bem, pois te deu ocasião de purificares os teus pecados. Assim, quanto mais ele te ofende, mais oportunidades tens de alcançar de Deus o perdão.

Se quisermos, ninguém poderá realmente nos prejudicar; até os nossos inimigos acabam por nos prestar um grande serviço.

Reflete, pois, nas vantagens que recebes de uma injúria suportada com humildade e mansidão.

19. «Ele curou muitos doentes»

*Homilias sobre São Mateus, 27,1
(a partir da trad. Véricel, L'Évangile commenté, p. 98)*

«Ao entardecer, trouxeram-Lhe muitos possessos; e Ele, com a Sua palavra, expulsou os espíritos e curou todos os que estavam doentes» (Mt 8,16).

Vês como a fé da multidão crescia pouco a pouco? Apesar da hora avançada, não quiseram deixar o Senhor; pensaram que o cair da tarde era ocasião propícia para Lhe trazerem os enfermos.

Imagina o número de curas que os evangelistas não registraram. Eles não as narram uma a uma; resumem-nas em

poucas palavras, e ainda assim deixam entrever um oceano infinito de milagres.

E, para que a grandeza do prodígio não nos leve à incredulidade, para que não nos perturbemos diante da ideia de uma multidão tão variada de enfermos curados num só instante, o Evangelho invoca o testemunho do profeta, tão extraordinário e surpreendente quanto os próprios fatos:

«Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta
Isaías: Ele tomou as nossas enfermidades e carregou as
nossas dores» (Is 53,4).

O texto não diz «Ele destruiu», mas «Ele tomou» e «Ele carregou», sublinhando — a meu ver — que o profeta fala mais do pecado do que das doenças do corpo. Isso está em perfeita consonância com a palavra de João Batista:

«Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo»
(Jo 1,29).

20. «E quem der de beber [...], ainda que seja somente um copo de água fresca, [...] não perderá a sua recompensa»

Homilia 45 sobre os Atos dos Apóstolos; PG 60, 318-320 (a partir da trad. Brésard, 2000 ans A, p. 184)

«Eu era estrangeiro, e vós Me acolhestes» (Mt 25,35).
«Todas as vezes que o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, foi a Mim que o fizestes» (Mt 25,40).

Se se trata de um crente e de um irmão — mesmo o menor de todos — é Cristo quem entra com ele. Abre tua casa, recebe-O!

«Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá recompensa de profeta» (Mt 10,41).

Eis o espírito com que devemos acolher os estrangeiros: prontidão, alegria e generosidade. O estrangeiro é sempre tímido e envergonhado; se o anfitrião não o recebe com alegria, ele se retira sentindo-se desprezado — e isso é pior do que não ser recebido.

Tem, pois, uma casa onde Cristo possa encontrar morada. Diz: «Eis o quarto de Cristo; eis a morada que Lhe está reservada». Ainda que seja simples, Ele não a desprezará. Cristo está desnudo, é forasteiro; só precisa de um teto. Dá-Lhe ao menos isso; não sejas cruel e insensível.

Tu que és tão zeloso com teus bens materiais, não sejas frio diante das riquezas espirituais. Tens lugar para o teu carro, mas não tens lugar para Cristo peregrino?

Abraão acolheu estrangeiros na própria tenda (Gn 18). Sua esposa os serviu como serva, e eles foram tratados como senhores. Nenhum dos dois sabia que recebiam Cristo e

hospedavam anjos; se o soubessem, ter-se-iam despojado de tudo.

Nós, que sabemos reconhecer Cristo no irmão, devemos mostrar ainda mais prontidão que aqueles que julgavam acolher apenas homens.

21. «A parábola do joio»

*Homilias sobre São Mateus, 46, 1-2
(a partir da trad. Véricel, L'Évangile commenté, pp.
142-143)*

O método do diabo é sempre o mesmo: misturar a verdade com o mal, revestindo este com a aparência e as cores da verdade, para seduzir mais facilmente aqueles que se deixam enganar. Por isso, o Senhor fala especificamente do joio, pois esta planta se parece com o trigo.

Em seguida, mostra como o diabo age para enganar: «*Enquanto os homens dormiam*». Vemos, assim, o grave perigo que correm os responsáveis — especialmente aqueles a quem foi confiada a guarda do campo. Esse perigo, porém, não ameaça apenas os chefes, mas também os que estão sob sua responsabilidade. Além disso, aprendemos que o erro vem sempre depois da verdade.

Cristo nos diz isso para que não nos deixemos adormecer, mostrando-nos a necessidade de uma vigilância

constante. É por isso que Ele afirma: «*Aquele que perseverar até o fim será salvo*» (Mt 10,22).

Consideremos agora o zelo dos servos. Eles querem arrancar imediatamente o joio, sem refletir, o que revela sua preocupação com a boa semente. Seu objetivo não é vingar-se de quem semeou o joio, mas proteger a colheita; por isso, pensam logo em eliminar todo o mal.

O que lhes responde o Mestre? Ele os impede de agir por dois motivos: primeiro, para evitar que o trigo seja prejudicado; segundo, porque o castigo, no tempo certo, será inevitável para os que persistirem nessa doença mortal.

Se desejam punir, façam-no sem dano para a colheita, aguardando o momento oportuno. Pois quem sabe se uma parte desse joio não se transformará em trigo? Se o arrancarem agora, poderão destruir também aqueles que viriam a se converter e tornar-se melhores, prejudicando a colheita futura.

22. «A parábola do fermento»

*Homilias sobre São Mateus, 2-3
(a partir da trad. Véricel, L'Évangile commenté, pp.
144-145)*

O Senhor apresenta, em seguida, a imagem do fermento: assim como o fermento comunica sua força à massa de farinha, assim também vós transformareis o mundo inteiro.

Não levanteis objeções dizendo: «*O que podemos fazer, nós que somos apenas doze, em meio a tão grande multidão?*»

O que demonstrará o esplendor do vosso poder será justamente enfrentar a multidão sem recuar. É Cristo quem dá ao fermento a força que ele possui: Ele introduziu no meio da multidão aqueles que creram n'Ele, para que compartilhem entre nós o conhecimento da fé.

Não acusemos, portanto, o Senhor por ter um número pequeno de discípulos, pois o poder da mensagem é imenso; e, quando a massa estiver fermentada, ela mesma se tornará fermento para o restante.

Mas se doze homens fermentaram a terra inteira, que vergonha para nós, que sendo em número tão grande, não conseguimos converter nem mesmo os que nos rodeiam! Este número deveria bastar para fermentar milhares de mundos.

— *Mas esses doze eram os Apóstolos!*

— E daí? Não estavam nas mesmas condições que nós? Não viviam também nas cidades? Não partilhavam o nosso

destino humano? Não exerciam também uma profissão? Eram, por acaso, anjos descidos do céu?

— *Mas eles faziam milagres!*

— E não é por isso que os admiramos. Até quando usaremos os milagres deles como desculpa para esconder a nossa preguiça?

— *Então, de onde vem a grandeza dos Apóstolos?*

— Do desprezo pelas riquezas, do desdém pela glória.

É o modo de vida que confere o verdadeiro brilho e que atrai a graça do Espírito Santo.

23. «Tanto amou Deus o mundo»

«Pai, se é possível»

(a partir da trad. Delhougne, *Les Pères commentent*,
p. 72)

Foi a cruz que reconciliou os homens com Deus, que transformou a terra em céu e uniu os homens aos anjos. Ela derrubou a fortaleza da morte, destruiu o poder do demônio, libertou o mundo do mal e lançou os alicerces da Igreja.

A cruz é a vontade do Pai, a glória do Filho e o júbilo do Espírito Santo.

A cruz é mais resplandecente que o sol, porque, quando o sol se escurece, a cruz brilha ainda mais; e o sol se

escurece não por ser aniquilado, mas por ser vencido pelo fulgor da cruz.

Foi a cruz que rasgou a cédula da nossa condenação e quebrou as cadeias da morte. Ela é a manifestação suprema do amor de Deus:

«Tanto amou Deus o mundo, que entregou o Seu Filho Unigênito, para que todo o que n'Ele crer não pereça, mas tenha a vida eterna» (Jo 3,16).

A cruz abriu o paraíso, permitiu que nele entrasse o ladrão arrependido (Lc 23,43) e conduziu ao Reino dos Céus a criatura humana que estava destinada à morte.

24. «Queres honrar o Corpo de Cristo?»

Homílias sobre o Evangelho de Mateus, nº 50, 3-4 (a partir da trad. Breviário)

Queres honrar o Corpo de Cristo? Então, não O desprezes em Seus membros — isto é, nos pobres que não têm o que vestir — nem O honres no templo com vestes de seda enquanto O deixas, lá fora, ao frio e à nudez.

Aquele que disse: «Isto é o Meu Corpo» (Mt 26,26) — e o realizou ao dizê-lo — é o mesmo que declarou: «Tive fome, e não Me destes de comer» (cf. Mt 25,35), e também: «Todas as

vezes que deixastes de fazer isso a um destes pequeninos, foi a Mim que o deixastes de fazer» (Mt 25,42.45).

Aqui, o Corpo de Cristo não precisa de vestes, mas de almas puras; ali, necessita de muitos cuidados. Deus não precisa de vasos de ouro, mas de almas que sejam de ouro.

Não digo isso para desencorajar as doações à Igreja, mas afirmo que, ao mesmo tempo — e até antes delas —, deve-se dar esmola.

De que adianta a mesa de Cristo estar coberta de taças de ouro, se Ele morre de fome na pessoa dos pobres? Sacia primeiro o faminto, e depois adorna o Seu altar com o que sobrar. Fazes um cálice de ouro e não dás sequer «*um copo de água fresca*»? (Mt 10,42).

Lembra-te: é Cristo quem está errante, estrangeiro, sem abrigo; e tu, sem acolhê-Lo, ornamentas o chão, as paredes e os capitéis das colunas, prendes correntes de prata

nas lâmpadas, mas não visitas Aquele que está acorrentado no cárcere?

Não digo isso para impedir a tua generosidade, mas para exortar-te a que a acompanhes — ou mesmo a faças preceder — por outros atos de misericórdia.

Portanto, enquanto adornas a casa do Senhor, não deixes teu irmão na miséria, pois ele é um templo — e o mais precioso de todos.

25. «Tem piedade de mim, que sou pecador»

*Homilias sobre a Conversão, 2
(a partir da trad. da col. Pères dans la Foi, 8, DDB 1978,
p. 46)*

Um fariseu e um publicano subiram ao Templo para orar. O fariseu começou enumerando suas qualidades e dizia: «Ó Deus, dou-Te graças por não ser como o resto dos homens, ladrões, injustos, adúlteros; nem como este cobrador de impostos.»

Miserável! Atreves-te a julgar toda a terra? Por que desprezas o teu próximo? E ainda sentes a necessidade de condenar este publicano? A terra inteira não te bastou? Acusaste todos os homens, sem exceção: «Por não ser como o resto dos homens... nem como este cobrador de impostos.» E acrescentas: «Jejuo duas vezes por semana e pago o dízimo de

tudo o que possuo.» Infeliz! Quanta presunção há nessas palavras!

O publicano, que ouviu muito bem tais afirmações, poderia ter respondido: *«Quem és tu para te atrever a proferir tais murmurações contra mim? Onde me conheces? Nunca viveste no meu meio, nem és do meu círculo íntimo. Por que tamanho orgulho? Além disso, quem pode comprovar as tuas boas obras? Por que fazes de ti mesmo o teu próprio elogio? Quem te incita a te gloriaries assim?»*

Mas ele não disse nada disso. Muito pelo contrário: prostrou-se por terra e declarou: *«Ó Deus, tem piedade de mim, que sou pecador.»* Por ter agido com humildade, saiu justificado.

O fariseu deixou o Templo sem qualquer absolvição; o publicano, porém, foi embora com o coração renovado pela justiça reencontrada.

E, no entanto, não se tratava de humildade no sentido em que usamos o termo quando um nobre desce da sua posição. No caso do publicano, não era humildade fingida, mas simples verdade — pois ele dizia a verdade sobre si mesmo.

26. «Santo André: o primeiro a ser chamado, o primeiro a dar testemunho»

Homilias sobre o Evangelho de João, 19,1

«Como é bom e agradável viverem unidos os irmãos»
(Sl 132,1).

Depois de ter estado com Jesus (Jo 1,39) e de ter aprendido tantas coisas, André não guardou esse tesouro para si: apressou-se a ir ao encontro de seu irmão, Simão Pedro, para partilhar com ele os bens que recebera.

Repara no que ele diz ao irmão: «*Encontramos o Messias (que quer dizer Cristo)*» (Jo 1,41). Vês o fruto daquilo que ele havia aprendido há tão pouco tempo? Isto é, ao mesmo tempo, prova da autoridade do Mestre, que desde o início formou os Seus discípulos, e sinal do zelo ardente com que estes desejavam conhecê-Lo.

A pressa de André, o zelo com que anuncia sem demora uma tão grande boa nova, revelam uma alma que ansiava ver cumpridas todas as profecias acerca de Cristo.

Partilhar assim as riquezas espirituais é prova de verdadeira amizade fraterna, de afeto profundo e de uma natureza cheia de sinceridade.

«*Encontramos o Messias*», diz ele. Não se refere a um messias qualquer, mas ao verdadeiro Messias, Àquele que todo o povo esperava.

27. «Vinde Comigo e Eu farei de vós pescadores de homens»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 14, 2

Que pescaria admirável a do Salvador! Admirai a fé e a obediência dos discípulos. Como sabeis, a pesca exige atenção contínua; no entanto, em meio ao trabalho, ao ouvirem o chamado de Jesus, não hesitaram um instante. Não disseram: «*Deixa-nos ir para casa falar com nossa família*». Não! Deixaram tudo e seguiram-n'O, como Eliseu fez com Elias (cf. 1Rs 19,20).

É esta a obediência que Cristo nos pede: sem a menor hesitação, ainda que nos pressionem necessidades aparentemente mais urgentes. É por isso que, quando um jovem que queria segui-l'O pediu para ir sepultar o pai, nem isso Ele lhe permitiu fazer (cf. Mt 8,21). Seguir Jesus e obedecer à Sua palavra é um dever que está acima de todos os outros.

Poderás dizer que a promessa que Ele lhes fazia era grande demais. Pois é justamente por isso que tanto os admiro: mesmo sem terem visto ainda nenhum milagre, creram numa promessa tão grandiosa e deixaram tudo para segui-l'O! Creram que, com as mesmas palavras pelas quais haviam sido “pescados”, também eles poderiam pescar outros.

28. «Foi para um lugar solitário e ali Se pôs em oração»

Homilia do século V sobre a oração, erradamente atribuída a São João Crisóstomo; PG 64, 461 (a partir da trad. Breviário)

O bem supremo é a oração: o encontro íntimo e familiar com Deus. Ela é a luz da alma, o verdadeiro

conhecimento de Deus, a mediadora entre o Criador e os homens. Pela oração, a alma se eleva ao céu e se une a Deus num abraço inexprimível. Como uma criança que chora nos braços da mãe, ela exprime a profundidade de seu desejo.

A oração exprime a vontade mais íntima e recebe dons que ultrapassam toda a ordem visível da criação. Apresenta-se como uma embaixadora poderosa que alegra e pacifica a alma.

Quando falo de oração, não imagines apenas palavras. A oração é um impulso da alma para Deus, um amor indizível que não tem origem humana, mas do qual o apóstolo Paulo fala: *«Não sabemos o que devemos pedir em nossas orações, mas é o próprio Espírito que intercede por nós com gemidos inefáveis»* (Rm 8,26).

Uma oração assim, se Deus a concede a alguém, torna-se para ele riqueza imutável e alimento celeste que sacia a alma. Quem dela provou é tomado por um desejo constante do Senhor — como um fogo devorador que envolve e inflama o coração.

29. «Os teus pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 54

Pedro encara os sofrimentos e a morte de Cristo de modo puramente humano, considerando-os indignos de Deus e vergonhosos para a Sua glória. Mas o Senhor o repreende, como que dizendo: *«Não, o sofrimento e a morte não são*

indignos de Mim. É o teu raciocínio humano que te confunde. Afasta essas ideias mundanas e ouve as Minhas palavras à luz dos desígnios do Meu Pai. Assim compreenderás que esta morte é a única que convém à Minha glória. Julgas que é vergonha para Mim sofrer? Pois saiba que é vontade do diabo que Eu não cumpra assim o plano da salvação».

Que ninguém se envergonhe dos sinais da nossa salvação, dignos de veneração e adoração. A cruz de Cristo é fonte de todo o bem. É por ela que vivemos, que somos regenerados e salvos. Carreguemos a cruz como coroa de glória: ela marca tudo o que nos conduz à salvação. Está presente quando somos regenerados pelas águas do batismo; quando nos aproximamos do altar para receber o Corpo e o Sangue do Salvador; quando se impõem as mãos sobre os eleitos do Senhor.

Tudo o que fazemos, ela assinala como sinal de vitória. Por isso a colocamos em nossas casas, paredes e portas; por isso fazemos seu sinal na testa e no peito; por isso a trazemos no coração. Pois a cruz é símbolo da nossa redenção, da nossa libertação e da misericórdia infinita de Nosso Senhor.

30. «O homem deixará seu pai e sua mãe para se unir à sua mulher, e serão os dois uma só carne»

Homilia 20 sobre a Carta aos Efésios, 4, 8-9; PG 62, 140ss.

O que deves dizer à tua esposa? Dize-lhe com ternura:

«Escolhi-te, amo-te e prefiro-te à minha própria vida. Esta existência é breve e frágil; por isso, todas as minhas orações, palavras e ações se dirigem a que possamos viver de tal modo que nos reencontremos na vida futura, sem temor de separação. Se agradarmos a Deus nesta vida, estaremos para sempre com Cristo e um com o outro, na felicidade sem limites. O teu amor me arrebatava mais que tudo; não há infelicidade tão insuportável quanto estar separado de ti. Mesmo que eu perdesse tudo, fosse pobre como um mendigo, enfrentasse perigos e sofrimentos, tudo suportaria contanto que o teu afeto não diminuísse. Só com base nesse amor desejo ter filhos».

E que as tuas ações confirmem tuas palavras. Mostra à tua esposa que aprecias viver com ela; que, por causa dela, preferes estar em casa a estar fora; que a preferes a todos os amigos e mesmo aos filhos que ela te deu — e que estes sejam amados por ti por causa dela.

Fazei as orações em comum. Ide juntos à igreja e, ao voltar para casa, partilhai o que foi dito e lido. Aprendei juntos a temer a Deus, e tudo o mais decorrerá daí; e a vossa casa se encherá de incontáveis bens. Aspiremos aos bens incorruptíveis, e os outros não nos faltarão. Como diz o

Evangelho: «Buscai primeiro o Reino de Deus, e tudo o mais vos será dado por acréscimo» (Mt 6,33).

31. «Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»

Homilia sobre a traição de Judas, 6; PG 49, 390

O Senhor diz:

«Portanto, se fores apresentar a tua oferta sobre o altar e ali te lembrares de que o teu irmão tem algo contra ti, deixa a tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão e, depois, volta para apresentar a tua oferta» (cf. Mt 5,23-24).

Perguntarás:

«Deixarei mesmo a oferta diante do altar?» E Ele responde: «Sim, porque o sacrifício é oferecido precisamente para que vivas em paz com o teu irmão».

Se o objetivo do sacrifício é a paz com o próximo, e tu não a preservas, de nada adianta participares dele, nem mesmo com a tua presença. A primeira coisa a fazer é restabelecer a paz — esta paz pela qual, repito, o sacrifício é oferecido. Então, sim, tirarás dele verdadeiro proveito.

Pois o Filho do Homem veio ao mundo para reconciliar a humanidade com o Pai. Como diz o Apóstolo:

«Agora Deus reconciliou todas as coisas Consigo» (Cl 1,22), «matando, pela cruz, a inimizade» (Ef 2,16).

É por isso que Aquele que trouxe a paz nos proclama bem-aventurados se O imitarmos, e nos dá o Seu próprio nome como herança:

«Bem-aventurados os que promovem a paz, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5,9).

Portanto, realiza tu, na medida do possível, aquilo que Cristo, o Filho de Deus, fez: promove a paz entre os outros como a manténs em tua casa. Se Cristo dá o nome de filhos de Deus aos amigos da paz, compreendemos por que razão a única disposição que Ele quer de nós, quando nos aproximamos de oferecer um sacrifício, é que estejamos reconciliados com nossos irmãos. Assim, mostra-nos que a caridade é a maior de todas as virtudes.

32. «Eles converteram-se em resposta à proclamação feita por Jonas»

Homilias sobre a conversão, nº 1

Evitemos perder toda a esperança, mas também evitemos ceder à indolência. O desespero impede quem caiu de se levantar; a indolência faz cair quem está de pé. Se a presunção nos faz despencar do alto, o desespero nos lança no abismo do mal — enquanto que basta um pouco de esperança para nos arrancar dele.

Assim aconteceu com Nínive. A sentença de Deus contra os ninivitas era tal que poderia mergulhá-los no desalento, pois não dizia: «Se vos arrependerdes, sereis salvos»,

mas apenas: «*Dentro de três dias, Nínive será destruída*» (Jn 3,4).

Mesmo assim, nem as ameaças do Senhor, nem a dureza do profeta, nem a severidade da sentença abalaram a confiança deles. Deus quer que aprendamos com este exemplo para resistir tanto ao desespero quanto à passividade.

Além disso, a bondade divina não se manifesta apenas no perdão concedido aos ninivitas arrependidos: o simples fato de haver um prazo já demonstra a Sua misericórdia. Três dias seriam suficientes para apagar tanta iniquidade? A benevolência de Deus brilha por trás dessas palavras, pois é ela o verdadeiro artífice da salvação da cidade inteira.

Que este exemplo nos preserve do desespero. Pois o diabo sabe que essa fraqueza é a sua arma mais eficaz: depois de termos pecado, não poderíamos dar-lhe maior prazer do que perdendo a esperança.

33. «Quando tiverdes erguido ao alto o Filho do Homem, então sabereis que Eu sou»

Catequeses batismais, nº 3, 16ss

Queres saber que força se encerra no Sangue de Cristo? Observa de onde começou a jorrar e qual é a sua origem: vem da cruz, do lado aberto do Senhor.

O Evangelho narra que, estando Jesus já morto, mas ainda suspenso na cruz, «um soldado Lhe abriu o lado com

uma lança, e imediatamente saiu sangue e água» (Jo 19,33-34). Essa água é símbolo do santo Batismo; o sangue, dos mistérios eucarísticos.

Foi um soldado que Lhe abriu o lado, como quem rasga a cortina do Templo Santo, e ali encontrei um tesouro e dele fiz a minha riqueza. Não passes com indiferença diante deste mistério: a água e o sangue são figura do Batismo e da Eucaristia.

A Igreja nasceu destes dois sacramentos — do banho do novo nascimento e da renovação no Espírito (o Batismo) e dos santos Mistérios. E estes sinais saíram do lado de Cristo, assim como Eva foi formada do lado de Adão (Gn 2,22). Por isso Paulo afirma: «Somos membros do Seu corpo, da Sua carne e dos Seus ossos» (cf. Ef 5,30; Gn 2,23), referindo-se ao lado do Senhor.

Assim como Deus tomou carne do lado de Adão adormecido para formar a mulher, Cristo nos deu sangue e água do Seu lado para formar a Igreja. E, assim como Adão dormia, também Cristo nos concedeu esses dons após a Sua morte — porque, desde então, a morte para os fiéis tornou-se um simples sono.

Vistes como Cristo Se uniu à Sua Esposa? Vistes com que alimento Ele nos sustenta? Foi d'Ele que nascemos; é com Ele que nos nutrimos. Assim como a mãe gera os filhos do próprio sangue e os alimenta com o leite, assim Cristo

alimenta continuamente com o Seu sangue aqueles que gerou.

34. «Judas saiu logo; era noite»

Homilias sobre a conversão, nº 1

Judas chegou a exprimir arrependimento: «Pequei, traindo sangue inocente» (Mt 27,4). Mas o diabo, ao ouvir tais palavras e percebendo que Judas estava no bom caminho, alarmou-se.

Pensou consigo:

«O Mestre dele é compassivo; quando ia ser traído, chorou pelo seu destino e lhe dirigiu inúmeras súplicas. Seria de admirar que não o recebesse, se ele se arrependesse de todo o coração? Que não o abraçasse, se ele se levantasse e reconhecesse o seu pecado? Não foi para isto que Ele foi crucificado?»

Temendo essa possibilidade, o inimigo lançou profunda perturbação na mente de Judas, semeou nele um desespero imenso, até desconcertá-lo por completo, extenuando-o até levá-lo ao suicídio — tirando-lhe a vida depois de já lhe ter arrancado o arrependimento.

Se tivesse vivido, Judas poderia ter sido salvo. Basta recordar o exemplo dos algozes: se Cristo salvou aqueles que O crucificaram; se, mesmo pregado na cruz, intercedia ao Pai pedindo que lhes fosse concedido o perdão (cf. Lc 23,34),

como não teria acolhido o traidor, desde que provasse a sinceridade de sua conversão?

Pedro, que O negara três vezes após participar dos santos mistérios, foi absolvido por suas lágrimas (cf. Mt 26,75; Jo 21,15ss). Paulo — perseguidor e blasfemador, que não apenas se opôs ao Crucificado, mas perseguiu Seus discípulos — tornou-se Apóstolo após converter-se.

Deus não exige de nós mais que uma penitência breve para conceder a remissão de nossos pecados.

35. «A tristeza que gera a alegria»

Homilia 79 sobre São João

Após infundir alegria nos corações de Seus discípulos com a promessa do envio do Espírito Santo, o Salvador volta a entristecê-los, dizendo: «*Ainda um pouco, e não Me vereis*». Proceda assim para prepará-los, com esta palavra grave e austera, para a realidade da Sua iminente separação; pois nada é mais eficaz para consolar uma alma ferida pela tristeza do que meditar com frequência sobre as causas dessa dor.

Eles não compreendiam — seja porque a tristeza lhes obscurecia o entendimento, seja pela própria dificuldade das palavras, que pareciam conter uma contradição: *Se Te vemos, como Te irás? E, se Te vais, como Te veremos?*

O Senhor quis então mostrar-lhes que a tristeza produz alegria, e que aquela dor seria breve, enquanto a alegria seria sem fim. Para isso, usa a imagem da mulher em trabalho de parto. Com tal comparação, indica também, de

modo figurado, que Se libertou dos grilhões da morte e regenerou o homem novo. Não promete ausência de tribulação, mas assegura que não se lembrarão dela, tão grande será a alegria que lhe sucederá.

36. «Não podeis servir a Deus e ao dinheiro»

Homilia sobre o Evangelho de Mateus, nº 21, 1

Vede quão grandes vantagens nos promete Cristo e como Seus preceitos nos são úteis: libertam-nos de males gravíssimos. O mal que as riquezas vos causam — diz Ele — não se limita a atrair ladrões e a encher o vosso espírito de trevas; a pior chaga que produzem é arrancar-vos da bem-aventurada servidão a Cristo para vos escravizar a um metal inanimado.

«*Não podeis servir a Deus e ao dinheiro*». Tremamos, irmãos, só de pensar que forçamos Cristo a falar do dinheiro como de um rival de Deus! — Mas, direis, não serviram os patriarcas a Deus e ao mesmo tempo possuíram riquezas? — De forma alguma. Não se trata aqui de quem possui riquezas, mas de quem é possuído por elas.

Jó era rico; mas servia-se do dinheiro, não servia ao dinheiro. Era administrador, não adorador; via os bens como

pertencentes a outro, e a si mesmo como simples dispensador. Por isso, quando os perdeu, não se afligiu.

37. «Quem vos recebe, a Mim recebe»

Homilia sobre os Atos dos Apóstolos, nº 45

«Quem acolher este menino em Meu nome, é a Mim que acolhe» (Lc 9,48).

Quanto menor for o irmão recebido, mais Cristo aí está presente. Receber pessoas importantes pode muitas vezes nascer da vanglória; mas acolher um pequenino é obra pura, feita por Cristo.

«Eu era peregrino e Me recolhestes»; «Sempre que o fizestes a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,35.40).

Sendo ele um crente e um irmão, por menor que seja, é Cristo quem entra contigo.

«Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá recompensa de profeta».

Assim, quem recebe Cristo, receberá recompensa da hospitalidade de Cristo. Não duvides: Ele mesmo o disse — «Neles, sou Eu que apareço». Por isso ameaça com castigo os que não O recebem e promete honra aos que O acolhem.

«Acolheste-Me na tua casa; Eu te receberei no Reino de Meu Pai. Libertaste-Me da fome; Eu te libertarei dos teus pecados. Viste-Me preso; Eu te mostrarei tua

própria libertação. Viste-Me estrangeiro; Eu farei de ti cidadão dos céus. Deste-Me pão; Eu te darei o Reino como herança. Ajudaste-Me em segredo; Eu proclamarei publicamente: és Meu benfeitor e Eu, teu devedor».

38. «Proclamando o Evangelho do Reino e curando todas as enfermidades»

Homilia sobre o Evangelho de Mateus, nº 32

Coberto de desprezo e insultos por Seus inimigos, Jesus aplicava-Se ainda mais em lhes fazer o bem. Percorria cidades, aldeias e sinagogas, ensinando-nos a responder às calúnias não com calúnias, mas com boas obras.

Se, ao fazeres o bem, buscas agradar a Deus e não aos homens, não deixes de fazê-lo, ainda que os outros te tratem injustamente; tua recompensa será maior.

Por isso Cristo não esperava que os doentes O procurassem: Ele mesmo ia ao encontro deles, levando dois bens essenciais: a Boa-Nova do Reino e a cura de todas as doenças.

E, vendo a multidão, *enchou-Se de compaixão por ela, porque estava cansada e abatida, como ovelhas sem pastor*. E disse:

«A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos. Rogai, pois, ao Senhor da messe que envie trabalhadores».

Não buscava atrair toda a multidão apenas a Si, mas enviava os discípulos, preparando-os para as lutas na Judeia e para os combates que teriam em toda a terra.

Primeiro lhes deu o poder de curar corpos, preparando-os para o não menos importante ministério de curar almas. E, dizendo que «*a messe é grande*», mostrava-lhes que a obra já estava adiantada: não iam à sementeira, mas à colheita.

39. «Jesus estremeceu de alegria sob a ação do Espírito Santo»

Homilia I sobre a 1ª Carta aos Tessalonicenses

«Vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor», diz Paulo, «*recebendo a Palavra em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo*» (1Ts 1,6). A provação atinge a parte material do nosso ser; a alegria, porém, se eleva nas alturas espirituais. Explico: os acontecimentos da vida podem ser tristes e penosos, mas os frutos que deles brotam são alegres, quando o Espírito assim o quer.

Não é possível alegrar-se ao sofrer por causa dos próprios pecados; mas é possível — e até doce — sofrer com alegria, quando é por Cristo (cf. At 5,41). Eis o que o Apóstolo chama de «*alegria do Espírito*»: experimentamo-la justamente naquilo que a natureza rejeita com horror.

Vocês sofreram perseguições e mil contrariedades, diz ele, mas o Espírito não os abandonou nas provações. Assim como os três jovens na fornalha foram envolvidos por uma

brisa suave (cf. Dn 3,50), também vocês são refrigerados pelo sopro do Espírito. Não estava na natureza do fogo soprar aquela brisa; e não está na natureza da provação alegrar o coração. Essa alegria é fruto do sofrimento suportado por Cristo — a *brisa matinal* do Espírito, que transforma a fornalha ardente em lugar de repouso.

E Paulo acrescenta: «*com alegria*» — e não qualquer alegria, mas uma alegria inesgotável, como só o Espírito pode conceder.

40. «Sois todos irmãos»

8ª Homilia sobre a Carta aos Romanos

«Onde dois ou três estiverem reunidos em Meu nome, Eu estou no meio deles» (Mt 18,20).

Mas, que vejo? Cristãos que servem sob o mesmo estandarte, com o mesmo Chefe, devorando-se e destruindo-se uns aos outros — uns por um punhado de ouro, outros por glória, outros sem motivo, outros pelo prazer da lisonja! O nome de *irmãos* tornou-se vão entre nós.

Respeitemos esta santa mesa, para a qual todos fomos chamados; respeitemos Cristo, imolado por nós; respeitemos o sacrifício que aí se oferece.

Depois de termos participado de tão augusto banquete, ousaremos pegar em armas uns contra os outros, quando deveríamos estar unidos contra o demônio? Esqueceremos o verdadeiro inimigo para atirar flechas contra os irmãos? — E *que flechas*? — as que são disparadas pela

língua e pelos lábios. Há palavras que ferem mais profundamente do que lâminas.

41. «Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alarmeis»

Catequeses sobre a Carta aos Romanos, nº 24

Quanto mais o Rei se aproxima, mais devemos nos preparar. Quanto mais próximo o momento da premiação, mais intenso deve ser o esforço. Como numa corrida: ao se aproximar a linha de chegada, aumenta-se o estímulo aos cavalos. Por isso Paulo diz:

«A salvação está agora mais perto de nós do que quando abraçamos a fé. A noite vai adiantada e o dia está próximo» (Rm 13,11-12).

Se a noite se dissipa e o dia desponta, pratiquemos as obras da luz e deixemos as das trevas. Assim como, ao ouvir o canto da andorinha, levantamo-nos para o trabalho mesmo antes do sol nascer, assim também agora: sacudamos o torpor, afastemo-nos das ilusões da vida presente, deixemos o sono profundo e revistamo-nos das armas da virtude.

Não vos assuste a imagem de combate! Se a armadura material é pesada, a espiritual é desejável, pois é armadura de

luz. Com ela, brilhas mais do que o sol e estás seguro, pois estas são armas santas.

Não estamos dispensados de lutar — mas a batalha para a qual somos chamados é festa e júbilo.

42. «Senhor, não lhes atribuas este pecado»

Homilia para a Sexta-feira Santa — “A Cruz e o Ladrão”

Imitemos o Senhor e rezemos por nossos inimigos. Ele, suspenso na cruz, intercedia junto ao Pai por aqueles que O crucificavam. — *Mas como poderei imitá-Lo?* — Se quiseres, podes. Se não fosses capaz, como poderia Ele dizer: «*Aprende de Mim, que sou manso e humilde de coração*» (Mt 11,29)?

E, se tens dificuldade em imitar o Senhor, imita ao menos Seu servo e diácono, Estêvão. Assim como Cristo, sem considerar os sofrimentos, rogava: «*Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem*» (Lc 23,34), também Estêvão, sob a chuva de pedras, dizia: «*Senhor, não lhes atribuas este pecado*» (At 7,60) — de joelhos, com compaixão ardente.

Outros santos falaram de modo semelhante: Paulo, oferecendo-se pelos irmãos (Rm 9,3); Moisés, pedindo ser apagado do livro de Deus em favor do povo (Ex 32,32); Davi,

suplicando que o castigo recaísse sobre si e sua casa (2Sm 24,17).

Se o Senhor e Seus servos, no Antigo e no Novo Testamento, rogaram pelos inimigos, que perdão poderemos esperar nós, se fazemos o oposto e oramos contra eles?

43. «Os cachorrinhos comem debaixo da mesa as migalhas dos filhos»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 52, § 2

Ao aproximar-se de Jesus, a Cananeia diz apenas: «Tem piedade de mim» (Mt 15,22). Seus gritos atraem a atenção; é comovente ver uma mãe implorar com tamanha veemência por sua filha cruelmente atormentada. Ela não diz: «Tem piedade de minha filha», mas: «Tem piedade de mim» — porque a dor da mãe é mais intensa que a da própria filha, que talvez nem perceba a gravidade de seu estado. A mãe, porém, sofre mil tormentos ao vê-la assim, quase enlouquecendo diante de sua aflição.

Jesus lhe responde: «Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel» (Mt 15,24). Que faz ela? Retira-se? Desanima? Não! Insiste com ainda mais ardor. Nós, muitas vezes, diante de uma recusa, nos retiramos abatidos; ela, ao contrário, persevera. Mesmo o silêncio de Cristo, capaz de extinguir toda esperança, não a detém: aproxima-se mais, prostra-se e suplica: «Socorre-me, Senhor».

Então acrescenta: «Mesmo os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos filhos». Se fosse um

cãozinho daquela casa, já não seria estrangeira. Não pede o pão dos filhos, mas apenas as migalhas. E argumenta: «Não me deves recusar, pois eu sou esse cãozinho que não se pode mandar embora».

Cristo, que conhecia de antemão a resposta, demora não para fazê-la sofrer, mas para revelar e exaltar o tesouro de sua fé perseverante.

44. «Quem pede recebe»

Homilias sobre a Incompreensibilidade de Deus, n.º 5

A oração é uma arma poderosa, um tesouro indestrutível, uma riqueza inesgotável, um porto seguro contra as tempestades, um reservatório de calma; é a raiz, a fonte e a mãe de bens inestimáveis.

Mas não falo aqui de uma oração medíocre ou negligente; refiro-me à oração ardente, que brota da dor da alma e do esforço do espírito. É esta que sobe até os céus. Ouve o que diz o salmista: «Ao Senhor, no meio da angústia, eu clamo, e Ele me ouve» (Sl 119,1). Quem assim ora em sua tribulação, depois da oração encontra na alma uma grande e serena alegria.

Por “oração” não entendo apenas palavras pronunciadas com os lábios, mas aquela que brota do fundo do coração. Assim como as árvores cujas raízes estão profundamente firmadas não se quebram nem são arrancadas, mesmo quando ventos impetuosos se abatem sobre elas, também a oração que nasce das profundezas do

coração sobe com segurança ao céu, sem se deixar desviar por pensamentos de dúvida ou indignidade. Por isso o salmista também diz: «Do fundo do abismo, clamo a Vós, Senhor» (Sl 129,1).

Se o simples fato de narrar aos homens tuas aflições já alivia a alma — como se, pelas palavras, soprasse uma brisa refrescante — quanto mais, se as expuseres diante do Senhor, encontrarás consolo e conforto em abundância! Os homens, muitas vezes, mal suportam os que vêm lamentar-se junto deles; afastam-se e os repelem. Deus, ao contrário, atraindo-te a Si e te abraça; e mesmo que passes o dia inteiro a Lhe expor teus sofrimentos, Ele ficará ainda mais disposto a amar-te e a acolher as tuas súplicas.

45. «O Espírito Santo desceu sobre Ele em forma corpórea, como uma pomba»

Homilia nº 12 sobre o Evangelho segundo São Mateus

Consideremos o grande milagre que aconteceu em seguida, pois ele constitui o prólogo daquilo que se realizaria em breve. Logo após o batismo do Salvador, não foi o antigo Paraíso que se abriu, mas o próprio céu: “Uma vez batizado, [...] eis que se rasgaram os céus” (Mt 3,16).

Por que razão os céus se abriram no batismo de Jesus Cristo? Para nos ensinar que o mesmo acontece em nosso batismo: assim, Deus nos chama à pátria celeste e nos convida a não mantermos mais nada em comum com a terra. [...] E, se agora não vemos os mesmos sinais, recebemos, no entanto,

as mesmas graças, das quais aqueles sinais eram apenas a figura.

Viu-se então uma pomba descer do céu, indicando tanto a João quanto ao povo hebreu que Jesus era o Filho de Deus; e também nos indica que, no momento de nosso batismo, o Espírito Santo desce sobre a nossa alma. E, se não desce de forma visível, é porque já não necessitamos que assim seja, pois a nossa fé é suficiente. [...]

E por que o Espírito Santo desceu na forma de uma pomba? Porque a pomba é mansa e pura, e o Espírito é todo Ele pureza e mansidão. Além disso, a pomba nos recorda um episódio do Antigo Testamento (Gn 8,10ss.): depois de a terra ter sido submersa pelo dilúvio e toda a humanidade ter perecido, a pomba voltou trazendo no bico um ramo de oliveira, anunciando o restabelecimento da paz sobre a terra.

Tudo isso era uma prefiguração dos tempos futuros. [...] Depois de tudo estar perdido, veio a libertação e a renovação; e, assim como antes tudo aconteceu por um dilúvio de água, agora acontece por um dilúvio de graça e misericórdia. Já não é apenas a um homem que a pomba convida a sair da arca para repovoar a terra: agora, ela atrai todos os homens para o céu e, em vez do ramo de oliveira, traz-lhes a dignidade de filhos de Deus.

46. «Acolher Cristo»

Homílias sobre a Conversão, n.º 3 — Sobre a esmola

Os pobres, no adro da igreja, pedem esmola. Quanto dar? Cabe a cada um decidir; não fixarei quantia, para não vos causar embaraço. Dai conforme as vossas posses. Tens uma moeda? Compra com ela o céu! Não porque o céu seja barato, mas porque a bondade do Senhor o permite. Não tens moeda? Oferece um copo de água fresca (cf. Mt 10,42).

Podemos “comprar” o céu, e, no entanto, deixamos de o fazer! Por um pão que deres, receberás o paraíso; por objetos de pouco valor, receberás tesouros; por suportares adversidades, obterás a imortalidade; por bens perecíveis, receberás bens imperecíveis. Se para os bens perecíveis mostras tanta perspicácia, por que tanta indiferença quando se trata da vida eterna?

Podemos comparar os vasos de água à porta da igreja, onde purificamos as mãos, aos pobres que se assentam fora do templo para que, por meio deles, purifiquemos a alma. Assim como lavas as mãos na água, lava a alma com a esmola.

Lembra-te da viúva, em extrema pobreza, que acolheu o profeta Elias (cf. 1Rs 17,9ss). Sua indigência não a impediu de recebê-lo com alegria, e, em sinal de reconhecimento, foi cumulada de dons que simbolizavam o fruto de sua hospitalidade.

Talvez desejes receber um Elias — mas, por que pedes Elias? Eu te proponho o Senhor de Elias, e não Lhe ofereces hospedagem! Eis o que Cristo, o Senhor do universo, declara:

«Sempre que fizestes isto a um destes Meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes» (Mt 25,40).

47. «As palavras que vos disse são espírito e vida»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 82; PG 58,
743

«Tomai e comei», disse Jesus, «isto é o Meu Corpo entregue por vós» (cf. 1Co 11,24). E por que motivo os discípulos não se perturbaram ao ouvir tais palavras? Porque Cristo já lhes havia falado muitas vezes sobre este mistério (cf. Jo 6).

Assim também nós: tenhamos plena confiança em Deus. Não levantemos objeções, mesmo quando o que Ele diz nos parece contrário ao raciocínio humano ou ao que vemos. Que a Sua palavra seja senhora da nossa razão e até da nossa visão. Diante dos santos mistérios, não nos limitemos ao que é apreendido pelos sentidos, mas atentemos sobretudo para a palavra do Senhor. A Sua palavra jamais nos engana; nossos sentidos, sim, facilmente nos iludem. Quando o Verbo diz: «Isto é o Meu Corpo», confiemos n'Ele, creiamos e contemplemo-Lo com os olhos do espírito.

Quantos hoje dizem: «Gostaria de ver Cristo em pessoa, o Seu rosto, as Suas vestes, as Suas sandálias». Pois bem: na Eucaristia é Ele que tu vês, tocas, recebes! Desejavas

ver Suas vestes — e Ele Se oferece a ti não só para que O vejas, mas para que O toques, O recebas e O acolhas no teu coração.

Que ninguém se aproxime, portanto, com indiferença ou negligência, mas que todos se cheguem a Ele abrasados de amor ardente.

48. «São Matias, testemunha da Ressurreição, escolhido por Deus»

3.ª Homília sobre os Atos dos Apóstolos (tradição do Breviário)

«Naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos discípulos» (At 1,15ss), aquele a quem Cristo confiara o rebanho, movido pelo zelo ardente e, sendo o primeiro entre os apóstolos, tomou a palavra e disse:

«Irmãos, é necessário escolher, dentre os homens que andaram conosco...».

Notai como ele insiste em que sejam testemunhas oculares: mesmo sabendo que o Espírito Santo viria depois sobre eles, confere grande valor a esse critério. «Dentre os que andaram conosco todo o tempo que o Senhor Jesus viveu entre nós». Ou seja, aqueles que conviveram com Ele, e não apenas os que eram chamados discípulos à distância. De fato, muitos O seguiam desde o início, «até o dia em que nos foi levado ao alto». E Pedro conclui: «É necessário que um deles se torne conosco testemunha da Sua Ressurreição».

Não disse: testemunha de todos os Seus feitos, mas unicamente: «testemunha da Ressurreição». Pois era mais

digno de crédito quem pudesse afirmar: Aquele que vimos comer e beber, e que foi crucificado, é o mesmo que ressuscitou. Não importava tanto ser testemunha dos eventos anteriores ou posteriores, nem mesmo dos milagres — todos estes eram públicos e manifestos. Só a Ressurreição se dera de modo oculto, conhecida apenas por eles.

49. «Que devo fazer para alcançar a vida eterna?»

Homilia 63 sobre São Mateus; PG 58, 603ss

Não foi pequeno o ardor que o jovem demonstrou; parecia mesmo estar apaixonado. Enquanto muitos se aproximavam de Cristo para pô-Lo à prova ou para Lhe falar de doenças próprias ou de familiares, ele veio para tratar da vida eterna. O terreno de sua alma era fértil, mas cheio de espinhos prontos a sufocar a semente (cf. Mt 13,7).

Observai como estava disposto a obedecer aos mandamentos: «Que devo fazer para alcançar a vida eterna?». Nenhum fariseu manifestou semelhantes disposições; pelo contrário, inflamavam-se de ira quando reduziam-nos ao silêncio. Este jovem, porém, retirou-se triste, de olhos baixos, não por más intenções, mas por fraqueza. Desejava a Vida, mas estava preso a uma paixão difícil de vencer.

O Senhor lhe disse: «Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no

céu; depois, vem e segue-Me». Ao ouvir, afastou-se pesaroso, e o Evangelista explica o motivo: «tinha muitos bens».

Os que possuem pouco e os que vivem na abundância não se apegam às suas posses do mesmo modo. Nos ricos, a avareza pode tornar-se paixão violenta e tirânica; cada nova aquisição inflama ainda mais o desejo, e, atingidos por ela, tornam-se mais pobres que antes — com mais desejos e mais intensa sensação de indigência. Aqui se revelou a força dessa paixão: «Como é difícil entrar no Reino de Deus! É mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha, do que um rico entrar no Reino de Deus» (Mt 19,23-24). Cristo não condena as riquezas em si, mas aqueles que se deixam possuir por elas.

50. «Ainda lhe restava um: o seu filho bem-amado»

«Cristo confiou-nos o mistério da reconciliação» (2Co 5,18). O Apóstolo São Paulo revela, assim, a dignidade dos apóstolos, mostrando a grandeza da missão que lhes foi confiada, e, ao mesmo tempo, manifesta o imenso amor com que Deus nos amou.

Depois de os homens se terem recusado a ouvir Aquele que o Pai lhes enviara, Deus não fez ressoar a Sua cólera, nem os rejeitou, mas continuou a chamá-los, pessoalmente e por meio dos Apóstolos. «Deus pôs na nossa boca a palavra da reconciliação» (v. 19). Não fomos enviados para uma obra penosa, mas para tornar todos os homens amigos de Deus. E, mesmo quando não nos escutam, o Senhor ordena: continuai a exortá-los até que alcancem a fé. Por isso Paulo acrescenta: «Somos embaixadores de Cristo; é o próprio Deus que vos

exorta por nosso intermédio. Suplicamos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus».

Que amor é este, comparável a quê? Depois de termos respondido com injúrias aos Seus benefícios, longe de nos punir, Ele nos entregou o Seu Filho bem-amado, para nos reconciliar Consigo. Mas, em vez de acolhê-Lo, os homens O levaram à morte. E Deus, ainda assim, envia outros embaixadores para exortar; e, depois disso, é Ele mesmo quem Se torna suplicante. Continua a ser Ele quem pede: «Reconciliai-vos com Deus». Não diz: «Reconciliai Deus convosco», pois não é Ele quem nos rejeita — somos nós que recusamos a Sua amizade. Poderia Deus guardar sentimentos de ódio?

51. «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida»

Homília contra o anomeanismo

Ao cobiçar os primeiros lugares, os mais altos cargos e as honras mais elevadas, os dois irmãos, Tiago e João, queriam, na minha opinião, ter autoridade sobre os outros. É por isso que Jesus Se opõe à pretensão deles, e põe a nu os seus pensamentos secretos dizendo-lhes: «Quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos.» Por outras palavras: «Se ambicionais o primeiro lugar e as maiores honras, procurai o último lugar, aplicai-vos a tornar-vos os mais simples, os mais humildes e os mais pequenos de todos. Colocai-vos atrás dos outros. Tal é a virtude que vos trará a honra a que aspirais. Tendes junto a vós um exemplo notável:

'Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por todos' (Mc 10,45). Eis como obtereis glória e celebridade. Olhai para Mim: Eu não procuro honras nem glória e, no entanto, o bem que faço é infinito.»

Bem sabemos que, antes da Incarnação de Cristo e da Sua vinda a este mundo, tudo estava perdido e corrompido; mas, depois de Ele Se ter humilhado, tudo restabeleceu. Aboliu a maldição, destruiu a morte, abriu o paraíso, acabou com o pecado, escancarou as portas do céu para levar para lá as primícias da nossa humanidade. Propagou a fé em todo o mundo. Expulsou o erro e restabeleceu a verdade. Fez subir a um trono real as primícias da nossa natureza. Cristo é o autor de bens infinitamente numerosos, que nem a minha palavra nem nenhuma palavra humana poderiam descrever. Antes da Sua vinda a este mundo só os anjos O conheciam; mas, depois de Ele Se ter humilhado, toda a raça humana O reconheceu.

52. «Quem pode perdoar pecados senão Deus?» (Mc 2,7)

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 29,1

«Apresentaram-Lhe um paralítico». São Mateus diz simplesmente que esse paralítico foi levado a Jesus. Outros evangelistas narram que foi descido por uma abertura no teto e apresentado ao Salvador sem nada pedir, deixando que fosse Ele a decidir sobre a cura. [...]

O evangelho diz: «Vendo Jesus a fé deles», isto é, dos que Lhe levaram o paralítico. Reparei que, algumas vezes,

Cristo não faz caso nenhum da fé do doente: talvez ele seja incapaz dela, por estar inconsciente ou possuído por um espírito mau. Mas este parálítico tinha uma grande confiança em Jesus; de outra forma, como teria permitido que o descessem até Ele? Cristo responde a essa confiança com um prodígio extraordinário. Com o poder do próprio Deus, perdoa os pecados a esse homem. Mostra assim ser igual ao Pai, verdade que já tinha mostrado quando dissera ao leproso: «Quero, fica purificado!» (Mt 8,3), [...] quando, com uma só palavra, tinha acalmado o mar em fúria (Mt 8,26), ou quando, como Deus, tinha expulsado os demônios, que reconheciam n'Ele o seu soberano e o seu juiz (cf Mt 8,32). Ora, aqui Ele mostra aos Seus adversários, para seu grande espanto, que é igual ao Pai.

E o Salvador mostra também, mais uma vez, que rejeita tudo o que é espetacular ou fonte de glória vã. A multidão pressiona-O de todos os lados, mas Ele não tem pressa em fazer um milagre visível, curando a paralisia exterior desse homem. [...] Começa por fazer um milagre invisível, curando-lhe a alma. Essa cura é infinitamente mais vantajosa para o homem — e, na aparência, menos gloriosa para Cristo.

«Trouxeram-Lhe um parálítico.» Os evangelistas contam que, depois de terem furado o teto, aqueles homens desceram o doente e o depuseram diante de Cristo, sem nada pedir, deixando Jesus fazer o que quisesse. No início do seu ministério pela Judeia, era Ele quem dava os primeiros passos e não exigia uma fé tão grande; aqui, são os outros que vêm ter com Ele, e tiveram de ter uma fé corajosa e viva: «Ao ver a fé daquela gente», diz o evangelho — isto é, a fé dos que tinham transportado o parálítico. [...] E o doente também teria

uma grande fé, porque não se teria deixado transportar se não tivesse confiança em Jesus.

Perante tanta fé, Jesus mostra o seu poder e, com autoridade divina, perdoa os pecados ao doente, dando assim prova da sua igualdade com o Pai. Tinha já mostrado essa igualdade quando curou o leproso dizendo: «Quero, fica curado»; quando acalmou a tempestade no mar; e quando expulsou os demônios, que nele reconheceram o seu soberano e o seu juiz. [...] Aqui, mostra-a primeiro sem espaventos, não Se apressando a curar exteriormente aquele que Lhe apresentaram. Começa por um milagre invisível: primeiro, cura a alma do homem, perdoadando-lhe os pecados. É certo que esta cura era infinitamente mais vantajosa para aquele homem, mas trazia pouca glória a Cristo.

Então alguns, levados pela malvadez, quiseram pô-Lo em causa; mas foram eles que, contra a sua própria vontade, tornaram o milagre mais deslumbrante.

Este parálítico tinha fé em Jesus Cristo. Prova disso é a maneira como foi apresentado a Cristo: desceram-no pelo teto da casa. [...] Sabeis que os doentes estão num abatimento tão grande e de tão mau humor, que frequentemente os bons cuidados que lhes são prestados os entristecem. [...] Mas este parálítico está contente por ser retirado do seu quarto e por ser visto publicamente, atravessando com a sua miséria as praças e as ruas. [...]

Este parálítico não sofre de amor-próprio. A multidão cerca a casa onde está o Salvador, todas as passagens estão fechadas, a entrada pejada. Pouco importa! Será introduzido pelo teto e está contente: quão hábil é o amor, quão

engenhosa a caridade! «Quem procura encontra; e ao que bate hão de abrir» (Mt 7,8). Este paciente não perguntará aos amigos que o transportam: «O que estão a fazer? Para quê tanta perturbação? Para quê tal ardor? Esperem que a casa fique vazia e que partam todos. Então poderemos apresentar-nos a Jesus, quando Ele estiver quase só...» Não, o parálítico não pensa nada disto; é uma glória para ele haver um grande número de testemunhas da sua cura.

53. «E as revelaste aos pequeninos»

Sermões sobre o Evangelho de S. Mateus, nº 38,1

«Bendigo-Te, ó Pai, Senhor do Céu e da Terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e aos entendidos.»

Como? Regozijar-Se-á com a perda daqueles que não acreditam n'Ele? Nada disso: são admiráveis os desígnios do Senhor para a salvação dos homens! Quando eles se opõem à verdade, e se recusam a recebê-la, Deus nunca os contraria, deixa-os na sua vontade. A perdição em que caem leva-os a encontrar o caminho; entrando em si mesmos, procuram com ardor a graça da chamada à fé que num primeiro momento haviam desprezado. Quanto aos que continuaram fiéis, mais forte ainda se revela, então, o seu ardor. Cristo regozija-Se, portanto, por estas coisas serem reveladas a alguns, mas atormenta-Se por ficarem escondidas a outros; percebe-se bem que é assim quando, ao aproximar-Se da cidade, Ele chora sobre ela (Lc 19,41). No mesmo espírito, escreve São Paulo: «Demos graças a Deus: éreis escravos do pecado, mas

obedeceste de coração ao ensino que vos foi transmitido como norma de vida» (Rm 6,17).

A que sábios está Jesus a referir-Se? Aos escribas e aos fariseus. Diz isto para encorajar os discípulos, mostrando-lhes os privilégios de que foram julgados dignos; os simples pescadores receberam as luzes que os sábios e os entendidos desdenharam. Sábios, estes são-no só de nome; creem-se sábios, mas não passam de falsos eruditos. É por isso que Cristo não diz: «Revelaste-as aos insensatos», mas «aos pequeninos», isto é, a pessoas simples e sem argúcia. [...] Ensina-nos assim a renunciar à loucura das grandezas e a procurar a simplicidade. São Paulo vai mais longe: «Se algum de entre vós se julga sábio à maneira deste mundo, torne-se louco para ser sábio» (1Co 3,18).

54. «Assim também é necessário que o Filho do Homem seja erguido ao alto, a fim de que todo o que n'Ele crê tenha a vida eterna»

Homilia sobre a Cruz e o Ladrão, I; PG 49, 399-401

Hoje Nosso Senhor Jesus Cristo está na cruz e nós festejamos, para que saibamos que a cruz é uma festa e uma celebração espiritual. Outrora a cruz significou um castigo, agora tornou-se objeto de honra. Outrora símbolo de condenação, ei-la agora princípio de salvação. Pois ela é para nós a causa de numerosos bens: libertou-nos do erro, iluminou-nos nas trevas e reconciliou-nos com Deus; tínhamo-nos tornado para Ele inimigos e estranhos, e ela deu-nos a Sua amizade e aproximou-nos d'Ele. A cruz é para

nós a destruição da inimizade, o garante da paz, o tesouro de mil bens.

Graças a ela não erramos já pelos desertos, porque conhecemos o verdadeiro caminho. Não ficamos de fora do palácio real, porque encontrámos a porta. Não receamos as armas ardentes do diabo, porque descobrimos a fonte. Graças a ela já não somos viúvos, porque descobrimos o Esposo. Não temos medo do lobo, porque temos o bom Pastor. Graças à cruz não tememos o usurpador, porque nos sentamos ao lado do Rei.

Eis porque estamos contentes ao festejar a memória da cruz. O próprio São Paulo nos convida para a festa em honra da cruz: «Celebremos, pois, a festa, não com o fermento velho nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os ázimos da pureza e da verdade» (1Co 5,8). E a razão para isso: «Cristo, nosso cordeiro pascal, foi imolado» (v. 7).

55. «O semeador semeia sem contar»

Se hoje não tiver persuadido o meu auditório, talvez o venha a fazer amanhã, daqui a três ou quatro dias, ou até mais tarde. O pescador que inutilmente tenha lançado as redes o dia todo, à noite, antes mesmo de partir, por vezes apanha o peixe que não conseguiu apanhar durante o dia. E, mesmo que não obtenha boas colheitas durante vários anos, o agricultor não deixa de trabalhar a terra, porque acontece

amiúde num só ano conseguir suplantar com abundância todas as perdas anteriores.

Deus não nos pede para sermos bem-sucedidos, mas para sermos trabalhadores, e o nosso trabalho não será menos recompensado só porque ninguém nos escuta. [...] Cristo sabia muito bem que Judas não se converteria e, no entanto, tentou convertê-lo até ao fim, censurando-lhe a sua falta nos mais tocantes termos: «Amigo, a que vieste!» (Mt 26,50 [Vulgata]); ora, se Cristo, modelo dos pastores, trabalhou até ao fim na conversão dum homem desesperado, o que não devemos nós fazer por aqueles nos quais nos é pedido que ponhamos sempre a nossa esperança?

56. «Fazer frutificar os dons recebidos»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 78, 2-3; PG
58, 713-714

Um dos servos diz: «Senhor, confiaste-me cinco talentos»; outro diz que lhe couberam dois a guardar. Reconhecem que receberam dele o meio de fazer o bem; dão-lhe testemunho de grande reconhecimento e prestam-lhe contas dos bens confiados. Que lhes responde o seu Senhor? «Muito bem, servo bom e fiel (porque o próprio da bondade é ver o seu próximo); porque foste fiel nas pequenas coisas, confiar-te-ei as grandes. Vem tomar parte na alegria do Senhor.» Assim designa Jesus a beatitude completa.

Mas o que apenas tinha recebido um talento foi enterrá-lo. «Quanto a este servo inútil, lança-o às trevas exteriores. Aí haverá choro e ranger de dentes.» Repara, não

é só o ladrão, o homem que procura enriquecer sem olhar a meios, aquele que faz o mal, que é castigado no fim; é também aquele que não faz o bem [...]. Que são estes talentos, com efeito? São o poder de cada um, a autoridade de que se dispõe, a fortuna que se possui, o conselho que se pode dar e toda esta sorte de coisas. Que ninguém venha, portanto, dizer: só tenho um talento, nada posso fazer. Porque tu, mesmo com um único talento, podes agir de maneira louvável.

A parábola dos talentos diz respeito a todos os homens que, em lugar de ajudarem os seus irmãos com os seus bens, os seus conselhos e outros meios, só vivem para si próprios. [...] Nesta parábola, Jesus quer revelar-nos a enorme paciência de Nosso Senhor, mas, quanto a mim, penso que também faz alusão à ressurreição geral. [...] Antes de mais, os servos que prestam contas da sua gestão reconhecem, sem hesitações, o que era dom do seu senhor e o que era fruto da sua gestão. O primeiro diz: «Senhor, confiaste-me cinco talentos» e o segundo: «Senhor, confiaste-me dois talentos»; reconhecem assim que foi graças à bondade do seu senhor que obtiveram o capital que puseram a render em seu proveito. O seu reconhecimento vai ao ponto de atribuírem todo o mérito e toda a glória do seu sucesso à confiança do seu senhor. E que responde o senhor? «Muito bem, servo bom e fiel.» E não é realmente ser bom aplicar-se a fazer o bem aos seus irmãos? [...] «Entra no gozo do teu senhor»: trata-se da bem-aventurança da vida eterna.

Mas não foi assim com o mau servo. [...] Qual foi, pois, a resposta do senhor? «Servo mau e preguiçoso! [...] Devias ter levado o meu dinheiro aos banqueiros», quer dizer, devias ter falado, exortado, aconselhado os teus irmãos. Mas, replica

talvez o servo, as pessoas poderiam não me escutar. Ao que o senhor responde: Isso não te diz respeito. [...] Podias, pelo menos, ter depositado esse dinheiro para que eu o recebesse com juros quando regressasse. Esses juros designam as boas obras que procedem da escuta da Palavra que devemos anunciar. Devias ter feito a parte mais fácil do trabalho, deixando a mais difícil a meu cargo. [...] Que significa isto? Aquele que recebeu, a bem dos outros, a graça da palavra e do ensinamento e não fez uso deles verá essa graça ser-lhe tirada. Mas aquele que oferece a graça que recebeu com zelo e sabedoria receberá uma graça ainda mais abundante.

57. «O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida»

Homilia contra o anomeanismo

Ao cobiçar os primeiros lugares, os mais altos cargos e as honras mais elevadas, os dois irmãos, Tiago e João, queriam, na minha opinião, ter autoridade sobre os outros. É por isso que Jesus Se opõe à sua pretensão e põe a nu os seus pensamentos secretos, dizendo-lhes: «Quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se o servo de todos.» Por outras palavras: «Se ambicionais o primeiro lugar e as maiores honras, procurai o último lugar, aplicai-vos a tornar-vos os mais simples, os mais humildes e os mais pequenos de todos. Colocai-vos atrás dos outros. Tal é a virtude que vos trará a honra a que aspirais. Tendes junto a vós um exemplo notável: 'Pois também o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a Sua vida em resgate por todos' (Mc 10,45). Eis como obtereis glória e celebridade. Olhai para Mim:

Eu não procuro honras nem glória e, no entanto, o bem que faço é infinito.»

Bem sabemos que, antes da Encarnação de Cristo e da Sua vinda a este mundo, tudo estava perdido e corrompido; mas, depois de Ele Se ter humilhado, tudo restabeleceu. Aboliu a maldição, destruiu a morte, abriu o paraíso, acabou com o pecado, escancarou as portas do céu para levar para lá as primícias da nossa humanidade. Propagou a fé em todo o mundo. Expulsou o erro e restabeleceu a verdade. Fez subir a um trono real as primícias da nossa natureza. Cristo é o autor de bens infinitamente numerosos, que nem a minha palavra nem nenhuma palavra humana poderiam descrever. Antes da Sua vinda a este mundo, só os anjos O conheciam; mas, depois de Ele Se ter humilhado, toda a raça humana O reconheceu.

58. «Até toda a massa ficar levedada»

Homílias sobre o Evangelho de Mateus, nº 46, 2

Seguidamente, o Senhor propõe a parábola do fermento: «Assim como o fermento comunica a sua força invisível a toda a massa do pão, do mesmo modo a força do Evangelho transformará o mundo inteiro graças ao ministério dos Meus apóstolos. [...] Não me respondais: “Que poderemos fazer, nós doze miseráveis pecadores, perante o mundo inteiro?” Será precisamente a enorme diferença entre a causa e o efeito, a vitória de um punhado de homens perante a multidão, que demonstrará o vigor da vossa força. Não é por se misturar o fermento na massa, “ocultando-o” nela, segundo o Evangelho, que toda a massa se transforma? Assim, Meus

apóstolos, será misturando-vos na massa dos povos que os embebereis com o vosso espírito e que triunfareis sobre os vossos adversários. O fermento, desaparecendo na massa, não perde a sua força; pelo contrário, altera a natureza de toda a massa. Do mesmo modo, a vossa pregação alterará todos os povos. Portanto, estai cheios de confiança.»

É Cristo que dá tão grande força a este fermento. [...] Por conseguinte, não Lhe censureis o pequeno número dos Seus discípulos: é a força da mensagem que é grande. [...] Basta uma faísca para transformar num braseiro alguns pedaços de madeira seca, que, em seguida, inflamam toda a madeira, mesmo a verde, à sua volta.

59. «Sou manso e humilde de coração»

Homilia em memória de São Basso, 2

Ainda hoje Cristo é para nós um Mestre cheio de doçura e de amor. [...] Vede como Ele age: mostra-Se compassivo para com o pecador que, no entanto, merece as Suas censuras. Aqueles que provocam a Sua cólera deveriam ser aniquilados, mas Ele dirige aos homens culpados palavras cheias de ternura: «Vinde a Mim, tornai-vos Meus discípulos, porque sou manso e humilde de coração».

Deus é humilde; o homem é orgulhoso. O Juiz mostra-Se clemente; o malfeitor, arrogante. O Artesão profere palavras de humildade; a argila discorre à maneira de um rei (cf. Is 29,16; 45,9). «Vinde a Mim, tornai-vos Meus discípulos,

porque sou manso e humilde de coração». Ele não traz o chicote para castigar, mas o remédio para curar.

Pensai na Sua bondade inexprimível. Recusareis o vosso amor ao Mestre que nunca castiga e a vossa admiração ao Juiz que defende o culpado? As Suas palavras tão simples não vos podem deixar insensíveis: «Sou o Criador e amo a Minha obra; sou o Artesão e cuido daquele que formei» (cf. Gn 2,7).

Se Me preocupasse somente com a Minha dignidade, não levantaria o homem caído. Se não tratasse a sua doença incurável com remédios adequados, ele nunca poderia recuperar a saúde. Se não o confortasse, ele morreria. Se apenas o ameaçasse, ele pereceria. Ele jaz no solo, mas vou aplicar nele o bálsamo da bondade (cf. Lc 10,34). Compadecido, abaixo-Me para o ajudar a levantar-se. Aquele que se mantém de pé não poderá levantar um homem caído no chão sem se inclinar para lhe estender a mão. «Vinde a Mim, tornai-vos Meus discípulos, porque sou manso e humilde de coração».

60. «Sigamos os Magos»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 7, 5

Levantemo-nos, a exemplo dos Magos. Deixemos que o mundo se perturbe; nós, porém, corramos com alegria à morada do Menino. Ainda que reis ou povos se esforcem por

nos barrar o caminho, não abrandemos o nosso fervor, afastemos todos os males que nos ameaçam.

Se não tivessem visto o Menino, os Magos não teriam escapado ao perigo que corriam por parte do rei Herodes. Antes de terem tido a felicidade de O contemplar, eram assaltados pelo temor, rodeados de perigos e mergulhados em dificuldades; depois de O terem adorado, a calma e a segurança instalaram-se-lhes no coração.

Deixemos, pois, também nós, uma cidade em desordem, um déspota sedento de sangue, todas as riquezas deste mundo, e vamos a Belém, a «casa do pão» espiritual. Se és pastor, vem ao estábulo e aí verás o Menino. Se és rei, de nada te servirão as vestes faustosas e todo o brilho da tua dignidade se não vieres. Se és homem de ciência como os Magos, de nada te servirão os teus conhecimentos se não vieres apresentar os teus respeitos. Se és estrangeiro ou bárbaro, serás admitido na corte deste Rei. Basta vires com temor e alegria, sentimentos que habitam um coração verdadeiramente cristão.

Antes de vires adorar este Menino, abandona tudo aquilo que te pesa. Se és rico, deposita o teu ouro a Seus pés — ou seja, dá-o aos pobres. Estes estrangeiros vieram de muito longe para contemplar este recém-nascido; como poderás recusar-te a dar alguns passos para visitar um doente ou um prisioneiro? Os Magos ofereceram os seus tesouros a Jesus, e tu não tens sequer um pedaço de pão para Lhe dar? (cf. Mt 25,35ss). Quando viram a estrela, o coração encheu-

se-lhes de alegria; e tu vês Cristo nos pobres, a quem tudo falta, e passas de lado, sem te sentires comovido?

61. «A multiplicação dos pães»

Homílias sobre o Evangelho de Mateus, nº49, 1-3

Reparemos no abandono confiante dos discípulos à providência de Deus nas maiores necessidades da vida, e o seu desprezo por uma existência luxuosa: eram doze e só tinham cinco pães e dois peixes. Não se importam com as coisas do corpo; consagram todo o seu zelo às coisas da alma. E mais, não guardam as provisões para eles: deram-nas ao Salvador assim que Ele lhas pediu. Aprendamos com este exemplo a partilhar o que temos com aqueles que estão em necessidade, mesmo que tenhamos pouco. Quando Jesus lhes pediu para Lhe darem os cinco pães eles não disseram: «E com que ficaremos para mais tarde? Onde encontraremos aquilo de que precisamos para as nossas necessidades pessoais?» Obedeceram de imediato. [...]

Tomando, pois os pães, o Senhor partiu-os e confiou aos discípulos a honra de os distribuírem. Não queria apenas honrá-los com esse santo serviço: queria que participassem no milagre para serem testemunhas convictas e para não esquecerem o que se tinha passado diante dos seus olhos. [...] Foi através deles que mandou sentar as pessoas e distribuir o pão, para que cada um deles pudesse testemunhar o milagre que se realizava nas suas mãos. [...]

Tudo neste acontecimento — o lugar deserto, a terra nua, a escassez de pão e de peixe, a distribuição das mesmas

coisas a todos sem preferências, ficando cada um com tanto como o seu vizinho —, tudo isso nos ensina a humildade, a frugalidade e a caridade fraterna. Amar-nos uns aos outros igualmente, colocar tudo em comum entre aqueles que servem o mesmo Deus, eis o que aqui nos ensina o Salvador.

62. «Acolher a Cristo»

Sermão sobre Elias e a viúva, e as esmolas; PG 51, 348

A viúva de Sarepta recebeu o profeta Elias com toda generosidade e gastou até o último recurso de sua pobreza em honra dele, embora fosse uma estrangeira de Sídon. Ela jamais havia escutado o que os profetas ensinaram sobre o valor da esmola, muito menos a palavra de Cristo: “Tive fome e vocês Me deram de comer” (Mt 25,35).

Qual será, então, a nossa desculpa, se — depois de tantas exortações, da promessa de recompensas tão grandiosas, da promessa do Reino dos Céus e de sua felicidade — não chegarmos ao mesmo grau de bondade dessa viúva? Uma mulher de Sídon, viúva, com a responsabilidade de sustentar sua família, ameaçada pela fome e vendo a morte se aproximar, abriu a porta de sua casa para acolher um estrangeiro e lhe ofereceu a pouca farinha que lhe restava. [...]

E nós? Que fomos instruídos pelos profetas, que ouvimos os ensinamentos de Cristo, que tivemos a oportunidade de meditar sobre as realidades futuras, que não estamos ameaçados pela fome e que possuímos muito mais do que aquela mulher — seremos desculpados se não ousarmos tocar nos nossos bens para dá-los aos

necessitados? Seremos tão descuidados a ponto de negligenciar a nossa própria salvação? [...]

Tenhamos, portanto, grande compaixão pelos pobres, para que sejamos dignos de possuir eternamente os bens que hão de vir, pela graça e pelo amor de Nosso Senhor Jesus Cristo para com a humanidade.

63. «O alimento que perdura e dá a vida eterna, e que o Filho do Homem vos dará»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 82, 5

Os judeus comiam a refeição da Páscoa de pé, com as sandálias nos pés e o cajado na mão; comiam-na apressadamente (cf. Ex 12,11). E você tem ainda mais razão para manter-se vigilante! Eles se apressavam para partir rumo à Terra Prometida e se comportavam como viajantes; você caminha para o céu. Por isso, devemos estar sempre atentos e preparados.

Os inimigos de Cristo feriram Seu santíssimo corpo sem compreender o que faziam (cf. Lc 23,34); e você O receberia com a alma impura, depois de tantos benefícios que Ele lhe concedeu? Pois Ele não se contentou em assumir a nossa natureza humana, em ser flagelado e morto; por amor, quis também unir-Se a nós, identificar-Se conosco — não apenas pela fé, mas realmente, pela participação em Seu próprio corpo.

Pense na honra que você recebe e na mesa à qual é convidado. Aquele que os anjos contemplam com temor,

Aquele para quem não ousam sequer levantar o olhar por causa do esplendor de glória que irradia de Seu rosto — é Ele quem Se torna nosso alimento, fazendo-nos um só corpo e uma só carne com Ele. «Quem poderá contar as obras do Senhor e anunciar todos os Seus louvores?» (Sl 106,2). Que pastor já alimentou suas ovelhas com a própria carne? [...] Muitas vezes, as mães confiam seus filhos a amas; Cristo não faz assim: Ele nos alimenta com o Seu próprio sangue e nos torna um só corpo com Ele.

64. «Toda a criação geme e sofre as dores de parto» (Rm 8,22)

Catequese batismal, nº 4, 12-15

São Paulo escreveu: «Se alguém está em Cristo, é nova criatura» (2Co 5,17). Mas diga-me: qual destas duas coisas é mais admirável — ver o céu ou qualquer outro elemento da criação renovar-se, ou ver um homem passar da malícia para a virtude, renunciar ao erro e se unir à verdade? É justamente a isso que São Paulo chama de “nova criação”.

Com efeito, aqueles que aderiram a Cristo pela fé depuseram o fardo dos seus pecados como quem põe de lado uma roupa velha. Ao abandonar o erro, foram iluminados pelo Sol da Justiça (cf. Mt 3,20), como quem reveste uma túnica nova e resplandecente, uma veste real: «As coisas antigas passaram; eis que tudo se fez novo» (2Co 5,17). A graça de Deus irrompeu, remodelou e transformou as almas.

Você já reparou como, todos os dias, o Senhor realiza essa nova criação? Quantos homens passaram a vida inteira

apegados aos prazeres deste mundo, adorando as criaturas e tomando-as por deuses! Quem, senão o próprio Senhor, poderia persuadi-los a se elevar, de repente, a tão alto grau de virtude, passando a desprezar todos esses ídolos, adorando o Criador do universo e depositando n'Ele a sua fé — acima de todas as coisas desta vida?

Por isso, convido a todos — tanto os que já foram batizados, como os que acabam de receber essa graça do Senhor — a escutarem esta exortação do Apóstolo: «As coisas antigas passaram; eis que tudo se fez novo». Esqueçamos o passado e reformulemos a vida como cidadãos chamados a uma existência nova. Em tudo o que dissermos e fizermos, consideremos a dignidade Daquele que habita em nós.

65. «Filho, tem confiança, os teus pecados estão perdoados»

Homilias sobre São Mateus, 29, 2

Os escribas sustentavam que apenas Deus podia perdoar pecados. Antes mesmo de conceder o perdão, Jesus revela o segredo dos corações, demonstrando assim que também Ele possui esse poder reservado somente a Deus. Afinal, está escrito: «Só Tu, Senhor, conheces o coração de todos os filhos dos homens» (2Cr 6,30) e «o homem vê a aparência, mas o Senhor vê o coração» (1Sm 16,7). Ao desvendar o que os escribas guardavam no íntimo e trazer à luz pensamentos que eles não ousariam expressar em público

— por receio da multidão —, Cristo manifesta, com total mansidão, a sua divindade e igualdade com o Pai.

O parálítico poderia ter reagido com incredulidade, dizendo: “Muito bem! Vieste curar outra doença e sarar outro mal, o pecado. Mas que prova tenho de que os meus pecados estão perdoados?”. Contudo, não foi isso que fez: confiou-se Àquele que tem poder de curar.

E Jesus interpela os escribas: «O que é mais fácil dizer: ‘Os teus pecados estão perdoados’, ou: ‘Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa’?» Em outras palavras: que vos parece mais fácil? Restituir a saúde a um corpo paralisado ou perdoar os pecados da alma? Evidentemente, perdoar os pecados é obra muito mais elevada, pois a alma é superior ao corpo. Mas, porque uma dessas obras é visível e a outra não, Jesus realiza justamente a visível e menor, para confirmar a invisível e maior. Assim, por suas obras, Ele dá testemunho de ser «Aquele que tira o pecado do mundo» (Jo 1,29).

66. «Coloca-a no candelabro»

Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, nº 20, 3-4; PG
60, 162

Não há nada mais insensível do que um cristão que não se empenha em salvar os outros. Não podes justificar-te alegando pobreza: a viúva que ofereceu suas duas pequenas moedas levantar-se-á para te acusar (Lc 21,2). Pedro também, pois dizia: «Não tenho prata nem ouro» (At 3,6). E Paulo, tão

pobre que muitas vezes passava fome e carecia até do necessário (1Cor 4,11).

Não te escudes na humildade de tua origem: também eles eram de condição simples. A ignorância não será desculpa: também eram homens sem instrução [...]. Nem a doença serve de pretexto: Timóteo sofria frequentes indisposições (1Tm 5,23) [...]. Qualquer um pode ser útil ao próximo, se ao menos quiser fazer o que estiver ao seu alcance. [...].

Não digas que te é impossível reconduzir alguém ao bom caminho, pois, se és cristão, é impossível que não o faças. Toda árvore produz seu fruto (Mt 7,17-18), e assim como não há contradição na natureza, também aqui a verdade se confirma: isso decorre da própria essência do ser cristão. É mais fácil a luz tornar-se trevas do que um cristão deixar de irradiar luz.

67. «Proibiu-lhes formalmente de dizerem fosse a quem fosse que Ele era o Messias de Deus»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 54, 1-3

«Proibiu-lhes formalmente de dizerem fosse a quem fosse que Ele era o Messias de Deus.» Por que essa ordem? Para que, afastado todo motivo de escândalo, consumadas a cruz e a Paixão, e removido qualquer obstáculo que pudesse afastar a multidão da fé, o verdadeiro conhecimento de quem Ele era se gravasse, profundo e permanente, nos corações. Seu poder ainda não havia se manifestado em todo o esplendor. Ele esperava que a evidência da verdade e a

autoridade dos fatos confirmassem Seu testemunho, para que, então, os apóstolos O pregassem abertamente.

Uma coisa era vê-Lo multiplicar milagres na Palestina e, logo depois, sofrer perseguições e ultrajes — e, em seguida, a cruz; outra bem diferente era vê-Lo adorado, crido em toda a terra, livre dos maus-tratos que antes sofrera. Por isso lhes ordenou que nada dissessem a ninguém naquele momento.

Se os próprios apóstolos — testemunhas dos milagres e participantes de tantos mistérios indizíveis — tiveram dificuldade em aceitar uma só palavra a respeito da Paixão, inclusive Pedro, o chefe de todos (cf. Mt 16,22), o que pensaria o povo comum? Depois de ouvir dizer que Jesus era o Filho de Deus, como reagiriam ao vê-Lo coberto de escarros e pregado na cruz? E isso antes da vinda do Espírito Santo, quando ainda não se conhecia o significado profundo desses mistérios.

68. «Ser o fermento na massa»

Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, n. 20

Haverá algo mais incoerente do que um cristão que não se preocupa com os outros? Não uses como pretexto a tua pobreza: a viúva que colocou duas moedas na caixa das esmolas do Templo (cf. Mc 12,42) se levantaria para te acusar; assim como Pedro, que disse ao coxo: «Não tenho ouro nem prata» (At 3,6); e Paulo, que era tão pobre que muitas vezes passava fome. Não invoques a tua condição social, pois os apóstolos também eram de origem humilde e de baixa posição. Não alegues ignorância, porque eles eram homens iletrados. Mesmo que fosses escravo ou fugitivo, ainda assim

poderias fazer o que está ao teu alcance. Foi o que aconteceu com Onésimo, elogiado por Paulo (cf. Fm; Cl 4,9). E quanto à saúde? Também Timóteo era frágil (cf. 1Tm 5,23). Sim, independentemente do que somos, todos podemos ser úteis ao nosso próximo, se quisermos verdadeiramente fazer o que está ao nosso alcance.

Vês como as árvores da floresta são vigorosas, belas e imponentes? No entanto, nos jardins, preferimos árvores frutíferas ou oliveiras carregadas de frutos. Árvores belas, mas estéreis [...] — tal como os homens que vivem apenas para os seus próprios interesses.

Se o fermento não faz levedar a massa, não é verdadeiro fermento. Se um perfume não exala seu aroma aos que dele se aproximam, pode-se dizer que é perfume? Não digas que é impossível exercer boa influência sobre os outros, porque, se és verdadeiramente cristão, é impossível que isso não aconteça; faz parte da própria essência do cristão. Seria tão contraditório dizer que um cristão não pode ser útil ao próximo como negar ao sol a capacidade de iluminar e aquecer.

69. «Quando estiveres no teu Reino»

Homilia 1 sobre a cruz e o ladrão, para a Sexta-feira Santa, 2; PG 49, 401

Hoje, o Paraíso, fechado havia milhares de anos, se abriu para nós; neste dia e nesta hora, Deus nele introduziu um ladrão. Assim, realizou duas maravilhas: abriu-nos o Paraíso e fez entrar nele um ladrão. Hoje, Deus nos devolveu

nossa antiga pátria; hoje, conduziu-nos à cidade de nossos pais; hoje, abriu uma morada comum para toda a humanidade.

«Hoje estarás comigo no Paraíso» (Lc 23,43). O que dizes, Senhor? Estás crucificado, cravado com pregos, e prometes o Paraíso? Sim, diz Ele, para que, pela cruz, conheças o meu poder. [...]

Não foi ressuscitando um morto, nem acalmando o mar e o vento, nem expulsando demônios, que Ele transformou a alma pecadora do ladrão, mas sendo crucificado, pregado com pregos, coberto de insultos, escarros, zombarias e ultrajes. Assim quis mostrar os dois aspectos do seu poder soberano: fez tremer toda a criação e fendeu os rochedos (Mt 27,51); e, ao mesmo tempo, atraiu a Si a alma do ladrão, mais dura que a pedra, revestindo-a de honra. [...]

Jamais um rei permitiria que um ladrão ou qualquer outro súdito se sentasse ao seu lado ao entrar soberanamente na cidade do seu reino. Mas Cristo o fez: ao entrar na sua santa pátria, introduziu consigo um ladrão. Ao agir assim, Ele não desonra o Paraíso com a presença de um ladrão; ao contrário, honra-o, pois é glória para o Paraíso que o seu Senhor torne um ladrão digno das delícias ali saboreadas.

Do mesmo modo, quando faz entrar cobradores de impostos e meretrizes no Reino dos céus (Mt 21,31), não é para desonrá-lo, mas para glorificá-lo, mostrando que o Senhor desse Reino é tão grande que pode restituir toda a dignidade

a meretrizes e cobradores de impostos, tornando-os merecedores de tamanha honra e dom.

Admiramos um médico por curar doentes de enfermidades tidas como incuráveis. É, portanto, justo admirarmos a Cristo [...] ao vê-Lo restituir a cobradores de impostos e meretrizes uma santidade espiritual tal, que se tornam dignos do céu.

70. «Que devo fazer, Senhor?»

4ª Homilia sobre São Paulo, 1-2

Paulo, o bem-aventurado que hoje nos congrega, iluminou toda a Terra. Ficou cego no momento do seu chamado, mas essa cegueira fez dele um archote de luz para o mundo. Ele via para fazer o mal; na sua sabedoria, Deus cegou-o para que recebesse a luz, a fim de que passasse a fazer o bem. O Senhor não lhe mostrou apenas o seu poder; revelou-lhe também o coração da fé que ele iria pregar, ordenando-lhe que fechasse os olhos — isto é, que deixasse de lado preconceitos e falsas luzes da razão — para acolher a boa doutrina, para “tornar-se louco a fim de ser sábio”, como diria mais tarde (1Cor 3,18).

Fervoroso e impetuoso, Paulo precisava de um freio vigoroso para não ser arrastado pelo seu ímpeto e desprezar a voz de Deus. Assim, o Senhor começou por conter esse impulso: apaziguou sua cólera infligindo-lhe a cegueira, e depois falou-lhe. Deu-lhe a conhecer a sua sabedoria insondável, para que reconhecesse Aquele contra quem combatia e compreendesse que já não poderia resistir à sua

graça. Não foi a privação de luz que o cegou, mas sim a superabundância da luz.

Deus escolheu o momento com perfeição. O próprio Paulo reconhece: “Quando aprovou a Deus — que me escolheu desde o seio de minha mãe e me chamou pela sua graça — revelar o seu Filho em mim...” (Gl 1,15-16). Aprendamos, pois, pela boca do próprio Paulo, que ninguém jamais encontrou Cristo por conta própria. Foi Cristo quem Se revelou e Se deu a conhecer. Como diz o Salvador: “Não fostes vós que Me escolhestes; fui Eu que vos escolhi” (Jo 15,16).

71. «Não conteis a ninguém o que acabastes de ver, até que o Filho do Homem seja ressuscitado dentre os mortos»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, nº 56; PG 58,
549

Jesus Cristo falou muitas vezes com seus discípulos sobre os sofrimentos que haveria de enfrentar, sobre a sua Paixão e morte, e predisse também os males que um dia recairiam sobre eles, inclusive a morte violenta que lhes estava reservada (Mt 16,21-26). Por isso, depois de lhes anunciar coisas tão duras e difíceis, quis consolá-los, evocando as recompensas que lhes daria quando viesse na glória de seu Pai (v. 27). Quis, assim, mostrar-lhes antecipadamente — na medida em que podiam compreender ainda nesta vida — a grande majestade com que estava para

vir, prevenindo a perturbação e a tristeza que, sobretudo Pedro, poderiam sentir diante de sua morte.

“Jesus tomou consigo Pedro, Tiago e João.” Por que apenas esses três? Provavelmente porque se destacavam entre os demais: Pedro, pelo seu fervor e amor; João, porque era o discípulo amado (Jo 13,23); e Tiago, porque dissera, juntamente com o irmão: “Podemos [beber o teu cálice]” (Mt 20,22) e manteve sua palavra até o fim (At 12,2).

E por que fez aparecer Moisés e Elias? Porque era acusado de violar a Lei e de blasfemar, apropriando-se de uma glória que pertencia apenas ao Pai. Ao chamar como testemunhas Moisés — que entregou a Lei — e Elias — abrasado de zelo pela glória e serviço de Deus (1Rs 19,10) —, Jesus mostrava que não violava a Lei nem tomava para Si glória alheia. Além disso, revelava ser o Senhor da vida e da morte, trazendo à sua presença um homem que morrera e outro que fora levado vivo numa carruagem de fogo (2Rs 2,11).

Assim, queria também revelar aos discípulos a glória de sua cruz, confortando Pedro e os companheiros, temerosos diante de sua Paixão, e fortalecendo-lhes a coragem. Pois Moisés e Elias conversavam com Ele sobre a glória que haveria de receber em Jerusalém (Lc 9,31), ou seja, sobre a sua Paixão e cruz, que os profetas sempre chamaram de sua glória.

72. «Eu estou no meio deles»

8ª Homília sobre a Carta aos Romanos, 8; PG 60, 464

Quando vos digo para imitardes o apóstolo Paulo, não vos peço: “Ressuscitai os mortos, curai os leprosos.” Peço algo maior: cultivai a caridade. Tende o amor que inflamava São Paulo, pois esta virtude é muito mais elevada do que o poder de operar milagres. Onde há caridade, Deus Filho reina com o Pai e o Espírito Santo. Ele mesmo disse: “Onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles” (Mt 18,20). Amar essa reunião é próprio de uma amizade tão sólida quanto verdadeira.

Poderíeis perguntar: “Haverá pessoas tão miseráveis que não desejem ter Cristo entre elas?” Sim, meus filhos, há — e somos nós mesmos. Expulsamo-Lo do nosso convívio quando nos deixamos levar por contendas e desavenças. Talvez me digais: “Mas como podes afirmar isso? Não estamos todos reunidos em seu nome, debaixo do mesmo teto, no recinto da mesma igreja, atentos à voz do nosso pastor? Não cantamos e oramos em uníssono, na perfeita unidade? Onde está, então, a discórdia?”

Eu sei que estamos no mesmo redil e sob o mesmo pastor. É justamente por isso que choro ainda mais amargamente. Pois, embora agora estejais tranquilos e silenciosos, ao sairdes da igreja logo um critica o outro, outro injuria publicamente o irmão; há quem se deixe consumir pela inveja, pelo ciúme ou pela avareza; há quem medite a vingança, entregue-se à sensualidade, à duplicidade ou à fraude.

Respeitai, portanto, esta mesa santa da qual todos comungamos; respeitai Cristo imolado por nós; respeitai o

sacrifício que é oferecido sobre este altar, que está no meio de nós.

73. «Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»

Homilias ao povo de Antioquia, XX, 5 e 6

Eis o que te proclamo, o que te asseguro, o que te digo com voz retumbante: Que quem tem inimigos não se aproxime da mesa sagrada nem receba o Corpo do Senhor! Que os que se aproximam não tenham inimigos! Tens algum inimigo? Não te aproximes! Se quiseres fazê-lo, vai primeiro reconciliar-te e depois receberás o sacramento.

Não sou eu que falo assim, é o Senhor quem o diz, Ele que foi crucificado por nós; Ele, para te reconciliar com seu Pai, não recusou ser imolado nem derramar o seu sangue; e tu, para te reconciliares com o teu irmão, nem queres dizer uma palavra e tomar a iniciativa de ir procurá-lo? Escuta o que diz o Senhor a propósito dos que fazem como tu: «Se fores, portanto, apresentar uma oferta sobre o altar e ali te recordares de que o teu irmão tem alguma coisa contra ti...» Ele não diz: «Espera que ele venha procurar-te ou que ele receba a visita de um dos teus amigos na qualidade de reconciliador», nem diz: «Envia-lhe alguém», mas: «Corre tu pessoalmente, vai ter com ele!» «Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão».

Incrível! Então se Deus não Se dá por desonrado de ver deixado de parte um dom que Lhe era destinado, havias tu de te considerar desonrado por dares o primeiro passo para te reconciliar com o teu irmão? Que desculpa tem semelhante

conduta? Quando vês um dos teus membros cortados, não tentas por todos os meios juntá-lo ao resto do teu corpo? Faz também assim com os teus irmãos: logo que vejas que eles estão separados da tua amizade, vai depressa buscá-los, não esperes que eles sejam os primeiros a apresentar-se: apressa-te tu a tentar a reconciliação.

74. «Se não virdes sinais extraordinários e prodígios, não acreditareis!»

Homilias sobre o Evangelho de João, nº 35

«Se não virdes sinais extraordinários e prodígios, não acreditareis!» O funcionário real parece não crer que Jesus tenha poder para ressuscitar os mortos: «Senhor, vem, antes que o meu filho morra!» É como se pensasse que Jesus desconhecia a gravidade da doença de seu filho. Por isso, o Senhor o repreende, para mostrar-lhe que os milagres são realizados, sobretudo, para conquistar e curar as almas.

Assim, Jesus curou primeiro o pai — que estava tão enfermo no espírito quanto o filho estava enfermo no corpo — para nos ensinar que não devemos nos apegar a Ele por causa dos milagres, mas pelos ensinamentos que os milagres confirmam. Pois Ele não realiza milagres para os que já creem, mas para os que não creem. [...].

No retorno, «acreditou, ele e todos os de sua casa». Pessoas que não tinham visto nem ouvido Jesus [...] acreditaram nele. Que lição devemos tirar disso? Que é preciso crer nele sem exigir milagres; que não devemos impor

a Deus provas de seu poder. Hoje, muitos demonstram maior amor a Deus quando um filho ou a esposa obtêm alívio de uma doença; mas, mesmo que nossos pedidos não sejam atendidos, é preciso perseverar na ação de graças e no louvor. Permanecemos unidos a Deus, tanto na adversidade quanto na prosperidade.

75. «Jesus, filho de Davi, tem piedade de mim»

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, nº 66, 1

Olhemos atentamente para esses cegos de Jericó do Evangelho de São Mateus: eles valiam mais do que muitos que ali enxergavam bem. Não tinham ninguém para guiá-los, nem podiam ver Jesus aproximar-Se. No entanto, esforçaram-se para chegar até Ele: puseram-se a gritar em alta voz; tentaram calá-los, mas gritavam ainda mais forte. Assim é a alma enérgica: os que tentam detê-la apenas aumentam seu impulso.

Cristo permitiu que tentassem calá-los para que seu fervor se revelasse ainda mais, demonstrando que aqueles cegos eram, com justiça, dignos de serem curados. Por isso, não lhes perguntou se tinham fé, como costumava fazer: seus gritos e esforços para se aproximarem eram prova suficiente da fé que possuíam. Aprende com isso, meu amigo: apesar de nossa pequenez e miséria, se nos dirigirmos a Deus com todo o coração, poderemos alcançar o que pedimos.

Observe ainda esses dois cegos: tinham apenas um discípulo para protegê-los, enquanto muitos lhes impunham silêncio; e, mesmo assim, conseguiram vencer todos os

impedimentos e chegar até Jesus. O evangelista não menciona neles uma vida de virtude extraordinária: seu fervor, por si só, superou tudo.

Imitemo-los também nós: mesmo que Deus não nos conceda logo o que pedimos, mesmo que muitos procurem afastar-nos da oração, não deixemos de suplicar. É justamente assim que mais atraímos os favores de Deus.

76. «Vinde comigo e Eu farei de vós pescadores de homens»

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, nº 14, 2

Que pescaria admirável a do Salvador! Admiremos a fé e a obediência dos discípulos. Como sabemos, a pesca exige atenção constante. No entanto, em meio ao seu trabalho, eles ouvem o chamado de Jesus e não hesitam um instante — não dizem, por exemplo: “Deixe-nos ir para casa falar com nossa família.” Não: deixam tudo e seguem—No, como Eliseu fez com Elias (1Rs 19,20).

Essa é a obediência que Cristo nos pede: sem a menor hesitação, mesmo quando necessidades aparentemente mais urgentes nos pressionam. Foi por isso que, quando um jovem que queria segui-Lo pediu para ir primeiro sepultar o pai, Ele não permitiu (Mt 8,21). Seguir Jesus e obedecer à Sua palavra é um dever que está acima de todos os outros.

Talvez digas que a promessa que Ele lhes fez era muito grande. Mas é exatamente por isso que os admiro tanto: mesmo sem terem presenciado ainda qualquer milagre,

acreditaram nessa promessa extraordinária e renunciaram a tudo para segui-Lo. E o fizeram confiando que, com as mesmas palavras pelas quais haviam sido “pescados”, também eles seriam capazes de “pescar” outros.

77. «Jesus saiu ao seu encontro e saudou-as»

Homilia sobre o Grande Sábado

«Vinde ver o lugar onde repousava o Senhor» (Mt 28,6). [...] Vinde ver o lugar onde foi lavrada a ata que garante a vossa ressurreição. Vinde ver o lugar onde a morte foi sepultada. Vinde ver o lugar onde um corpo — um grão que não foi semeado por mãos humanas — produziu uma multidão de espigas para a imortalidade. [...] «Não temais. Ide avisar a Meus irmãos que vão para a Galileia; lá Me verão.»

Eis o que o Senhor disse às mulheres. Ainda hoje, à beira da pia batismal, Ele permanece invisível junto aos crentes, mas abraça os recém-batizados como amigos e irmãos. [...] Ele enche seus corações e almas de júbilo e alegria. Lava suas manchas nas fontes da graça. Unge com o perfume do Espírito aqueles que foram regenerados. O Senhor torna-Se Aquele que os alimenta e, ao mesmo tempo, o próprio alimento deles, dando a Seus servos a porção de sustento espiritual. Ele diz a todos os fiéis:

«Tomai e comei o pão do céu; recebei a fonte que jorra do Meu lado, de onde a água nunca seca. Vós que

tendes fome, saciai-vos; vós que tendes sede, inebriai-vos com um vinho sóbrio e salutar.»

78. «Também vós vos sentis agora tristes, mas Eu hei-de ver-vos de novo! E [...] ninguém vos poderá tirar a vossa alegria»

Homilia 1 sobre a Primeira Carta aos Tessalonicenses

«Fizestes-vos imitadores do Senhor», diz São Paulo. Como? «Recebendo a Palavra no meio de muitas tribulações, com a alegria do Espírito Santo» (1Ts 1,6). Não foi apenas em tribulações, mas *no meio delas*, em meio a sofrimentos sem fim. Isso se confirma nos Atos dos Apóstolos, onde vemos como a perseguição contra eles se intensificou, como os inimigos os denunciaram aos magistrados e incitaram a cidade contra eles. Eles passaram por tribulações — e não se pode dizer que permaneceram fiéis com tristeza e lamentos; não, mantiveram-se firmes com grande alegria, pois tinham nos apóstolos o exemplo: «Saíram do Sinédrio cheios de alegria por terem sido considerados dignos de sofrer afrontas por causa do Nome de Jesus» (At 5,41).

E isto é o que há de verdadeiramente admirável: já é muito sofrer tribulações com paciência; mas alegrar-se nelas é demonstrar que se é superior à natureza humana e que já se possui, por assim dizer, um corpo impassível. E como se tornaram imitadores de Cristo? Pelo fato de também Ele ter sofrido sem murmurar, com alegria, porque voluntariamente se encontrava em tais tribulações. Foi por nós que Ele Se humilhou, adiantando-Se aos escarros, às bofetadas, à própria

cruz — e alegrando-Se de tal maneira, que a tudo isso chamava a Sua glória, dizendo: «Pai, glorifica-Me» (Jo 17,5).

79. «Pregando o Evangelho do Reino e curando todas as doenças e enfermidades»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 32

Jesus Cristo, alvo de desprezo e insultos por parte de seus inimigos, dedicava-se ainda mais a fazer-lhes o bem. [...] Percorria cidades, aldeias e sinagogas, ensinando-nos a responder às calúnias não com calúnias, mas com boas obras. Se, ao fazer o bem ao teu próximo, tens em vista agradar a Deus e não aos homens, façam estes o que fizerem, não deixes de fazer o bem; tua recompensa será maior. [...]

Eis por que Cristo não esperava que os doentes viessem até Ele, mas ia pessoalmente ao encontro deles, levando-lhes simultaneamente dois bens essenciais: a Boa-Nova do Reino e a cura de todos os seus males. E, para Cristo, isso ainda não bastava: Ele manifestava a Sua compaixão de outra maneira. «Ao ver as multidões, encheu-Se de compaixão, porque andavam fatigadas e abatidas, como ovelhas sem pastor. Então disse aos discípulos: “A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos. Pedi, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a Sua seara.”»

Veja-se, mais uma vez, o Seu desapego à vanglória: não querendo que todos O seguissem, enviava os Seus discípulos. Queria instruí-los, não apenas para as lutas que iriam enfrentar na Judeia, mas também para os combates que começariam em toda a Terra. [...] Jesus concedeu aos Seus

discípulos o poder de curar os corpos, preparando-se para lhes confiar o poder — não menos importante — de curar as almas.

Repara como Ele mostra, ao mesmo tempo, a facilidade e a necessidade desta obra. Que foi que disse? «A seara é grande, mas os trabalhadores são poucos»: não é à sementeira que vos envio, mas à colheita. [...] Ao falar assim, Nosso Senhor dava-lhes confiança e mostrava que o trabalho mais importante já havia sido realizado.

80. «Não temais»

Homilia “À partida para o exílio”

Numerosas são as ondas e a tempestade rugue, mas não tememos ser submersos: permanecemos firmes sobre a rocha. Mesmo que o mar se enfureça, não quebrará a rocha; mesmo que as ondas se levantem, não poderão engolir a barca de Jesus. Dizei-me: o que podemos temer? A morte? «Para mim, viver é Cristo e morrer é lucro» (Fl 1,21). O exílio? «Do Senhor é a terra e tudo o que nela existe» (Sl 23[24],1). A confiscação dos bens? «Nada trouxe para este mundo e nada podemos levar dele» (1Tm 6,7). Pouco me importam as coisas temíveis deste mundo; rio-me dos seus bens. Não temo a pobreza, não desejo a riqueza. Não tenho medo da morte. [...]

O Senhor é quem me dá segurança. Apoiar-me-ei nas minhas próprias forças? Não! Possuo o Seu testamento: eis o meu ponto de apoio, a minha segurança, o meu porto tranquilo. Ainda que o universo inteiorestrema, tenho este

testamento e nele medito: ele é a minha fortaleza e minha garantia. E qual é o seu conteúdo? «Eis que Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo» (Mt 28,20). Jesus Cristo está comigo — a quem temerei? Assaltem-me as ondas e a cólera dos poderosos: tudo isso não vale sequer o peso de uma teia de aranha.

81. «Caíram em boa terra e deram fruto»

Homilias sobre Mateus, 44

«Saiu o semeador a semear.» Donde saiu Aquele que está presente em toda parte, que enche todo o universo? Como saiu? Não fisicamente, mas por uma disposição de Sua providência em nosso favor: aproximou-Se de nós, revestindo-Se de nossa carne. Como não podíamos ir até Ele, porque nossos pecados nos impediam o acesso, foi Ele quem veio até nós.

E por que saiu? Para destruir a terra cheia de espinhos? Para castigar os cultivadores? De modo algum. Ele veio cultivar essa terra, cuidar dela e nela semear a palavra da santidade. Pois a semente de que fala é a Sua doutrina; o campo é a alma do homem; o semeador é Ele mesmo. [...]

No caso dos campos materiais, poderíamos censurar um agricultor que lançasse a semente com tanta abundância. [...] Mas, quando se trata das coisas da alma, as pedras podem tornar-se terra fértil; o caminho, deixar de ser pisado pelos transeuntes e transformar-se em campo fecundo; os espinhos, ser arrancados e permitir que os grãos cresçam em plena tranquilidade. Se isso não fosse possível, Ele não teria

lançado a semente. E, se a transformação não se realizou, não é culpa do semeador, mas dos que não quiseram deixar-se transformar. O semeador fez o seu trabalho; se a semente se perdeu, o autor de tão grande benefício não é responsável por isso.

Nota bem que há várias maneiras de perder a semente. [...] Uma coisa é deixar a semente da palavra de Deus secar, sem que haja tribulação ou cuidado que a fortaleça; outra é vê-la sucumbir sob o choque das tentações. [...] Para que isso não nos aconteça, gravemos a palavra na memória, com ardor e seriedade. Assim, por mais que o diabo arranque à nossa volta, teremos força para impedir que ele arranque algo de dentro de nós.

82. «A morte de João Batista»

Homilias sobre S. Mateus, n.º 48

«Dá-me agora mesmo, num prato, a cabeça de João Batista.» E Deus permitiu que isso acontecesse; não fez cair um raio do céu para consumir aquele rosto insolente, nem ordenou que a terra se abrisse para engolir os convidados daquele banquete horrendo. Ao permitir tal fato, Deus concedia ao justo a mais bela das coroas e deixava, para o futuro, uma consolação magnífica aos que viessem a ser vítimas de injustiças semelhantes.

Escutemos, pois, todos nós que, apesar de vivermos com retidão, ainda assim temos de suportar os malvados: [...] o maior entre os nascidos de mulher (cf. Lc 7,28) foi levado à morte a pedido de uma jovem impudica, instigada por uma

mulher perdida; e isso por ter defendido a lei divina. Que tal exemplo nos encoraje a suportar, com firmeza, os sofrimentos que nos cabem. [...]

Reparemos também no tom moderado do evangelista, que até busca circunstâncias atenuantes para este crime. Sobre Herodes, observa que agiu «por causa do juramento e dos convidados» e que «ficou consternado»; sobre a jovem, destaca que foi «instigada pela mãe». [...] Aprendamos, assim, a não odiar os malvados, a não expor nem comentar as faltas alheias, mas a escondê-las o quanto possível, acolhendo a caridade em nossa alma. Pois, acerca dessa mulher impudica e sanguinária, o evangelista falou com toda a moderação possível; [...] e tu, no entanto, não hesitas em tratar com dureza e malícia o teu próximo.

Não é assim que agem os santos; pelo contrário, eles choram pelos pecadores, em vez de os amaldiçoar. Façamos o mesmo: choremos por Herodíades e por todos os que a imitam. Pois ainda hoje vemos muitos banquetes semelhantes ao de Herodes — não se condena à morte o Precursor, mas se dilaceram os membros de Cristo.

83. «O poder de uma oração perseverante»

Homilias sobre S. Mateus

Quando seria de esperar que recuasse desanimada, a cananeia, ao contrário, aproxima-se ainda mais e, prostrando-se aos pés de Jesus, suplica: «Socorre-me, Senhor!» Mas então, mulher, não ouviste Ele dizer: «Não fui

enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel»? Ouvi, responde ela; mas Ele é o Senhor. [...].

Foi por prever essa resposta que Cristo retardou a concessão do pedido: recusou de início para ressaltar a piedade da suplicante. Se não quisesse conceder o que ela pedia, não teria, afinal, atendido. [...] Suas respostas não tinham por objetivo humilhá-la, mas atraí-la e revelar o tesouro escondido de sua fé.

Considera, porém, não apenas a fé, mas também a profunda humildade dessa mulher. Jesus chama os judeus de filhos; ela ainda eleva esse título, chamando-os de “donos” e “senhores”, tão distante está de se ressentir diante do elogio dado a outros: «Mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa de seus donos» [...]. É justamente por essa humildade que é admitida ao número dos filhos. Então Cristo diz: «Mulher, é grande a tua fé». Demorou-Se a pronunciar essas palavras e a recompensar aquela mulher: «Faça-se como desejas».

Vês? A cananeia tem papel decisivo na cura de sua filha. Cristo não diz: «Que a tua filha seja curada», mas: «É grande a tua fé. Faça-se como desejas». E nota ainda: ela alcançou o que nem mesmo os apóstolos haviam conseguido. Tal é o poder de uma oração perseverante.

84. «Sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»

Homilia sobre São Pedro e Santo Elias

Pedro estava prestes a receber as chaves da Igreja — mais ainda, as chaves do céu — e a ser-lhe confiado o governo de um povo numeroso. [...] Se, com a tendência que tinha para a severidade, Pedro tivesse permanecido sem pecado, como poderia ser misericordioso com os seus discípulos? Ora, por uma disposição da graça divina, caiu no pecado, para que, tendo a experiência da sua própria miséria, pudesse ser compassivo com os outros.

Repara bem: quem cedeu ao pecado foi Pedro, o chefe dos apóstolos, o fundamento sólido, a rocha indestrutível, o guia da Igreja, o porto invencível, a torre inabalável, ele que tinha dito a Cristo: «Mesmo que eu tenha de morrer contigo, não Te negarei» (Mt 26,35); ele que, por revelação divina, tinha confessado: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo».

Ora, narra o Evangelho que, na própria noite em que Jesus foi entregue, [...] uma jovem disse a Pedro: «Tu também estavas com aquele homem»; ao que ele respondeu: «Não conheço esse homem» (Mt 26,69-72). [...] Ele, a coluna, a muralha, cedeu perante as suspeitas de uma mulher. [...] Jesus fixou nele o olhar [...], Pedro compreendeu, arrependeu-se do seu pecado e chorou amargamente. E o Senhor misericordioso concedeu-lhe o seu perdão. [...].

Pedro foi submetido ao pecado para que a consciência da sua culpa e do perdão recebido do Senhor o levasse a perdoar aos outros por amor. Realizava assim uma disposição providencial, conforme à maneira divina de agir. Foi necessário que Pedro, a quem a Igreja seria confiada — a coluna das Igrejas, a porta da fé, o médico do mundo — se mostrasse fraco e pecador. Assim foi, para que descobrisse na

sua própria fraqueza uma razão para exercer a bondade para com os outros homens.

85. «Por cima dele havia um letreiro: "Este é o rei dos Judeus"»

Homilia sobre a cruz e o bom ladrão, 1, 3-4

«Jesus, lembra-Te de mim, quando vieres com a tua realeza». O ladrão não ousou fazer esta prece sem antes, pela confissão, libertar-se do fardo dos seus pecados. Vê bem, cristão, a força da confissão: ele confessou os seus pecados e o paraíso abriu-se-lhe; confessou os seus pecados e ganhou confiança bastante para pedir o Reino dos Céus, depois de tantos roubos cometidos. [...].

Queres conhecer o Reino? Que vês aqui que se lhe assemelhe? Tens diante dos olhos pregos e uma cruz; mas essa cruz, dizia Jesus, é o próprio sinal do Reino. E eu, ao vê-Lo na cruz, proclamo-O Rei. Não é próprio de um rei morrer pelos seus súditos? Ele próprio disse: «O bom pastor dá a vida pelas suas ovelhas» (Jo 10,11). Isto é igualmente verdade para um bom rei: também ele dá a vida pelos seus súditos. Proclamá-Lo-ei, portanto, Rei por causa da dádiva que fez da sua vida: «Jesus, lembra-Te de mim, quando vieres com a tua realeza».

Compreendes agora que a cruz é o sinal do Reino? Eis outra prova: Cristo não deixou a sua cruz na Terra; ergueu-a e levou-a consigo para o Céu. Sabemo-lo, porque Ele a terá junto de Si quando voltar pleno de glória. Para perceberes quanto esta cruz é digna de veneração, repara como Ele a

tomou como um título de glória [...]. Quando o Filho do Homem vier, «o sol escurecerá e a lua perderá o brilho». Reinará então uma claridade tão viva que até os astros mais brilhantes se eclipsarão. «As estrelas cairão do céu. Aparecerá então no céu o sinal do Filho do Homem» (Mt 24,29s).

Vês bem a força do sinal da cruz? [...] Quando um rei entra numa cidade, os soldados pegam nos estandartes, içam-nos aos ombros e marcham à sua frente para anunciar a chegada régia. De igual modo, legiões de anjos precederão a Cristo, quando Ele descer do Céu, trazendo aos ombros esse sinal anunciador da vinda do nosso Rei.

86. «Eu vi e dou testemunho de que Ele é o Filho de Deus»

Homilia sobre o batismo de Jesus Cristo e sobre a Epifania

Cristo não Se manifestou a todos os homens no momento do seu nascimento, mas no momento do seu batismo. Até esse dia, poucos O conheciam; quase ninguém sabia da sua existência e a maioria ignorava quem Ele era. João Batista declarou: «No meio de vós está quem vós não conheceis» (Jo 1,26); e o próprio João partilhava dessa ignorância até o dia do batismo de Cristo: «Eu não O conhecia, mas quem me enviou a batizar na água é que me disse: ‘Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo’» [...].

Com efeito, qual a razão que João dá para o batismo do Senhor? Era, diz ele, para que todos O conhecessem. E São

Paulo observa: «João Batista ministrou apenas um batismo de penitência, dizendo ao povo que cresse naquele que viria depois dele» (At 19,4). Foi por isso que Jesus recebeu o batismo de João. Ir de casa em casa apresentando Cristo como o Filho de Deus seria, para João, um testemunho de difícil aceitação; levá-Lo à sinagoga e designá-Lo como Salvador poderia parecer pouco convincente. Mas, no meio da multidão reunida à margem do Jordão, Jesus recebe dos altos céus um testemunho claro: o Espírito Santo descendo sobre Ele em forma de pomba. Isso confirmava de modo incontestável a palavra de João.

«Eu não O conhecia», afirma João. Quem, então, te fez conhecê-Lo? «Aquele que me enviou a batizar». E que te disse Ele? «Aquele sobre quem vires o Espírito descer e permanecer é que batiza no Espírito Santo». É, portanto, o Espírito Santo que revela a todos Aquele de quem João pregava maravilhas, descendo dos céus para, com suas asas de pomba, indicá-Lo publicamente.

87. «Pobres, sempre os tereis convosco»

Homilia 15 sobre a Carta aos Romanos; PG 60, 543-

548

O Pai não poupou o seu próprio Filho (Rm 8,32); e tu não és capaz de dar sequer um pedaço de pão Àquele que foi entregue e imolado por ti. Por ti, o Pai não O poupou; e tu passas com indiferença ao lado de Cristo faminto, vivendo dos benefícios que Ele te conquistou. [...] Ele foi entregue por ti, imolado por ti, vive em necessidade por ti e quer que a tua

generosidade te seja proveitosa; mesmo assim, tu não dás. Será que existem pedras mais duras que o coração humano, quando tantas razões o interpelam?

Não bastou a Cristo sofrer a morte e a cruz; Ele quis ainda tornar-Se pobre, mendigo e nu, ser lançado na prisão (Mt 25,36), para que, ao menos assim, teu coração se comovesse: «Se nada Me dás pelas Minhas dores» — diz Ele —, «tem piedade de Mim por causa da Minha pobreza. Se não queres ter piedade de Mim pela Minha pobreza, que seja a Minha doença a enternecer-te, que sejam as Minhas correntes a tocar teu coração. E, se nem isso te move, cede ao menos por causa da pequenez do Meu pedido. Não te peço coisas difíceis: peço-te pão, um teto e algumas palavras de amizade. [...] Estive preso por ti e continuo a estar, para que, comovido com as Minhas cadeias de outrora ou com as de agora, tu sejas misericordioso para Comigo. Passei fome por ti e continuo a passar. Tive sede quando estava suspenso na cruz e continuo a ter sede pelos pobres, a fim de atrair-te a Mim e salvar-te». [...]

De fato, Ele diz: «Quem recebe um destes pequeninos, a Mim recebe» (Mc 9,37). [...] Ele poderia coroar-te sem isso, mas quer tornar-Se teu devedor, para que uses a coroa com segurança. É por isso que, podendo alimentar-Se a Si mesmo, Ele mendiga, coloca-Se à tua porta e estende-te a mão. É por

ti que quer ser alimentado, porque te ama ardentemente. Sua felicidade consiste em sentar-Se à tua mesa.

88. «Entra na alegria do teu Senhor» (Mt 25,23)

Homília atribuída a São João Crisóstomo (c. 345-407), Liturgia Ortodoxa da Páscoa

Que todo homem piedoso e amigo de Deus participe com alegria desta bela e luminosa festa! Que todo servo fiel entre com júbilo na alegria do seu Senhor! (Mt 25,23) Aquele que carregou o peso do jejum venha agora receber sua recompensa. O que trabalhou desde a primeira hora receba hoje o seu justo salário (Mt 20,1ss). O que chegou depois da terceira hora celebre esta festa em ação de graças. O que veio após a sexta hora não tema, pois não será prejudicado. Se alguém só chegou na nona hora, aproxime-se sem hesitar. E se houve quem se atrasou até a décima primeira hora, não tenha medo de sua negligência, pois o Senhor é generoso: acolhe o último como o primeiro [...], exerce misericórdia sobre aquele e agracia este. Dá a um e recompensa o outro.

Assim, pois, entrem todos na alegria do vosso Senhor! Primeiros e últimos [...], ricos e pobres [...], vigilantes e sonolentos [...], vós que jejuastes e vós que não jejuastes, alegrai-vos hoje! O banquete está pronto: vinde todos! (Mt 22,4) O novilho cevado está servido: que ninguém saia com fome. Saciai-vos todos no banquete da fé, participai todos do tesouro da misericórdia. Que ninguém lamente sua pobreza, pois o Reino foi aberto para todos; que ninguém chore seus

pecados, pois o perdão brotou do túmulo; que ninguém tema a morte, pois a morte do Salvador nos libertou dela.

Aquele que fora preso pela morte a destruiu; Aquele que desceu à mansão dos mortos esvaziou-a. [...] Isaías já o havia profetizado: «O inferno ficou consternado quando te encontrou» (Is 14,9). O inferno se encheu de amargura [...] porque foi derrotado; humilhado, porque foi derrubado; esmagado, porque foi destruído. Agarrou um corpo e encontrou-se diante de Deus; prendeu o que era da terra e deparou-se com o Céu; apropriou-se do que via e foi vencido pelo que não via. «Ó morte, onde está o teu aguilhão? Ó inferno, onde está a tua vitória?» (1Cor 15,55).

Cristo ressuscitou, e tu foste destruído! Cristo ressuscitou, e os demônios foram precipitados! Cristo ressuscitou, e os anjos exultam! Cristo ressuscitou, e já não há mortos nos túmulos! Pois Cristo, ressuscitado dos mortos, tornou-se as primícias dos que dormiram. A Ele, glória e poder pelos séculos dos séculos! Amém.

89. «O pão que Eu hei de dar é a minha carne, que Eu darei pela vida do mundo»

Homilias sobre a 1ª Carta aos Coríntios, n.º 24

«Nós, embora muitos, formamos um só corpo, porque todos participamos do mesmo pão» (1Cor 10,17). E qual é este pão que comemos? O Corpo de Cristo. Em que se

transformam os que comungam? No Corpo de Cristo; não numa multidão dispersa, mas num único corpo.

Assim como o pão, feito de muitos grãos de trigo, se torna um só pão no qual já não se distinguem os grãos, embora eles permaneçam ali unidos numa só massa, assim também nós, unidos a Cristo, formamos um único todo. Pois não é de um corpo que se alimenta um membro e de outro corpo que se alimenta outro: é o mesmo corpo que a todos sustenta. Por isso, Paulo insiste: «Todos participamos do mesmo pão».

Se, portanto, participamos todos do mesmo pão e nos tornamos todos esse mesmo Cristo, por que não vivemos na mesma caridade? [...] Era assim no tempo dos nossos pais: «A multidão dos que haviam abraçado a fé tinha um só coração e uma só alma» (At 4,32). Hoje, porém, não é mais assim; pelo contrário... E, no entanto, homem, Cristo veio buscar-te, a ti que estavas longe, para unir-Se a ti. E tu não queres unir-te ao teu irmão?

Ele não Se limitou a dar o Seu corpo. Porque a primeira carne, formada da terra, estava morta pelo pecado, Ele introduziu nela, por assim dizer, outro fermento: a Sua própria carne — da mesma natureza que a nossa, mas isenta de pecado e cheia de vida. O Senhor distribuiu-a a todos para

que, alimentados por esta carne nova, possamos, unidos uns aos outros, entrar na vida imortal.

90. «Alegrai-vos e exultai, porque é grande nos Céus a vossa recompensa»

Homilia sobre a Segunda Carta aos Coríntios

Só os cristãos avaliam as coisas pelo seu verdadeiro valor, não tendo os mesmos motivos de alegria ou tristeza que o resto dos homens. À vista de um atleta ferido, levando na cabeça a coroa de vencedor, quem nunca praticou desporto só vê as feridas e a dor, sem imaginar a felicidade que a recompensa lhe traz.

Assim fazem também aqueles de quem falamos: sabem que sofremos provações, mas ignoram por que as suportamos; veem as lutas em que estamos empenhados e os perigos que nos cercam, mas as recompensas e coroas permanecem-lhes ocultas, assim como o motivo dos nossos combates. Como afirma São Paulo: «Julgam que nada temos, mas nós possuímos tudo» (2Cor 6,10).

Por causa daqueles que nos observam, quando formos provados por amor a Cristo, suportemos as dificuldades com coragem — mais ainda, com alegria. Se jejuarmos, mostremos alegria, como se estivéssemos em delícias; se formos ultrajados, exultemos como se recebêssemos elogios; se

sofrermos algum mal, consideremo-lo como ganho; se dermos algo a um pobre, convençamo-nos de que recebemos.

Acima de tudo, lembra-te: combates pelo Senhor Jesus. Assim, entrarás na luta com gosto e viverás sempre na alegria, pois nada nos torna mais felizes do que uma boa consciência.

91. «Vós sois o sal da Terra»

Sermões sobre S. Mateus, n.º 15

«Vós sois o sal da Terra», diz o Salvador, mostrando a necessidade de todos os preceitos que acaba de enunciar. «A minha palavra não vos é confiada apenas para a vossa própria vida, mas para o mundo inteiro. Não vos envio a duas cidades, a dez ou a vinte, nem a um só povo, como outrora os profetas. Envio-vos à terra, ao mar, a toda a criação (Mc 16,15), a toda a parte onde o mal abunda».

Ao dizer-lhes: «Vós sois o sal da Terra», indicou que toda a natureza humana está insossa, corrompida pelo pecado; e que, pelo ministério dos apóstolos, a graça do Espírito Santo regeneraria e conservaria o mundo. Por isso lhes ensinou as virtudes das bem-aventuranças, as mais necessárias e eficazes para quem iria cuidar de multidões.

O homem manso, modesto, misericordioso e justo não encerra em si mesmo as boas obras que realiza; deseja que essas fontes vivas jorrem também para benefício dos outros. O que tem o coração puro, o que constrói a paz, o que sofre

perseguição pela verdade consagra a sua vida ao bem do próximo.

92. «A seara é grande»

Homilia sobre a seara grande, 10,2-3; PG 63, 519-521

Todos os trabalhos do agricultor tendem naturalmente para a colheita. Então, por que razão Cristo disse que a colheita ainda estava no começo? A idolatria reinava em toda a Terra. [...] Por todo o lado se praticava a fornicação, o adultério, o deboche, a cupidez, roubos e guerras. [...] A Terra estava cheia de muitos males! Nenhuma semente havia sido lançada; os espinhos, cardos e ervas daninhas que cobriam o solo ainda não tinham sido arrancados. Nenhuma charrua havia sulcado a terra.

Como, então, Jesus podia afirmar que a seara é grande? [...] É natural que os apóstolos tenham ficado desconcertados: «Como poderemos sequer abrir a boca e manter-nos de pé diante de tantos homens? Como nós, os onze, haveremos de corrigir todos os habitantes da Terra? Nós, tão ignorantes, abordaremos os sábios? Nós, que nada temos, enfrentaremos homens armados? Nós, que somos súditos, confrontaremos as autoridades? Nós, que só falamos uma língua, conseguiremos discutir com povos bárbaros que falam outras línguas? Quem nos ouvirá, se nem compreendem o que dizemos?»

Cristo não quer que tais raciocínios os confundam. Por isso, ao dizer que o Evangelho é uma seara, é como se lhes dissesse: «Está tudo preparado. Eu envio-vos a colher o trigo

maduro; podereis semear e colher no mesmo dia». Quando o agricultor sai de casa para a ceifa, transborda de alegria e resplandece de felicidade; não contempla as dores ou dificuldades que poderá encontrar. [...] «Emprestai-me a vossa língua», diz Cristo, «e vereis o trigo maduro entrar nos celeiros do Rei». E acrescenta: «Eu estarei sempre convosco até o fim dos tempos» (Mt 28,20).

93. «A libertação dos cativos»

Homilia sobre a palavra «cemitério» e sobre a cruz

Naquele dia, Jesus Cristo entrou no abismo e conquistou os infernos. Naquele dia, «Ele despedaçou as portas de bronze, quebrou os ferrolhos de ferro», como disse Isaías (Is 45,2). Reparemos bem nestas expressões: não é dito que «abriu» as portas de bronze, nem que as tirou dos gonzos, mas que «as despedaçou», para nos fazer compreender que deixou de haver prisão; para dizer que Jesus aniquilou a morada dos prisioneiros. Prisão onde já não haja portas nem ferrolhos deixa de poder reter cativos os seus reclusos. Ora, Jesus despedaçou essas portas — quem poderá voltar a pô-las? E os ferrolhos que quebrou — que homem poderá recolocá-los?

Quando os príncipes da Terra libertam prisioneiros, enviando cartas de indulto, deixam ficar as portas e os guardas da prisão, para demonstrar àqueles que saem que podem ter de voltar ali, eles ou outros. Cristo não age desta

maneira. Ao despedaçar as portas de bronze, dá testemunho de que não voltará a haver prisão nem morte.

E por que eram as portas «de bronze»? Porque a morte era impiedosa, inflexível, dura como o diamante. Durante todos os séculos que precederam Jesus Cristo, nunca recluso algum pudera escapar — até ao dia em que o Soberano dos céus desceu ao abismo para daí arrancar as vítimas.

94. «E se alguém der de beber, nem que seja um copo de água fresca, [...] não perderá a sua recompensa»

Homilia 45 sobre os Atos dos Apóstolos; PG 60, 318-320

«Eu era estrangeiro, disse Cristo, e vós acolhestes-Me» (Mt 25,35). E ainda: «Cada vez que o fizerdes a um destes pequeninos é a Mim que o fazeis» (Mt 25,40). Tratando-se de um crente e de um irmão, mesmo que seja o mais pequeno de todos, é Cristo que entra com ele: abre a tua casa e recebe-o. «Quem recebe um profeta por ele ser profeta, receberá recompensa de profeta». [...] Eis os sentimentos que devemos ter ao receber estrangeiros: a prontidão, a alegria, a generosidade. O estrangeiro é sempre tímido e envergonhado; se o anfitrião não o receber com alegria, retira-se sentindo-se desprezado, pois é pior ser recebido dessa forma do que não ser recebido.

Tem, pois, uma casa onde Cristo encontre morada. Diz: «Eis o quarto de Cristo. Eis a morada que Lhe está reservada».

Mesmo que seja muito simples, Ele não a desdenhará. Cristo está despido, é estrangeiro; só precisa de um teto. Dá-Lhe ao menos isso; não sejas cruel e desumano. Tu que demonstras tanto ardor pelos bens materiais, não fiques frio perante as riquezas do espírito. [...] Tens lugar para o teu carro e não tens lugar para Cristo vagabundo? Abraão recebeu os estrangeiros no local onde morava (Gn 18). A mulher tratou-os como se fosse a serva e eles os senhores. Nem um nem outro sabiam que recebiam Cristo, que acolhiam anjos. Se o tivessem sabido, ter-se-iam despojado de tudo. Nós, que sabemos reconhecer Cristo, demonstremos ainda mais prontidão que os que pensavam receber apenas homens.

95. «Estai [...] preparados»

Homilia 77 sobre São Mateus

«Na hora em que não pensais virá o Filho do homem». Jesus diz isto para que os discípulos fiquem vigilantes e sempre preparados. Se afirma que virá quando menos O esperam, é para que pratiquem a virtude com zelo e constância. É como se dissesse: «Se as pessoas soubessem quando irão morrer, estariam perfeitamente preparadas para esse dia». Mas o momento final da nossa vida permanece oculto a cada homem.

Por isso o Senhor exige do seu servo duas qualidades: que seja fiel, para não se apropriar do que pertence ao seu Mestre; e que seja prudente, para administrar com retidão tudo o que lhe foi confiado. Necessitamos, portanto, dessas duas virtudes para estarmos prontos à chegada do Mestre. [...]

Pois, não sabendo o dia do nosso encontro com Ele, o mau servo pensa: «O meu Senhor tarda em vir». Mas o servo fiel e prudente não alimenta tal pensamento.

Ó infeliz, que supões que o teu Mestre se demora: imaginas que, por isso, Ele não virá? A sua vinda é certa. Por que não estás vigilante à sua espera? Não, o Senhor não tarda: esse atraso só existe na imaginação do mau servo.

96. «Fitando nele os olhos, Jesus disse-lhe: "Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas" — que quer dizer "Pedro"»

Homilia n.º 19 sobre S. João

«Tu és Simão, filho de João. Chamar-te-ás Cefas» — que quer dizer «Pedro». [...] Eis o nome que Cristo dá a Simão. A Tiago e a seu irmão chamará «filhos do trovão» (Mc 3,17). A que se devem essas mudanças de nome? Servem para mostrar que Ele, Jesus, é o mesmo que estabeleceu a antiga aliança, que mudou o nome de Abrão para Abraão, o de Sarai para Sara, e o de Jacó para Israel (Gn 17,5ss; 32,29). Também foi Ele quem deu nome a vários ao nascerem: a Isaac, a Sansão, aos filhos de Isaías e de Oseias. [...].

Nós temos um nome muito superior a todos os outros: o nome de «cristãos» – o nome que nos faz filhos e amigos de Deus, membros de um mesmo corpo com Ele. Haverá nome capaz de nos inflamar mais na virtude, de nos encher de maior zelo, de nos levar mais a praticar o bem? Evitemos, portanto, qualquer ação indigna deste nome tão grande e tão belo,

derivado do próprio Jesus Cristo. Aqueles que ostentam o nome de um grande chefe militar ou de uma personagem ilustre consideram-se honrados por isso e tudo fazem para mostrar-se dignos. Quanto mais nós, que não recebemos nosso nome de um general, nem de um príncipe da Terra, nem sequer de um anjo, mas do Rei dos anjos, devemos estar dispostos a perder tudo, até a própria vida, para honrar este santo nome!

97. «Na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver»

Sermão sobre o diabo tentador

Dou-te a conhecer cinco caminhos da conversão: o primeiro é o arrependimento pelos próprios pecados; o segundo, o perdão concedido às ofensas do próximo; o terceiro, a oração; o quarto, a esmola; o quinto, a humildade. Não fiques, pois, inativo, mas percorre todos esses caminhos cada dia. São caminhos fáceis e não podes invocar tua miséria como pretexto.

Mesmo que vivas na maior pobreza, podes abandonar a cólera, praticar a humildade, rezar assiduamente e arrepender-te dos teus pecados [...]. Uma vez iniciado o caminho da conversão, dá o que possuis. Nem a pobreza impede o cumprimento desse mandamento: vemos isso na viúva que ofereceu as duas únicas moedas que tinha.

Assim curamos as feridas da alma: apliquemos, pois, esses remédios. Recuperada a saúde interior, aproximar-nos-emos da Mesa santa e, com muita glória, iremos ao encontro

do Rei da glória, Cristo. Alcancemos os bens eternos pela graça, misericórdia e bondade de Jesus Cristo, nosso Senhor.

98. «O verdadeiro pão descido do Céu»

Homilias sobre o Evangelho de João, n.º 45

Os judeus diziam: «Os nossos pais comeram o maná no deserto». E o Salvador podia ter-lhes respondido: «Eu fiz um milagre maior que o de Moisés: Eu não preciso de vara nem de orações (cf. Ex 9,23; 17,9s); fiz tudo isto por Mim próprio, pela minha própria autoridade. Vós recordais o prodígio do maná, mas Eu dei-vos pão em abundância». Porém, ainda não chegara o momento de falar desse modo. Jesus só tinha uma coisa em mente: atraí-los a Si, para que eles Lhe pedissem um alimento espiritual [...]: «Não foi Moisés que vos deu o pão do Céu; meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do Céu» [...].

Jesus Cristo chama verdadeiro pão a este pão que o Pai dá. Não é que o milagre do maná fosse falso; mas o maná era uma prefiguração de um pão superior e mais maravilhoso [...]: «O pão de Deus é o que desce do Céu para dar a vida ao mundo», ao mundo inteiro e não somente aos judeus. Este pão não é apenas um alimento, é uma vida, uma vida diferente desta, uma vida completamente outra: este pão dá a vida verdadeira. [...] O próprio Jesus é este pão, porque é o Verbo,

a Palavra de Deus, da mesma maneira que, nas nossas igrejas, Ele Se torna o pão do Céu pela descida do Espírito Santo.

99. «O sal da humildade»

Homilias sobre São Mateus, nº 3

Se queres ser grande, não cultives o orgulho como o fariseu da parábola (Lc 18,9s) e serás verdadeiramente grande. Convence-te de que não tens méritos — e assim os terás. O publicano reconheceu que era pecador e, desse modo, tornou-se justo; quanto mais o justo que se reconhece pecador verá aumentar a sua justiça e seus méritos!

A humildade faz do pecador um justo, porque ele reconhece a verdade sobre a sua vida; e a humildade verdadeira age na alma dos justos de forma ainda mais poderosa.

Não percas, portanto, por vaidade, o fruto que conquistaste com teu esforço, o salário de tuas dores, a recompensa de teus trabalhos. Deus conhece melhor do que tu o bem que fazes. Um simples copo de água fresca será recompensado. Deus reconhece a menor esmola e, se nada podes dar, reconhece até o teu suspiro de compaixão. Ele acolhe tudo e de tudo Se recordará para to devolver em cêntuplo.

Cessemos, pois, de contar nossos méritos e de torná-los públicos. Se cantarmos nossos próprios méritos, não seremos louvados por Deus. Antes, dediquemo-nos a lamentar nossa miséria, e Deus nos elevará aos olhos dos

outros. Ele não deseja que o fruto do nosso trabalho se perca. No seu amor ardente, quer coroar as nossas menores ações, pois procura todas as oportunidades para nos livrar da geena.

Quer que eu siga agora com o próximo texto do PDF, mantendo essa mesma formatação unificada?

100. «Vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão»

Homilias sobre a Primeira Carta aos Coríntios, n.º 27

A Igreja não existe para que permaneçamos divididos, mas para que as nossas divisões cessem; esse é o verdadeiro sentido da assembleia. Portanto, se viemos à Eucaristia, não pratiquemos nenhuma ação que contradiga a Eucaristia, nem cause sofrimento ao nosso irmão. Se viemos dar graças pelos bens recebidos, não nos separemos do nosso próximo.

Cristo oferece o Seu Corpo a todos, sem distinção, quando diz: «Tomai e comei dele todos». E vós fareis distinção entre quem admitis à vossa mesa? [...] Estais fazendo memória de Cristo e desprezais o pobre? [...] Se participais deste banquete divino, deveis ser compassivos. Bebestes o Sangue de Cristo e não reconheceis o vosso irmão? Ainda que até agora não o tivésseis reconhecido, deveis reconhecê-lo nesta mesa.

Devemos estar todos na Igreja como em uma casa comum, pois formamos um só Corpo, temos um mesmo

batismo, uma só mesa, uma mesma fonte e um só Pai (cf. Ef 4,5; 1Cor 10,17).

101. «Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores»

Homilias sobre São Mateus

Por que Jesus não chamou Mateus ao mesmo tempo que Pedro, João e os outros? Assim como veio à Terra apenas quando sabia que os homens estavam dispostos a obedecer-Lhe, também chamou Mateus somente quando viu que ele O seguiria; pela mesma razão, só atraiu Paulo após a ressurreição (At 9). Pois, sondando os corações e penetrando no mais íntimo da alma de cada um, Ele sabia exatamente em que momento cada um estava pronto para segui-Lo. Se Mateus não foi chamado logo no início, foi porque ainda tinha o coração endurecido; mas, depois de Jesus realizar muitos milagres e Sua fama se espalhar, ele já estava disposto a escutar o Mestre — e Jesus sabia disso.

É digno de admiração também a virtude deste apóstolo, que não esconde sua vida passada. [...] Exercia um ofício vergonhoso e os lucros que dele obtinha eram indefensáveis. Apesar de tudo isso, Jesus o chamou. Não Se envergonhou de chamar um publicano, assim como não hesitou em falar com uma prostituta, permitindo até que ela beijasse Seus pés e os regasse com lágrimas (Lc 7,36s). Pois, se Ele veio, não foi apenas para cuidar dos corpos, mas para curar as almas. Foi o que acabara de fazer com o paralítico; e, depois de mostrar claramente que tem poder para perdoar

pecados, vai até Mateus, para que ninguém se escandalize ao vê-Lo escolher um publicano como discípulo.

102. «Beber do seu cálice e sentar-se à sua direita»

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, n.º 65, 2-4; PG 58, 619

Por intermédio de sua mãe, os filhos de Zebedeu fazem ao Mestre este pedido, na presença dos outros discípulos: «Ordena que nos sentemos, um à tua direita e o outro à tua esquerda». [...] Cristo apressa-Se em desfazer-lhes a ilusão, dizendo que devem estar prontos para sofrer injúrias, perseguições e até a morte: «Não sabeis o que estais pedindo. Podeis beber o cálice que Eu hei de beber?»

Não devemos nos espantar ao ver os apóstolos dominados por inclinações tão imperfeitas. O Senhor espera que o mistério da cruz se cumpra e que a força do Espírito Santo lhes seja comunicada. Se queres ver sua fortaleza de alma, olha-os mais tarde e verás que se tornaram superiores a toda fragilidade humana. Cristo não oculta as suas fraquezas, para que tu percebas no que se hão de transformar pela força da graça que os renovará [...].

«Não sabeis o que estais pedindo». Não compreendeis quão grande e prodigiosa é essa honra. Sentar-se à minha direita? Isso está acima dos próprios poderes angélicos. «Podeis beber o cálice que Eu hei de beber?» Vós Me falais de tronos e diademas efêmeros; Eu vos falo de combates e sofrimentos. Não é agora que receberei a minha realza; ainda

não chegou a hora da glória. Para Mim e para os meus, é tempo de violência, de lutas e de perigos.

Percebe também que Ele não lhes pergunta diretamente: «Estareis dispostos a derramar o vosso sangue?» Para os encorajar, convida-os a compartilhar o Seu cálice, a viver em comunhão com Ele [...]. Mais tarde, verás João — o mesmo que agora deseja o primeiro lugar — ceder a presidência a Pedro [...]. Quanto a Tiago, seu apostolado não durou muito: ardente em zelo e desprezando por completo os interesses humanos, mereceu, com sua coragem, ser o primeiro mártir dentre os apóstolos (cf. At 12,2).

103. «Cada um à sua hora»

Homilia 64

«Ide vós também para a minha vinha». Irmãos, talvez me pergunteis por que razão todos esses operários não foram convidados ao mesmo tempo para a vinha do Senhor. Respondo que a intenção de Deus foi chamá-los a todos desde o início; se não vieram na primeira hora, foi porque recusaram. Por isso, o próprio Deus acaba por chamá-los individualmente, no momento em que sabia que aceitariam e corresponderiam ao seu convite.

É isso que o apóstolo Paulo quer dizer quando escreve: «Quando aprovou a Deus, que me escolheu desde o seio de minha mãe» (Gl 1,15). E quando Lhe aprovou, senão quando viu que Paulo atenderia ao Seu chamado? Deus poderia, evidentemente, tê-lo chamado no início da vida; mas, prevendo que ele não obedeceria à Sua voz, preferiu chamá-

lo apenas quando sabia que corresponderia. Do mesmo modo, o bom ladrão não teria sido chamado somente na última hora se Deus tivesse previsto que ele responderia a um chamado anterior.

Assim, quando os operários da parábola dizem que ninguém os contratou, devemos recordar a paciência de Deus. Ele fez tudo o que estava ao Seu alcance para que todos pudessem vir desde a primeira hora do dia. Desta maneira, a parábola de Jesus nos leva a compreender que os homens se entregam a Deus em diferentes idades, e que o Senhor quer, a todo custo, impedir que os primeiros a serem chamados desprezem os últimos.

104. «Ele não anda conosco»

3.ª Homilia sobre a 1.ª Carta aos Coríntios

«Que digais todos o mesmo, e que entre vós não haja divisões» (1Cor 1,10).

As diversas partes da Igreja deixam de estar completas quando uma delas sofre ou morre. Se cada Igreja fosse, por si mesma, um corpo completo, haveria inúmeras assembleias e reuniões independentes; mas, como formam um só corpo, a divisão destrói a sua unidade. [...]

Depois de denunciar este mal com a dura palavra “divisões”, o apóstolo Paulo suaviza o tom acrescentando: «Sede perfeitos no mesmo espírito e no mesmo parecer». Não se trata apenas de concordar nas palavras, mas de viver em união de pensamento e de sentimentos. E, como pode

acontecer que as pessoas estejam unidas num ponto, mas divididas noutros, Paulo insiste: «Estai unidos de maneira perfeita» [...], isto é, sede perfeitos na caridade.

Podemos estar unidos na fé, mas divididos nas ações; professar a mesma doutrina, mas não nos vincularmos por um mesmo amor. Era o que acontecia em Corinto, onde uns se apegavam a um mestre, outros a outro. Paulo não os censura por divergirem na fé, mas pelas diferenças no agir, pelas rivalidades humanas [...]: «Soube que entre vós há contendas. [...] Estará Cristo dividido?» (1Cor 1,12-13).

105. «O sinal de Jonas»

4.ª Homilia sobre I Coríntios

Choremos pelos pagãos que não compreendem a salvação que Deus deseja oferecer-lhes. Sim, um esposo ama menos a sua esposa do que nós devemos amar todos os homens — e, por isso, queremos conduzir todos à salvação. Lamentemos e pranteemos esses incrédulos, pois para eles a linguagem da cruz é loucura, sendo, na verdade, «poder de Deus e sabedoria de Deus» (1Cor 1,18.24).

Vê bem, ó homem! Por ti, Jesus Cristo tomou a forma de servo (Fl 2,7); por ti, morreu na cruz; por ti, ressuscitou. E tu dizes que é impossível crer num amor assim, adorar um Deus assim, quando o que este Rei fez por ti, Seu inimigo, nenhum pai, filho ou amigo teria feito?

Quando proclamo: «O meu Deus está pregado na cruz», o pagão retruca: «A razão não pode admitir uma coisa

dessas. Ele sofre e Se deixa crucificar; não pode, então, salvar-Se a Si mesmo? Mas, se não pode salvar-Se, como poderá salvar os outros?» (cf. Mt 27,42). Tudo isso, dizem eles, é contrário à razão.

É verdade: a cruz é um mistério que ultrapassa a razão humana, é sinal de um poder que excede toda compreensão. Mas observa: quando, depois de lançados na fornalha, os três jovens hebreus triunfaram sobre as chamas (Dn 3), isso foi mais prodigioso do que se nunca tivessem sido lançados nelas. Que Jonas tenha sido engolido por um grande peixe é algo possível; mas que tenha permanecido vivo no ventre do monstro — eis o prodígio. Do mesmo modo, Cristo provou ainda mais a Sua divindade triunfando da morte no próprio seio da morte, do que a teria provado recusando-Se a morrer.

106. São Lucas, evangelista: «Resolvi [...] expor-te por escrito» (1,3)

3.ª Homilia sobre a inscrição dos Atos dos Apóstolos;
PG 51,87

A leitura das Sagradas Escrituras é um prado espiritual, um paraíso de delícias, mais agradável ainda do que o Paraíso primitivo. Deus não plantou este paraíso na terra, mas nas almas dos fiéis. Não o estabeleceu no Éden, nem no Oriente, num local restrito (Gn 2,8), mas espalhou-o por todo o mundo, até aos confins da terra habitada. E, para que compreendas que Ele disseminou as Sagradas Escrituras por toda a terra,

escuta o profeta: «Por toda a terra corre o seu eco, até aos confins do universo a sua palavra» (Sl 18,5; cf. Rm 10,18).

Este paraíso também tem uma fonte, como o de outrora (Gn 2,6.10), da qual brotam inúmeros rios. Quem o afirma é o próprio Deus, que nos oferece todos estes rios: «Do seio daquele que crê em Mim, correrão rios de água viva, como diz a Escritura» (Jo 7,38). Esta fonte é incomparável, não só pela abundância, mas também pela natureza; dela não jorram águas comuns, mas os dons do Espírito. Ela se reparte por todas as almas dos fiéis, mas não se esgota: divide-se, e, no entanto, permanece inteira. Inteira em cada um, inteira em todos: assim são os dons do Espírito.

Queres conhecer a abundância destes rios? Queres saber em que as suas águas superam as águas terrenas, por que são mais excelentes e magníficas? Escuta de novo a Cristo, falando à Samaritana, e compreenderás a abundância desta fonte: «A água que Eu lhe der tornar-se-á nele uma nascente de água que jorra para a vida eterna» (Jo 4,14). E queres conhecer a sua natureza? Usa-a! Pois ela não serve para sustentar a vida passageira, mas para a vida eterna. Permaneçamos, pois, neste paraíso, e bebamos com alegria desta nascente de vida.

107. «O Filho do homem é também Senhor do sábado»

Homilias sobre o Evangelho de São Mateus, n.º 39

«O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado» [...] A lei do sábado, no princípio, tinha grande importância, pois ensinava os judeus a serem pacíficos, cheios de humanidade para com o próximo, e a crer na sabedoria e na providência de Deus Criador. [...] Quando Deus lhes deu a lei do sábado, fez-lhes compreender que apenas desejava que se abstivessem de todo o mal:

«Nesse dia não fareis trabalho algum, salvo o que for necessário para preparar o alimento de todos» (Ex 12,16 LXX).

No Templo, realizava-se até mais trabalho nesse dia santo do que nos outros dias. [...] Assim, a sombra da Lei preparava a luz da verdade plena (cf. Cl 2,17).

Cristo aboliu, então, uma lei tão útil? De modo algum: Ele a levou a um grau ainda mais elevado. [...] Já não era necessário ensinar desse modo que Deus é o Criador de tudo, nem formá-los na benevolência para com os outros, pois agora eram chamados a imitar o amor de Deus pelos homens, segundo a palavra:

«Sede misericordiosos, como também o vosso Pai é misericordioso» (Lc 6,36).

Não era mais preciso fixar um único dia de festa para aqueles que eram convidados a fazer da sua vida inteira uma festa: «Celebremos a festa», escreve o apóstolo Paulo, «não com o fermento velho, nem com o fermento da malícia e da corrupção, mas com os pães ázimos da pureza e da verdade» (1Cor 5,8). [...] Que necessidade haveria da lei do sábado para o cristão, que vive numa celebração contínua e mantém o

coração sempre voltado para o Céu? Sim, irmãos, celebremos este sábado celeste e sem fim.

108. «O nosso pastor dá-Se a Si próprio em alimento»

Homilia 82 sobre o Evangelho segundo São Mateus, 5

«*Quem poderá contar as obras do Senhor e apregoar todos os seus louvores?*» (Sl 106,2)

Que outro pastor jamais se deu a Si mesmo em alimento às próprias ovelhas? [...] Ao nascerem seus filhos, muitas mães os confiam aos cuidados de uma ama. Mas Jesus não pode agir assim com as Suas ovelhas: é Ele próprio quem nos alimenta com o Seu sangue, fazendo-nos um só corpo com Ele.

Considerai, irmãos, que Cristo nasceu da nossa própria substância. Poderia alguém dizer: “Que me importa isso?” Perdoai-me, respondo eu, mas este nascimento reveste-se da máxima importância para todos os homens. Se o Verbo Se fez um de nós, se veio assumir a nossa natureza humana, foi para a salvação de toda a humanidade. E, se veio por todos, veio também por cada um em particular. Dir-me-ás: “Por que razão, então, nem todos os homens colhem os frutos dessa vinda?” Não responsabilizes Jesus, que escolheu este meio

para a salvação de todos; a falha está naquele que se torna um receptáculo incapaz de receber esse benefício.

Pois Jesus une-Se a cada um dos Seus fiéis na Eucaristia e fá-los renascer, alimentando-os de Si mesmo, não os deixando entregues a outrem, mas procurando persuadi-los de que assumiu verdadeiramente a nossa carne.

109. «Agir como Abraão»

36.ª Homilia sobre o Gênesis

Olhando para a promessa de Deus e ignorando qualquer perspectiva humana, sabendo que Deus é capaz de obras que ultrapassam a natureza, Abraão confiou nas palavras que lhe foram dirigidas; não guardou nenhuma dúvida em seu espírito e não hesitou quanto ao sentido a dar às palavras divinas. Porque é próprio da fé confiar no poder d'Aquele que nos fez uma promessa. [...] Deus prometera a Abraão que dele nasceria uma descendência incontável. Tal promessa ultrapassava as possibilidades da natureza e as perspectivas puramente humanas; por isso, a fé que ele tinha em Deus «lhe foi contada como justiça» (Gn 15,6; Gl 3,6).

Pois bem, se formos vigilantes, veremos que também nos foram feitas promessas ainda mais maravilhosas, e receberemos uma recompensa muito superior a tudo quanto pode conceber o pensamento humano. Para isso, basta confiarmos no poder d'Aquele que nos fez tais promessas, a fim de merecermos a justificação que vem da fé e obtermos os bens prometidos. Esses bens que esperamos ultrapassam

toda a concepção e pensamento humanos, tal é a magnitude do que nos foi prometido!

Com efeito, tais promessas não dizem respeito apenas ao presente, à realização plena de nossas vidas e ao gozo dos bens visíveis; dizem respeito também ao tempo em que tivermos deixado esta Terra, quando nossos corpos forem sujeitos à corrupção e nossos restos mortais reduzidos a pó. Deus nos prometeu que então nos ressuscitará e nos revestirá de uma glória magnífica; «porque é preciso» — assegura-nos São Paulo — «que este ser corruptível se revista de incorruptibilidade, e este ser mortal se revista de imortalidade» (1Cor 15,53).

Além disso, depois da ressurreição do corpo, temos a promessa de gozarmos do Reino e de participarmos, por séculos sem fim, na companhia dos santos, desses bens inefáveis que «os olhos não viram, os ouvidos não ouviram, e o coração humano não é capaz de imaginar» (1Cor 2,9). Vês a superabundância das promessas? Vês a grandeza destes dons?

110. «Dia da Ressurreição, dia da nossa alegria!»

Homilia atribuída a São João Crisóstomo (SC 187, 321)

«Eis o dia que fez o Senhor; nele exultemos e alegremo-nos!» (Sl 117,24).

E por quê? Porque o sol recuperou o seu fulgor e tudo se ilumina; porque o véu do Templo já não está rasgado: a

Igreja foi manifestada; porque já não empunhamos ramos de palmeira, mas nos reunimos ao redor dos recém-batizados.

«Eis o dia que fez o Senhor!» [...] Eis o dia, no sentido pleno da palavra: o dia triunfal, o dia consagrado à festa da Ressurreição, o dia em que nos revestimos de graça, o dia em que partilhamos do Cordeiro espiritual, [...] o dia em que se cumpre o desígnio da Providência em favor dos pobres. «Exultemos e alegremo-nos neste dia!» [...]

Eis o dia em que Adão foi restituído à liberdade, em que Eva foi libertada da sua pena, em que a morte selvagem estremeceu, em que o poder das pedras se quebrou, em que os ferrolhos dos túmulos foram arrancados [...] em que as leis imutáveis dos poderes infernais foram abolidas, em que os céus se abriram e Cristo, nosso Senhor, ressuscitou. Eis o dia em que, para o bem dos homens, a verdejante e fértil planta da ressurreição multiplicou os seus rebentos por todo o universo como num jardim; em que os lírios dos recém-batizados floresceram; em que a multidão dos crentes se alegra; em que reverdecem as coroas dos mártires. «Eis o dia que fez o Senhor; nele exultemos e alegremo-nos!»

111. «Fizeram penitência ao ouvir a pregação de Jonas»

Homilias sobre a conversão pronunciadas no seu regresso do campo, n.º 1

Evitemos perder a esperança, mas também evitemos ceder à indolência. [...] O desespero impede quem caiu de se levantar; a indolência faz cair quem está de pé. [...] Se a

presunção nos derruba do alto dos céus, o desespero nos precipita no abismo infinito do mal; mas basta um pouco de esperança para nos arrancar dele. [...]

Foi assim que Nínive foi salva. Seria natural que a sentença divina pronunciada contra os ninivitas os afundasse no desalento, pois ela não dizia: «Se vos arrependerdes, sereis salvos», mas: «Dentro de três dias, Nínive será destruída» (Jn 3,4). Contudo, nem as ameaças do Senhor, nem as imposições do profeta, nem a própria severidade da sentença [...] quebraram a confiança dos ninivitas. Deus quer que aprendamos com esta sentença proferida sem condições: instruídos por este exemplo, resistamos tanto ao desespero quanto à passividade. [...]

A benevolência divina não se manifesta apenas no perdão concedido aos ninivitas quando se arrependeram [...]; o próprio prazo dado já revela a sua bondade inexprimível. Com efeito, três dias não seriam suficientes para apagar tamanha iniquidade. Por trás dessas palavras, resplandece a misericórdia de Deus; afinal, Ele é o principal artífice da salvação de toda aquela cidade.

Que este exemplo nos preserve de todo desespero, pois essa fraqueza é uma das armas mais eficazes do demônio; depois de termos pecado, o seu maior prazer é ver-nos perder a esperança.

112. «Os apóstolos, testemunhas de Cristo ressuscitado»

Homilia sobre a 1.ª carta aos Coríntios 4, 3; PG 61,34

São Paulo dizia: «A fraqueza de Deus é mais forte do que todos os homens» (1Cor 1,25). É evidente que a pregação é obra de Deus, pois como poderiam doze homens simples e sem instrução, que viviam à beira de lagos e rios ou no deserto, ter concebido tal propósito? Como poderiam, sem nunca terem frequentado cidades e assembleias, ousar enfrentar o mundo inteiro?

Estavam cheios de medo — e o evangelista não oculta, antes mostra claramente, suas fraquezas, o que é forte prova de veracidade. O que relata deles? Que, quando Cristo foi preso, depois de ter realizado inúmeros milagres, a maioria dos apóstolos fugiu; e o que era o seu chefe permaneceu apenas para O negar.

Quando Cristo ainda vivia, esses homens foram incapazes de suportar a pressão dos inimigos. Morto e sepultado o Senhor, como ousariam enfrentar o mundo inteiro? É provável que até se tenham perguntado: «Ele não foi capaz de Se salvar a Si mesmo — e irá proteger-nos? Quando estava vivo, não se defendeu; agora, morto, irá sustentar-nos? Quando vivo, não submeteu nenhuma nação — e nós convenceremos o mundo proclamando o seu nome?»

É, portanto, evidente: se não O tivessem visto ressuscitado e não tivessem recebido provas de Sua onipotência, jamais teriam assumido tamanha missão e risco.

113. «Até ficar tudo levedado»

Homílias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 46, 2

Em seguida, o Senhor apresenta a parábola do fermento:

«Assim como o fermento comunica sua força invisível a toda a massa do pão, assim também a força do Evangelho transformará o mundo inteiro por meio do ministério dos meus apóstolos. [...]

Não me digais: “Que poderemos nós fazer, sendo apenas doze homens, miseráveis e pecadores, diante do mundo inteiro?” Pois será justamente a enorme diferença entre a causa e o efeito, a vitória de um punhado de homens sobre a multidão, que manifestará a força extraordinária que vos sustenta.

Não é misturando o fermento na massa, “ocultando-o” nela, como diz o Evangelho, que toda a massa se transforma? Assim também, ó meus apóstolos, misturando-vos na massa dos povos, vós os penetrareis com o vosso espírito e triunfareis sobre os adversários.

O fermento, desaparecendo na massa, não perde sua força; pelo contrário, altera a natureza de toda ela. Do mesmo modo, a vossa pregação transformará os povos. Portanto, tende confiança». [...]

É Cristo quem dá força tão grande a este fermento. [...] Não censureis, pois, o pequeno número de Seus discípulos, pois o vigor da mensagem é imenso. [...] Basta uma faísca para

transformar em braseiro alguns pedaços de madeira seca, que logo inflamam toda a madeira ao redor — mesmo a verde.

114. «Quando vieres com a tua realeza»

Homilia 1 sobre a cruz e o ladrão, para Sexta-feira
Santa, 2; PG 49, 401

Hoje abriu-se para nós o Paraíso, fechado havia milhares de anos; neste dia e nesta hora, Deus nele introduziu um ladrão. Assim, realizou duas maravilhas: abriu-nos o Paraíso e fez entrar nele um ladrão. Hoje, Deus nos devolveu a pátria, reconduziu-nos à cidade de nossos pais, abriu-nos uma morada comum a toda a humanidade.

«Hoje estarás comigo no Paraíso». Que dizes, Senhor? Estás crucificado, cravado com pregos, e prometes o Paraíso? Sim — diz Ele — para que, pela cruz, conheças o meu poder. [...]

Não foi por ressuscitar um morto, dominar o mar e o vento ou expulsar demônios que Ele transformou a alma pecadora do ladrão, mas por ter sido crucificado, pregado, coberto de insultos, escarros, zombarias e ultrajes — para que tu compreendas os dois aspectos do Seu poder soberano: Ele fez tremer a criação e fendeu os rochedos (Mt 27,51); e atraiu a Si a alma do ladrão, mais dura que a pedra, revestindo-a de honra. [...]

Jamais um rei permitiria, ao entrar triunfalmente na cidade de seu reino, que um ladrão ou qualquer outro súdito se sentasse a seu lado. Mas Cristo o fez: ao entrar na Sua santa

pátria, levou consigo um ladrão. Agindo assim [...], não desonra o Paraíso com a presença de um ladrão; ao contrário, honra-o, pois é glória para o Paraíso que o seu Senhor torne um ladrão digno das delícias ali saboreadas.

Do mesmo modo, quando faz entrar publicanos e meretrizes no Reino dos Céus (Mt 21,31) [...], fá-lo para glória desse lugar santo, mostrando que o Senhor do Reino é tão grande que pode restituir dignidade a meretrizes e publicanos, tornando-os merecedores de tão alta honra e dom.

Admiramos um médico quando vemos curar homens que padecem de doenças consideradas incuráveis; assim também é justo que admiremos a Cristo [...] quando O vemos devolver a publicanos e meretrizes tal santidade espiritual, que se tornam dignos do Céu.

115. «Quando ouvirdes falar de guerras e revoltas, não vos alarmeis»

Catequeses sobre a carta aos Romanos, n.º 24

Quanto mais o Rei se aproxima, mais necessidade temos de nos preparar. Quanto mais se aproxima o momento em que o prêmio será atribuído ao lutador, mais intensa deve ser a luta. Assim também nas corridas: quando chega o final e a meta está próxima, mais se estimula o ardor dos cavalos. Por isso Paulo diz: «A salvação está agora mais perto de nós do

que quando abraçamos a fé. A noite vai adiantada e o dia está próximo» (Rm 13,11-12).

Já que a noite se dissipa e o dia desponta, façamos as obras do dia e abandonemos as obras das trevas. Assim procedemos também na vida: quando vemos a noite ceder à alvorada e ouvimos o canto da andorinha, despertamos uns aos outros, mesmo que ainda haja sombras. [...] Apressemos-nos a realizar as tarefas do dia; revistamo-nos depois de despertados, para que o sol nos encontre prontos. O que fazemos então, façamo-lo agora: sacudamos o torpor, afastemo-nos das ilusões da vida presente, deixemos o sono profundo e revistamo-nos do traje da virtude. É o que claramente nos exorta o Apóstolo: «Abandonemos, pois, as obras das trevas e revistamo-nos das armas da luz.» O dia nos chama à batalha, ao combate.

Não vos assusteis ao ouvir falar de combate e luta! Se vestir uma pesada armadura material é penoso, pelo contrário, é desejável vestir a armadura espiritual, que é feita de luz. Assim brilharás com fulgor mais radiante que o sol e, cintilando com esplendor, estarás em segurança, pois estas são [...] armas de luz.

Estaremos então dispensados de combater? Não! É preciso lutar, mas sem nos deixarmos vencer pelo cansaço ou

pela angústia. Pois não somos chamados apenas para a guerra, mas para a festa e para o júbilo.

116. «Tinha ainda alguém para enviar: o seu querido Filho»

11.ª homilia sobre a 2.ª carta aos Coríntios

Cristo confiou-nos o mistério da reconciliação (2Cor 5,18). São Paulo exalta a dignidade dos Apóstolos ao mostrar-nos que tesouro lhes foi confiado, revelando, ao mesmo tempo, o imenso amor com que Deus nos amou. Pois, depois de os homens se recusarem a ouvir Aquele que lhes fora enviado, Deus não fez ecoar a sua cólera, nem os rejeitou; antes, persistiu em chamá-los, por Si mesmo e por meio dos Apóstolos. [...]

«Deus colocou em nossa boca a palavra da reconciliação» (v. 19). Não viemos, portanto, para uma missão penosa, mas para tornar todos os homens amigos de Deus. Se não vos escutarem — diz-nos o Senhor — continuai a exortá-los, até que abracem a fé. Por isso, São Paulo acrescenta: «Somos embaixadores de Cristo; é o próprio Deus que vos exorta por nosso intermédio. Suplicamos-vos em nome de Cristo: reconciliai-vos com Deus». [...]

A que poderemos comparar amor tão grande? Depois de termos pago tais benefícios com insultos, longe de nos punir, Ele deu-nos o seu Filho amado para nos reconciliar consigo. E, no entanto, longe de quererem reconciliar-se, os homens deram-Lhe a morte. Deus enviou embaixadores para os exortar e, depois, fez-Se Ele próprio suplicante por eles.

Continua a ser Ele quem pede: «Reconciliai-vos com Deus». Ele não diz: «Reconciliai Deus convosco», pois não é Ele quem nos rejeita; sois vós que recusais ser amigos d'Ele. Poderá Deus nutrir sentimentos de ódio?

117. «Homem de pouca fé, porque duvidaste?»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus

Os discípulos são, mais uma vez, joguete das vagas, e uma tempestade semelhante à primeira (Mt 8,24) cai sobre eles; anteriormente, porém, tinham Jesus com eles, enquanto desta vez estão sozinhos e entregues a si mesmos. [...] Creio que o Salvador quis reanimar-lhes o coração adormecido; deixando-os cair na angústia, despertou neles um desejo mais ardente da sua presença [...]. Por isso, não veio logo em seu auxílio, mas apenas «na quarta vigília da noite», «caminhando sobre o mar». [...]

Pedro, sempre ardoroso, adiantou-se aos outros discípulos e disse-Lhe: «Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas». [...] Não disse: «Manda-me caminhar sobre as águas», mas sim: «Manda-me ir ter contigo», pois ninguém amava Jesus como ele. E fez o mesmo depois da ressurreição: não suportando seguir lentamente com os outros na barca, lançou-se à água para satisfazer o seu amor por Cristo. [...]

Descendo, pois, da barca, Pedro avançou para Jesus, mais feliz por se Lhe aproximar do que por caminhar sobre as águas. Mas, depois de superar o perigo maior, o do mar, acabou por sucumbir a um menor, o do vento. Tal é a condição

humana: muitas vezes, após vencermos perigos maiores, deixamo-nos abater por outros menos graves. [...] Pedro não estava ainda completamente livre do temor [...], apesar de Cristo estar perto dele. De nada serve estarmos ao lado de Cristo se não estivermos unidos a Ele pela fé. [...]

«Homem de pouca fé, porque duvidaste?» Se a fé de Pedro não tivesse vacilado, teria resistido ao vento sem dificuldade. A prova é que Jesus o segurou, deixando o vento continuar a soprar. [...] Assim como a mãe, estendendo as asas, ampara o passarinho que saiu antes do tempo do ninho, quando ele está prestes a cair, e o recoloca em segurança, assim fez Cristo com Pedro.

118. «Ide vós também para a minha vinha»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 64, 4

Esta parábola fala da conversão dos homens a Deus — alguns desde a infância, outros um pouco mais tarde, e alguns apenas na velhice. Cristo refreia o orgulho dos primeiros, impedindo-os de censurar os da décima primeira hora, e, ao mesmo tempo, anima o zelo dos últimos, mostrando-lhes que podem receber a mesma recompensa que os primeiros.

O Salvador acabara de falar sobre a renúncia às riquezas e o desprezo de todos os bens — virtudes que exigem coragem e grandeza de alma. Por isso, precisava despertar o ardor de corações jovens; e o fez reacendendo nos ouvintes a chama da caridade e fortalecendo-lhes a coragem, ao mostrar

que até os que chegaram por último recebem o salário do dia inteiro. [...]

Para que se entenda melhor, poderia haver quem se aproveitasse dessa circunstância, caindo na indiferença e no descuido. Mas os discípulos compreenderão claramente que tal generosidade é fruto da misericórdia de Deus, e que somente ela lhes permitirá merecer recompensa tão magnífica. [...]

Todas as parábolas de Jesus — a das virgens, a da rede, a dos espinhos, a da figueira estéril — nos convidam a manifestar nossa virtude com obras. [...] Ele nos exorta a viver de modo puro e santo. Ora, uma vida santa exige mais do nosso coração do que a simples pureza da fé, pois é luta constante e labor incansável.

119. «Tudo isto veio do Senhor e é admirável aos nossos olhos»

Homilia 11 sobre a 2.ª Carta aos Coríntios, 2-3

«Cristo confiou-nos o ministério da reconciliação» (2Cor 5,18). São Paulo sublinha, assim, a grandeza dos apóstolos, mostrando-nos a dignidade da missão que receberam e, ao mesmo tempo, revelando o imenso amor com que Deus nos amou. Depois de os homens se terem recusado a escutar Aquele que lhes enviara, Deus não fez irromper a sua cólera, nem os rejeitou, mas persistiu em chamá-los — por Si

mesmo e através dos apóstolos. Quem poderá deixar de admirar solicitude tão grande?

Silenciaram o Filho, o Unigênito consubstancial ao Pai, que veio para reconciliá-los. Mas o Pai não Se afastou dos assassinos, nem disse: «Enviei-lhes o meu Filho e, além de não O escutarem, entregaram-no à morte e crucificaram-no; de agora em diante, é justo que Eu os abandone». Pelo contrário, quando Cristo deixou este mundo, nós, seus ministros, fomos encarregados de O representar: «Pois Deus reconciliou o mundo consigo, em Cristo, e confiou-nos o ministério da reconciliação» (2Cor 5,19).

Este amor ultrapassa toda a palavra e todo o entendimento! Quem foi ofendido? O próprio Deus. Quem tomou a iniciativa da reconciliação? O próprio Deus. [...] Se Ele tivesse querido pedir-nos contas, estaríamos perdidos, pois «todos estávamos mortos» (2Cor 5,14). Apesar da multidão dos nossos pecados, não nos feriu com a sua vingança; antes, reconciliou-Se novamente conosco e, não satisfeito em revogar a nossa dívida, considerou-a como nada. Assim também nós devemos perdoar aos nossos inimigos, se quisermos alcançar para nós este perdão magnânimo: «Ele confiou-nos o ministério da reconciliação».

120. «As duas vindas de Cristo»

Homilia sobre o Salmo 49

Na sua primeira vinda, Deus veio sem ostentação, desconhecido da maioria, prolongando por longos anos o mistério da sua vida oculta. Quando desceu do monte da

Transfiguração, Jesus ordenou aos discípulos que não dissessem a ninguém que Ele era o Cristo. Vinha como Pastor à procura da ovelha perdida e, para recuperar esse animal rebelde, precisava permanecer velado. Assim como um médico que, na primeira consulta, procura não assustar o paciente, também o Salvador evitou manifestar-Se plenamente no início de sua missão, revelando-Se apenas pouco a pouco.

O profeta já havia anunciado esta vinda discreta: «Descerá como a chuva sobre o velo e como a água que goteja sobre a terra» (Sl 71,6). Ele não rasgou os céus para vir sobre as nuvens, mas veio em silêncio, oculto por nove meses no seio de uma Virgem.

Nasceu num presépio, como filho de um humilde artesão. [...] Andou de um lado para o outro como um homem comum; suas vestes eram simples, sua mesa frugal. Caminhava continuamente, a ponto de se cansar.

Mas a segunda vinda não será assim. Virá com tal esplendor que não precisará anunciar Sua chegada: «Como o relâmpago que parte do Oriente e aparece até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do Homem» (Mt 24,27). Será o tempo do julgamento e da sentença, em que o Senhor não virá mais como médico, mas como Juiz. [...] Davi, o rei-profeta, fala de um fulgor e de um fogo irradiando em todas as direções: «Um fogo irá à sua frente, e ao seu redor rugirá violenta tempestade» (Sl 49,3). Todas estas imagens querem fazer-nos

compreender a soberania divina, a luz inefável que O envolve e a sua natureza inacessível.

121. «Tu és Pedro; sobre esta pedra edificarei a minha Igreja»

Homilia atribuída a São João Crisóstomo, *Sobre o Apóstolo Pedro e o Profeta Elias*

Pedro receberia em depósito as chaves da Igreja, ou melhor, as chaves do Reino dos Céus, e ser-lhe-ia confiado um povo numeroso. Pois que lhe diz o Senhor? «Tudo o que ligares na Terra será ligado nos Céus, e tudo o que desligares na Terra será desligado nos Céus» (cf. Mt 16,19).

Pedro tinha um caráter um tanto impetuoso; se fosse impecável, talvez não soubesse perdoar aos discípulos. Por isso a graça divina permitiu que ele cometesse algumas faltas, para que, provado por essa experiência, se tornasse misericordioso com os outros.

Sim, Deus pode permitir que pequemos. Repara em Pedro: o corifeu dos apóstolos, o fundamento inabalável, a rocha indestrutível, o primeiro da Igreja, o porto seguro, a torre firme; este Pedro que dissera a Cristo: «Ainda que tenha de morrer contigo, não Te negarei!» (Mt 26,35); este Pedro que, por revelação divina, confessara: «Tu és o Messias, o Filho de Deus vivo» (Mt 16,16).

Como já disse, Deus dispôs que assim fosse e permitiu que Pedro caísse porque queria confiar-lhe um rebanho numeroso, e receava que sua rudeza, aliada à impecabilidade,

o tornasse impiedoso com os irmãos. Pedro sucumbiu ao pecado para que, lembrando-se sempre de sua queda e da misericórdia do Senhor, tivesse para com os outros uma benevolência cheia de filantropia, conforme o desígnio divino.

A queda foi permitida àquele a quem a Igreja seria confiada, à coluna das Igrejas, à porta da fé; foi permitida a Pedro, doutor do universo, para que o perdão recebido se tornasse o fundamento do seu amor para com todos.

122. «As palavras que Eu vos disse são espírito e são vida»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 82 (PG 58, 743)

«Tomai e comei», disse Jesus, «isto é o meu corpo, entregue por vós» (cf. 1Cor 11,24). Por que motivo os discípulos não ficaram perturbados ao ouvir estas palavras? Porque Cristo já lhes havia falado muitas vezes sobre este mistério (cf. Jo 6).

Tenhamos, também nós, plena confiança em Deus. Não levantemos objeções, mesmo quando o que Ele diz parece contrário aos nossos raciocínios ou àquilo que vemos. Que a sua palavra seja soberana sobre a nossa razão e também sobre os nossos sentidos.

Assumamos esta disposição diante dos mistérios sagrados: não consideremos apenas o que é perceptível aos sentidos, mas atendamos, sobretudo, às palavras do Senhor. A sua palavra jamais nos engana, ao passo que os sentidos

frequentemente nos iludem; Ela nunca erra, mas eles erram muitas vezes.

Quando o Verbo afirma: «Isto é o meu corpo», confiemos, creiamos e contemplemo-lo com os olhos do espírito.

Muitos dizem hoje: “Gostaria de ver Cristo em pessoa, o seu rosto, as suas vestes, as suas sandálias.” Pois bem, tu podes vê-lo na Eucaristia, tocá-lo, recebê-lo! Querias ver as suas vestes, e Ele te concede muito mais: dá-se a ti, não apenas para O veres, mas para O tocares, O receberes e O acolheres no teu coração.

Que ninguém, pois, se aproxime com indiferença ou frieza, mas que todos venham a Ele com amor ardente.

123. «Este é o meu sangue [...], derramado pela multidão»

Homília sobre a 1.ª Carta aos Coríntios, 2 (PG 61, 199)

Os amantes deste mundo demonstram a sua generosidade oferecendo dinheiro, vestes e diversos presentes; mas nenhum deles oferece o próprio sangue. Cristo, porém, deu-nos o seu sangue, manifestando, assim, a ternura que tem por nós e o ardor do seu amor.

Na antiga Lei, [...] Deus aceitava o sangue dos sacrifícios, mas fazia-o para impedir o seu povo de oferecê-lo aos ídolos — o que já era uma prova de grande amor. Cristo,

entretanto, modificou este rito [...]; a vítima já não é a mesma, pois é a Si próprio que Ele oferece em sacrifício.

«O pão que partimos não é a comunhão no corpo de Cristo?» (1Cor 10,16). [...] E o que é este pão? É o corpo de Cristo. Em que se tornam aqueles que dele comungam? No corpo de Cristo. Eles já não formam uma multiplicidade de corpos, mas um único corpo. Pois, assim como o pão, constituído por muitos grãos de trigo, é um só pão no qual os grãos desaparecem, e embora subsistam já não é possível distingui-los, por estarem perfeitamente unidos, assim também nós, reunidos em Cristo, formamos um só todo.

Ora, se participamos todos do mesmo pão e estamos todos unidos ao mesmo Cristo, por que não manifestamos todos o mesmo amor? Por que não nos tornamos também um só nisso?

Era assim no início: «A multidão dos que haviam crido era um só coração e uma só alma» (At 4,32). [...] Cristo veio ao teu encontro, a ti que estavas longe, para unir-Se a ti; e tu não queres unir-te a teu irmão? [...] Separas-te dele com violência, depois de teres recebido do Senhor tão grande prova de amor e a própria vida?

Com efeito, Ele não Se limitou a dar o seu corpo. Como a nossa carne, formada da terra, havia perdido a vida e estava morta pelo pecado, Ele nela introduziu, por assim dizer, outra substância, como um fermento: a sua própria carne, da mesma natureza que a nossa, mas sem pecado e plena de vida.

E deu-a a todos nós, para que, nutridos no banquete desta nova carne, [...] possamos entrar na vida imortal.

124. «Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas; não vim revogar, mas completar»

Homilias sobre São Mateus, n.º 16

Quereis saber como é que, longe de revogar a Lei e os profetas, Jesus vem confirmá-los e completá-los?

Quanto aos profetas, Ele os confirma realizando, com as suas obras, o que eles haviam anunciado; por isso, Mateus usa com frequência a expressão: «Para que se cumprisse a palavra do profeta...».

Quanto à Lei, Cristo a cumpriu de três modos.

Primeiro, não omitindo nenhuma prescrição legal. Com efeito, disse a João Batista: «Convém que se cumpra toda a justiça» (Mt 3,15); e aos judeus: «Quem de vós pode acusar-me de pecado?» (Jo 8,46). [...].

Segundo, cumpriu a Lei porque quis submeter-Se a ela para a nossa salvação. Ó prodígio! Ao fazê-lo, comunicou-nos a graça de também nós a cumprirmos, como ensina São Paulo: «O fim da Lei é Cristo, para que a justiça seja concedida a todo o que tem fé» (Rm 10,4); e ainda: o Salvador condenou o pecado na carne «para que a justiça exigida pela Lei se cumpra plenamente em nós, que já não procedemos segundo a carne» (Rm 8,4); «Quer isso dizer, então, que, com a fé, anulamos a

Lei? De maneira nenhuma! Pelo contrário, confirmamos a Lei» (Rm 3,31).

Com efeito, a Lei visava tornar o homem justo, mas não tinha força para o fazer; por isso, Cristo — que é o fim da Lei — veio mostrar o caminho que conduz à justiça, isto é, a fé, cumprindo assim a intenção profunda da Lei. A letra da Lei não podia justificar o pecador, mas a fé em Cristo pode justificá-lo. Eis porque Ele afirma que não veio revogar a Lei.

Por fim, há um terceiro modo de cumprimento: os preceitos que Cristo nos deu. Longe de anularem a Lei de Moisés, eles são a sua consequência justa e o cumprimento natural da mesma.

125. «Daqui em diante serás pescador de homens»

Homilia sobre a cananeia, 10-11

Hoje não consegui persuadir meu ouvinte, mas talvez consiga amanhã, ou daqui a três ou quatro dias, ou em qualquer outro momento. Às vezes, o pescador que passou o dia inteiro lançando as redes sem resultado, ao cair da tarde — pouco antes de recolhê-las — consegue capturar o peixe que não apanhara durante o dia.

Do mesmo modo, o lavrador não deixa de cultivar a terra, mesmo que por vários anos a colheita não seja boa; pois, muitas vezes, um único ano de fartura compensa abundantemente todas as perdas anteriores. Deus não nos exige que obtenhamos êxito, mas que trabalhemos — e o

nosso esforço não deixará de ser recompensado só porque, por ora, não fomos ouvidos.

Mais ainda: o diabo não cessa de tentar todos os fiéis, pois prevê que muitos serão salvos. Observai com que zelo, com que perseverança infernal e com que detestável diligência ele persegue a alma até o último suspiro. Se ele não desiste até esse instante final, credes que o vosso bispo não se empenhará pela salvação da vossa alma ao menos tanto quanto o diabo trabalha por sua perdição?

Cristo, embora soubesse que Judas não se converteria, ainda assim procurou até o fim movê-lo ao arrependimento, censurando-lhe a falta com doçura: «Amigo, a que vieste?» (Mt 26,50). Ora, se Cristo — modelo supremo dos pastores — trabalhou até o fim pela conversão de um homem endurecido, o que não devemos nós fazer por aqueles em cuja salvação ainda nos é lícito esperar?

126. «Mas sobre o candelabro»

Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, n.º 20, 3-4; PG
60, 162

Não há nada mais insensato do que um cristão que não se empenha em salvar os outros.

Não digas que é por causa da pobreza — pois a viúva que ofereceu apenas duas moedinhas levantar-se-á para te acusar (cf. Lc 21,2); também Pedro, que declarou: «Não tenho ouro nem prata» (At 3,6), e Paulo, que tantas vezes padeceu

fome e passou necessidade (cf. 1Cor 4,11), te servirão de testemunhas.

Não alegues humildade de origem — também eles eram de condição modesta. Nem recorras à desculpa da ignorância — pois também eles eram homens iletrados [...]. Nem mesmo invoques a doença — Timóteo, por exemplo, era sujeito a frequentes enfermidades (cf. 1Tm 5,23) [...].

Não digas: “Não consigo reconduzir ninguém ao bom caminho”, pois, se és cristão, é impossível que tal não aconteça. Cada árvore dá o seu fruto próprio (cf. Mt 7,17s) e, assim como não há contradição na natureza, também é certo que o cristão, por sua própria essência, leva outros a Cristo.

É mais fácil a luz se tornar trevas do que um verdadeiro cristão deixar de irradiar claridade.

127. «As parábolas do tesouro e da pérola»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 47, 2

As duas parábolas — a do tesouro e a da pérola — transmitem a mesma lição: é preciso preferir o Evangelho a todos os tesouros do mundo. [...]

Mas há um mérito ainda maior: preferi-lo com gosto, com alegria e sem hesitar. Nunca devemos esquecer que, ao renunciar a tudo para seguir a Deus, ganhamos infinitamente mais do que perdemos. O anúncio do Evangelho permanece

oculto neste mundo como um tesouro escondido — um tesouro inestimável.

Para buscar esse tesouro, [...] duas condições são necessárias: renunciar aos bens do mundo e possuir uma coragem sólida. É o que nos ensina a parábola: «um negociante que procura pérolas preciosas. Ao encontrar uma de grande valor, foi, vendeu tudo quanto possuía e comprou-a».

Essa pérola única é a Verdade — e a Verdade é una, indivisível. Se a possuis, conheces a tua riqueza; mas, se a guardas fechada na concha da mão, o mundo não verá a tua fortuna. Assim também é com o Evangelho: se o abraças com fé e o guardas no coração, que tesouro! Mas somente tu o conhecerás. Os não crentes, ignorando a sua natureza e o seu valor, não podem imaginar a incomparável riqueza que tens.

128. «Concede-me um prazo»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 61

Cristo nos pede duas coisas: que reconheçamos e condenemos os nossos próprios pecados e que perdoemos os pecados dos outros — e que façamos a primeira para facilitar a segunda. De fato, quem reflete sobre as próprias faltas torna-se menos severo para com os companheiros de miséria. E o perdão não deve ser apenas de lábios, mas do fundo do coração, para que não voltemos contra nós mesmos a espada que pensamos cravar nos outros. Que mal o teu inimigo pode

causar-te, comparado ao que tu mesmo podes infligir à tua alma com o teu rancor? [...]

Considera quantas vantagens advêm de uma ofensa recebida com humildade e mansidão. Primeiro — e o mais importante — mereces o perdão dos teus pecados. Em seguida, exercitas a paciência e a coragem. Depois, adquires mansidão e caridade: quem não se ira contra os que lhe fizeram mal será ainda mais generoso para com os que o amam. Em quarto lugar, arrancas a cólera do coração, o que é um bem incomparável; pois quem se livra da cólera também se liberta da tristeza, não desperdiçando a vida em mágoas e ansiedades inúteis.

Na verdade, punimos a nós mesmos quando odiamos os outros; e só fazemos bem a nós mesmos quando os amamos. Além disso, todos te respeitarão, até mesmo os teus inimigos — ainda que sejam demônios. Melhor ainda: agindo assim, deixarás de ter inimigos.

129. «Mas coloca-a num candelabro»

Homilias sobre os Atos dos Apóstolos, n.º 20, 3-4; PG
60, 162

Não há nada mais insensato do que um cristão que não se empenha em salvar os outros. Não podes desculpar-te com a pobreza, pois a viúva que ofereceu duas pequenas moedas levantar-se-á para te acusar (cf. Lc 21,2); e Pedro, que disse: «Não tenho ouro nem prata» (At 3,6), assim como Paulo, que tantas vezes passava fome e carecia do necessário (cf. 1Cor 4,11). Tampouco podes alegar humildade de origem: eles

também eram de condição simples. Nem mesmo a ignorância serve de desculpa, pois eram homens iletrados [...]. E não invoques a doença, já que Timóteo sofria frequentes enfermidades (cf. 1Tim 5,23) [...].

Não digas que não podes reconduzir outros ao bom caminho, porque, se és verdadeiramente cristão, é impossível que não o faças. Cada árvore produz o seu fruto próprio (cf. Mt 7,17s) e, como não há contradição na natureza, esta verdade deriva da própria natureza do cristão. [...] É mais fácil a luz tornar-se trevas do que um cristão deixar de brilhar.

130. «Jesus exultou de alegria pela ação do Espírito Santo»

Homília 1 sobre a 1.ª Carta aos Tessalonicenses

«Vós vos tornastes imitadores nossos e do Senhor» — diz Paulo. Como? — «Acolhendo a Palavra em plena tribulação, com a alegria do Espírito Santo» (1Tess 1,6). [...]

As provações afetam a parte material do nosso ser; a alegria, porém, resplandece nas alturas espirituais. Explico: os reveses da vida são tristes e penosos, mas os frutos que deles vêm, quando Deus os permite, são motivo de júbilo. Assim, talvez não nos alegremos por sofrer, se o fazemos em castigo dos nossos pecados; mas suportaremos com alegria até os açoites, se for por Cristo (cf. At 5,41).

É a isto que o Apóstolo chama «a alegria do Espírito»: ela se respira justamente naquilo que a natureza humana teme e rejeita. «Sofrestes muitas penas — diz ele —, fostes

perseguidos, mas o Espírito não vos abandonou nas provações».

Assim como os três jovens foram envolvidos por uma brisa suave no meio da fornalha (cf. Dn 3,50), vós também, no meio da prova, sois consolados. Ora, aquela brisa não podia vir da natureza do fogo — só podia vir do sopro do Espírito. Do mesmo modo, não está na natureza da tribulação gerar alegria; essa alegria só pode brotar de um sofrimento suportado por Cristo, da brisa do Espírito que transforma a fornalha em lugar de repouso.

E Paulo diz: «com alegria» — não com uma alegria qualquer, mas com uma alegria inesgotável, porque o seu autor é o próprio Espírito.

131. «Tem compaixão de mim, que sou pecador»

Homilias sobre a conversão, 2

Um fariseu e um publicano subiram ao Templo para orar. O fariseu começa por enunciar as suas qualidades: «Meu Deus, dou-Te graças por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem como este publicano».

Miserável! Atreves-te a julgar todo o mundo! Por que desprezas o teu próximo? E, como se não bastasse, ainda precisas de condenar o publicano! [...] Acusaste todos os homens, sem exceção: «por não ser como os outros homens [...] nem como este publicano. Jejuo duas vezes por semana e

pago o dízimo de todos os meus rendimentos». Infeliz! Quanta presunção encerram essas palavras!

O publicano, ao ouvir tal oração, poderia ter retrucado: «Quem és tu, para ousares murmurar assim contra mim? Onde me conheces? Nunca viveste entre nós, não és do nosso círculo. A que se deve tamanho orgulho? E quem pode confirmar tuas boas ações? Por que te elogias a ti mesmo e quem te incita a vangloriar-te dessa forma?».

Mas ele nada disse disso. Pelo contrário, prostrou-se por terra e rezou: «Meu Deus, tem compaixão de mim, que sou pecador». E, porque se humilhou, saiu justificado.

O fariseu deixou o Templo privado da absolvição; o publicano, porém, voltou para casa com o coração renovado pela justiça. [...] E não se tratava, nele, de uma humildade aparente — como a de um nobre que se rebaixa momentaneamente —, mas de simples verdade: ele falava a verdade.

132. «A oração humilde e perseverante»

Homilia «Que Cristo seja anunciado», 12-13; PG 51, 319-320

Uma mulher cananeia aproximou-se de Jesus, suplicando-Lhe em altos brados pela filha, atormentada por um espírito maligno. [...] Que era ela — uma estrangeira, uma bárbara, sem qualquer vínculo com a comunidade judaica —

senão uma cadela, indigna de receber o que pedia? «Não é justo tirar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos».

Mas a sua perseverança valeu-lhe ser atendida. Aquela que era apenas uma cadela, Jesus elevou à dignidade dos filhos pequenos; mais ainda, cobriu-a de elogios ao despedir-se: «Ó mulher, grande é a tua fé! Seja feito como desejas» (Mt 15,28).

Quando ouvimos Cristo declarar: «Grande é a tua fé», não precisamos de buscar outra prova da grandeza de alma dessa mulher. Vede como ela apagou a sua indignidade pela perseverança. E notai também que, muitas vezes, obtemos mais do Senhor por nossa própria oração do que pela oração feita por outros em nosso favor.

133. «Lázaro, sai para fora»

Sobre Marta, Maria, Lázaro e o profeta Elias

O Senhor pronunciou apenas estas palavras: «Lázaro, sai para fora» — como um senhor que chama o servo. E o servo saiu, obedecendo ao seu amo. Saiu sem demora. Nem o Hades hesitou, nem a morte ousou resistir, nem as forças do abismo retardaram; antes, encheram-se de pavor. O Hades, que retinha Lázaro há quatro dias, foi sacudido como um navio sem cavilhas, até que alcançou a calma.

Os poderes do abismo não podiam imaginar que Lázaro viesse a ser arrancado das regiões subterrâneas. Mas, quando a voz do Mestre penetrou o túmulo com grande luz, fazendo novamente crescer o cabelo na cabeça de Lázaro,

enchendo de medula o vazio dos ossos e fazendo correr sangue vivo para encher-lhe as veias, os poderes do abismo, tomados de temor, diziam uns aos outros:

«Quem é Este que chama? Quem é Este Onipotente? Quem é o que molda de novo o vaso partido? Quem desperta os mortos do seu sono? Quem quebra as portas de ferro? Quem grita: “Lázaro, sai para fora”? Sua voz soa humana, mas Seu poder é divino. Quem é Aquele que o chama? Não é simples homem. Sua aparência é de homem, mas Sua voz é de Deus. Mandemos depressa Lázaro para fora, para que Aquele que o chama não desça até aqui; para que Aquele que o chama não apareça em nosso meio».

Então, os mortos começaram a estremecer e a mover-se, dizendo: «Entreguemos um de nós, para que não percamos a todos». E Lázaro ergueu-se do seio do Hades, confessando, louvando e glorificando Nosso Senhor Jesus Cristo.

134. «Tu amas-Me? [...] Apascenta as minhas ovelhas»

2ª homilia sobre a inscrição do livro dos Atos dos Apóstolos

Imitemos o comportamento dos apóstolos e não lhes seremos inferiores em nada. Com efeito, não foram os milagres que fizeram deles apóstolos, mas a santidade de vida; é nisso que se reconhece um discípulo de Cristo. Essa marca foi-nos dada claramente pelo Senhor: quando quis traçar o retrato dos Seus discípulos e revelar o sinal que os distinguiria, disse: «Por isto é que todos saberão que sois

Meus discípulos». Que sinal é esse? Fazer milagres? Ressuscitar mortos? De forma alguma. Então, qual é? Todos reconhecerão que sois Meus discípulos **se vos amardes uns aos outros** (Jo 13,35).

O amor não é um milagre, mas uma obra: «O amor é o pleno cumprimento da lei» (Rm 13,10). [...] Tende, pois, amor em vós, e sereis contados no número dos apóstolos — estareis mesmo na primeira fila. Quereis outra prova deste ensinamento? Vede como Cristo Se dirige a Pedro: «Simão, filho de João, tu Me amas mais do que estes?». Não há nada que mais nos faça alcançar o Reino dos Céus do que amar a Cristo como Ele merece. [...] Que faremos para O amar mais do que os apóstolos? [...] Escutemos o próprio Cristo — Aquele que devemos amar: **«Se Me amas mais do que estes, apascenta as Minhas ovelhas»**. [...] O zelo, a compaixão e o cuidado são obras; não são milagres.

135. «A luz na lamparina»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 15

«Ninguém acende uma lâmpada para a cobrir com uma vasilha»: com estas palavras, Jesus incentiva os Seus discípulos a levarem uma vida irrepreensível, aconselhando-os a que velem constantemente sobre si mesmos, dado que estão postos sob o olhar de todos os homens, quais atletas num estádio, vistos por todo o universo (cf. 1Cor 4,9).

E diz-lhes: «Não penseis: *Podemos ficar calmamente sentados, aqui escondidos neste cantinho do mundo*, porque sois visíveis para todos os homens, qual cidade situada no alto

de um monte (cf. Mt 5,14), qual luz que, no interior de uma casa, foi colocada no candelabro. [...] Eu acendi a luz da vossa lâmpada; compete-vos mantê-la, não apenas para vossa vantagem pessoal, mas no interesse de todos os que a virem e forem por ela conduzidos à verdade. Se viverdes vigilantes, como quem é chamado a conduzir o mundo inteiro ao bem, nem as piores maldades poderão ensombrar a vossa luz. Assim, pois, que a vossa vida corresponda à santidade do vosso ministério, para que a graça de Deus seja anunciada a todos».

136. «O pai e a mãe do Menino Jesus estavam admirados com o que dele se dizia»

Homilia para o Natal; PG 56, 392

Que posso dizer sobre este mistério? Vejo um operário, uma manjedoura, um Menino, uns paninhos, uma Virgem que dá à luz privada do necessário; vejo as marcas da indigência, o fardo da pobreza. Alguma vez vistes a riqueza em tal penúria? Como é que Aquele que era rico Se fez pobre por nós (cf. 2Cor 8,9) a ponto de, privado de berço e de mantas, estar deitado numa dura manjedoura? [...] Oh! Riqueza imensa, sob a aparência de pobreza! Ele dorme numa manjedoura, mas abala o universo. Envolto em panos, rompe as cadeias do pecado. Embora ainda não saiba falar, instruiu os magos para que regressassem por outro caminho. O mistério ultrapassa em muito a palavra!

Eis o Menino envolto em panos, deitado numa manjedoura; e Maria, Virgem e Mãe; e também José, a quem

chamamos seu pai. Este desposou Maria, mas o Espírito Santo cobriu-a com a sua sombra. Por isso, José ficou angustiado, não sabendo que nome dar ao Menino. [...] Nessa ansiedade, chegou-lhe uma mensagem através de um anjo: «José, filho de David, não temas receber Maria, tua esposa, pois o que nela se gerou é fruto do Espírito Santo» (Mt 1,20). [...] Porque nasceu o Salvador duma Virgem? Eva, que era virgem, deixou-se seduzir e deu à luz a causa da nossa morte; Maria, tendo recebido do anjo a Boa Nova, deu à luz o Verbo feito carne, que nos traz a vida eterna.

137. «Encontramos o Messias»

Homilias sobre o Evangelho de João, n.º 19

Depois de ter estado com Jesus e de ter aprendido muito, André não guardou este tesouro para si; apressou-se a ir ter com seu irmão para o fazer participar do bem que tinha recebido. [...] Reparaí como Pedro tem, desde o princípio, um espírito dócil e obediente [...], pois acontece sem demora: André «levou-o a Jesus», diz o evangelista. Mas que ninguém o acuse de leviandade, como se tivesse aceitado cegamente o convite do irmão. É provável que este lhe tenha falado longamente e em pormenor, porque os evangelistas omitem muitas coisas por uma questão de brevidade. Além disso, não está dito que Pedro acreditou imediatamente, mas que o seu irmão «levou-o a Jesus» e Lho confiou, para que Pedro fosse totalmente instruído por Ele.

Quando João Batista diz: «Eis o Cordeiro», e que Ele «batiza no Espírito Santo», confia a Cristo a tarefa de ensinar

mais claramente esta doutrina. Com maioria de razão o fez André, pois não se considerava capaz de explicar tudo: conduziu seu irmão à própria fonte da luz, e fê-lo com tanta pressa e alegria que ele não hesitou um momento em ir.

138. «Cristo veio curar-nos da lepra do pecado»

Homilia 25 sobre São Mateus, 1-2; PG 57, 328-330

«Quando Ele desceu do monte, seguiram-no numerosas multidões. E eis que um leproso, aproximando-se, ajoelhou-se diante dele, dizendo: "Senhor, se quiseres, podes purificar-me"» (Mt 8,1-2).

Grande era a discrição e a fé daquele que assim se aproximou: teve o cuidado de não interromper o ensinamento de Jesus, não atravessou a multidão que O escutava; mas esperou o momento certo e aproximou-se do Senhor quando Ele já tinha descido do monte. Não se dirige a Ele de forma banal, mas com grande fervor, caindo de joelhos, como diz outro evangelista, com uma fé profunda e uma ideia exata de Cristo; pois não Lhe disse: «se pedires a Deus» ou: «se rezares», mas «se quiseres, podes purificar-me». Nem disse: «Senhor, purifica-me», mas confiou-se inteiramente a Ele, tornando-O senhor da sua cura e testemunhando a sua onnipotência.

E Jesus não respondeu: «Fica purificado», mas: «Quero: fica purificado» (Mt 8,3). Com estas palavras, quis

reforçar em todo o povo e no leproso a convicção do seu poder; por isso disse: «quero». [...]

Se, para o purificar, Lhe bastava querer e falar, por que razão lhe tocou Jesus com a mão? Parece-me que a razão era mostrar que não estava sob a Lei, mas acima dela, e que não se tornaria impuro ao contacto com a lepra; pelo contrário, o corpo do leproso foi purificado por esta mão santíssima. Cristo não veio apenas curar os corpos, mas elevar as almas à santidade e ensinar-nos que a única lepra que devemos temer é a do pecado.

139. «O alimento que dura até à vida eterna e que o Filho do homem vos dará»

Homilias sobre o Evangelho de Mateus, n.º 82, 5

Os judeus comiam a refeição da Páscoa em pé, de sandálias nos pés e cajado na mão; comiam-na à pressa (cf. Ex 12,11). Tu tens ainda mais razão para te manter vigilante! Eles preparavam-se para partir para a Terra Prometida e comportavam-se como viajantes; tu encaminhas-te para o Céu. É por isso que devemos estar sempre em guarda. [...]

Os inimigos de Cristo feriram o seu santíssimo corpo sem saberem o que faziam (cf. Lc 23,34); e tu, receberias este mesmo corpo com a alma impura, depois de tantos benefícios que Ele te fez? Pois Ele não Se contentou em Se fazer homem, em ser flagelado e morto; no seu amor, quis ainda unir-Se a

nós, identificar-Se conosco não apenas pela fé, mas realmente, pela participação no seu próprio corpo. [...]

Considera a honra que recebes e a mesa de que és conviva. Aquele que os anjos não contemplam sem tremer, Aquele para quem não ousam olhar sem temor por causa do esplendor da glória que Lhe irradia do rosto, é Ele mesmo que nos serve de alimento, tornando-nos um só corpo e uma só carne com Ele. «Quem poderá contar as obras do Senhor e anunciar todos os seus louvores?» (Sl 106,2). Que pastor jamais alimentou as suas ovelhas com a sua própria carne? [...] Muitas vezes as mães confiam os filhos a amas de leite; não assim Cristo. Ele mesmo nos alimenta com o seu próprio sangue, tornando-nos um só corpo com Ele.

140. «Aquele que os [mandamentos] praticar e ensinar será grande no Reino dos Céus»

Homilia XVI, 4

O homem não deve limitar-se a prover às suas próprias necessidades, mas também às dos outros. A recompensa não é a mesma para quem apenas se preocupa consigo próprio e para quem se salva juntamente com os outros. Assim como aquele que prega, mas não faz o que diz, se condena a si mesmo — segundo São Paulo: «Como é que tu ensinas os outros e não te ensinas a ti próprio?» (Rm 2,21) — também aquele que pratica o bem, mas não ensina os outros a praticá-lo, perde grande parte da sua recompensa.

Devemos, portanto, esforçar-nos por ambas as coisas: corrigir-nos a nós mesmos e, em seguida, estender a nossa

vigilância e caridade aos irmãos. Por isso, Jesus Cristo diz que é preciso **fazer** e depois **ensinar**. Coloca a prática antes da instrução para mostrar que não podemos ensinar utilmente se não tivermos praticado antes o que ensinamos; caso contrário, ouvir-se-á contra nós: «Médico, cura-te a ti mesmo» (Lc 4,23).

Quem, sem saber governar-se, se atreve a instruir os outros, corre o risco de ser escarnecido pelos ouvintes, e toda a sua doutrina será inútil, pois destruirá com os atos o que construiu com as palavras. «Aquele que os [mandamentos] praticar e ensinar será grande no Reino dos Céus.»

141. «Darei a minha vida por Ti» (Jo 13,37)

Homilia 88 sobre o Evangelho de São João; PG 59,
477-480

Depois de ter falado a Pedro sobre o amor que ele devia ter, Jesus predisse-lhe o martírio que o aguardava, mostrando, assim, a confiança que depositava nele.

Para nos dar um exemplo de amor e ensinar-nos a melhor forma de O amar, disse-lhe: «Quando eras mais novo, tu mesmo te cingias e ias para onde querias; mas, quando fores mais velho, estenderás as mãos, e outro te cingirá e te levará para onde não queres». Era, na verdade, o que Pedro queria e desejava; por isso Jesus lhe falou assim. Pedro havia dito: «Darei a minha vida por Ti» (Jo 13,37) e: «Mesmo que tenha de morrer contigo, não Te negarei» (Mt 26,35). Jesus,

então, corresponde ao seu desejo. Não lhe diz estas coisas para o amedrontar, mas para reacender-lhe o ardor, pois conhece o seu amor e a sua impetuosidade; por isso, pode revelar-lhe o tipo de morte que o esperava.

A Pedro, que sempre quis enfrentar perigos por Cristo, Jesus diz: «Tem confiança, o teu desejo realizar-se-á; o que não suportaste na juventude, suportarás na velhice».

E, para chamar a atenção do leitor, o evangelista acrescenta: «Disse isto para indicar o gênero de morte com que Pedro havia de dar glória a Deus». Com estas palavras, aprendemos que sofrer por Cristo é, ao mesmo tempo, glória e honra.

142. «Porque pensais mal em vossos corações?»

Homilias sobre São Mateus, n.º 29

Os doutores da Lei diziam: «Este homem blasfema», pois quem pode perdoar pecados senão Deus? Qual foi a resposta do Salvador? Terá Ele desaprovado o que diziam? Se não fosse igual a Deus, deveria ter-lhes dito: «Por que Me atribuíis tal pretensão?» [...]. Mas não disse isso; pelo contrário, confirmou a afirmação dos Seus inimigos.

Dar testemunho de si mesmo levanta suspeitas; é melhor que a verdade seja confirmada por outros, e, não apenas por amigos — ainda mais, se for por inimigos. O nosso Mestre já havia demonstrado o Seu poder aos amigos quando dissera ao leproso: «Quero, fica purificado» (Mc 1,41) e ao

centurião: «Não encontrei em Israel ninguém com tamanha fé!» (Mt 8,10). Agora, faz com que sejam os próprios inimigos a dar testemunho [...].

Há, porém, ainda outra prova da divindade de Jesus Cristo, de que Ele é igual ao Pai: não apenas porque perdoar pecados é prerrogativa divina, mas também porque só Deus pode penetrar nos pensamentos secretos dos corações. Está escrito: «Mas Jesus, conhecendo os seus pensamentos, disse: “Por que pensais mal em vossos corações?”». O profeta escreve: «Só Tu conheces o coração dos homens» (2Cr 6,30); Tu «examinas os rins e o coração» (Sl 7,10) [...]; «O homem vê as aparências, mas o Senhor olha o coração» (1Sm 16,7).

Ao mesmo tempo, Cristo dá nova prova da Sua ternura: «Por que pensais mal em vossos corações?» [...]. «O que vos parece mais fácil: curar um corpo enfermo ou perdoar os pecados de uma alma? A alma é mais elevada; suas doenças são mais difíceis de curar. Mas, como essa cura é invisível, realizarei diante de vós uma cura visível, ainda que menos importante» [...]. Assim, Jesus ordena ao paralítico que se levante e volte para casa [...], como se dissesse: «Através do que te aconteceu, quero curar estas pessoas, que parecem de boa saúde, mas que, na realidade, têm a alma doente. Mas, visto que não querem, vai tu para a tua casa, onde a tua cura dará frutos».

